BIZZ

EXTRA!!! Exclusiva Pearl Jam

ENGENHEIROS DO HAWAII

Na volta do exterior,
um disco com orquestra

MADONNA

Sexo para as massas

Por dentro e por trás de
sua turnê mais escandalosa

CADERNO ESPECIAL AO VIVO

U2 . SPIN DOCTORS . SOUL ASYLUM
SCREAMING TREES . PETER GABRIEL
ROBERT PLANT . FESTIVAIS: READING
FREE JAZZ . FEST IN BAHIA & MAIS...

ISSN 0100-1647
000099>

Ozzy • Henry Rollins • Guns N'Roses • Bob Marley

TINA

A TINA QUE VOCÊ CONHECE NA HISTÓRIA QUE VOCÊ NÃO CONHECE.

"SENSACIONAL!"
ABC RADIO NETWORK

"TINA ESTÁ MAIS QUENTE DO QUE NUNCA"
TIME MAGAZINE

"MAIS QUE UMA BIOGRAFIA, UM DRAMA SOBRE O DESPERTAR DE UMA MULHER, DA JUVENTUDE, PASSANDO POR SITUAÇÕES DESTRUTIVAS, ATÉ A VOLTA POR CIMA E O SUCESSO FINAL."
LOS ANGELES TIMES

"UAU! SUCESSO GARANTIDO!"
WNBC-TV

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE TINA TURNER

LANÇAMENTO DIA 22 DE OUTUBRO EM SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE, PORTO ALEGRE NOS MELHORES CINEMAS.

Touchstone Pictures

EDITORIAL

THE CANIBALS

Ratos! Trovões!! Relâmpagos!!!
Foram dias negros, aqueles vividos no último mês aqui na BIZZ. A redação ficou extremamente desfalcada: à saída do último editor, André Forastieri, juntaram-se as perdas de Carlos Eduardo Miranda e de Rogério de Campos. Resumo: fiquei sem faca e com um tremendo abacaxi para descascar. Ou seja, manter o nível de qualidade que a revista se propôs ao começar essa nova fase, sem contar com colegas importantes. O "little help from my friends" veio de Alex Antunes (ex-editor da BIZZ) e de José Júlio (ex-responsável por *Letras Traduzidas* e colaborador constante desta revista), já incorporados à redação – que em breve terá mais caras novas.
E no meio de toda tormenta, aportam por aqui dois *megastars* do porte de Michael Jackson e de Madonna! De acordo com nosso fechamento, não teríamos condições de acompanhar o show de Michael (que será devidamente coberto em nossa próxima edição), mas às vésperas da chegada da *material girl*, trazemos para vocês os agitos de sua estréia em Londres e outros quitutes – mas se você quiser a ficha completa dela, procure o álbum especial da BIZZ, recém-editado.
Ainda nesta edição, promovemos a volta da tão reclamada parada dos leitores, a quem pedimos encarecidamente que nos escrevam contando quais foram os últimos discos que compraram.
As primeiras vinte cartas que chegarem à redação receberão camisetas de brinde.
Outra bronca dos leitores era a extinção da seção *Ao Vivo*, com as coberturas de shows. Para nos redimirmos disso, promovemos a "volta triunfal" deste item, num caderno especial de dezesseis páginas. Finalmente, este desenho acima é uma prévia de uma HQ, que você terá na íntegra em nosso próximo número: BIZZ 100 – a edição centenária! Até lá.

CELSO PUCCI

Ilustração: Speto (baseado em cartoons dos anos 20)

BIZZ

este mês

22
Ex-líder do aterrador Black Flag, HENRY ROLLINS fala de projetos, discos, livros e outros meios dos quais usa para expressar sua revolta pessoal latente

26
OZZY OSBOURNE faz uma retrospectiva de sua carreira desde os tempos do Black Sabbath, até seu novo disco ao vivo, *Live & Loud*, na segunda entrevista de *Clássicos '70*

30
Stone Gossard, guitarrista do aclamado PEARL JAM, conta as últimas peripécias do grupo e fala sobre o tão esperado álbum, *Versus*, a José Emilio Rondeau

34
Em Londres, Anamaria G. de Lemos assistiu a estréia mundial de *The Girlie Show*. As suas impressões sobre o megashow, bem como outros detalhes sobre MADONNA estão nesta matéria para ler e guardar

42
Foram tocar para brazucas no estrangeiro e gravaram um disco acompanhados de orquestra! Tente entender o que se passa na cabeça de Humberto Gessinger e dos seus ENGENHEIROS DO HAWAII

SHOWBIZZ

6 Guns N'Roses: as atribulações da megaturnê
8 Punk e estrela pornô gravando juntos!
10 O que rola em Londres e a premiação do VMA
12 As novidades na tribo metaleira
14 Sepultura: clima medieval e roda de samba na festa de arromba
16 Um tributo ao ilustrador Macarrão
18 Die Haut: a banda alemã que passa pelo Brasil com Nick Cave
19 Algumas perguntas para Morton Harket, do A-Ha
20 A drag queen Ru Paul bota para quebrar e requebrar

LANÇAMENTOS

48 O novo Sepultura, Chaos A.D., por André Barcinski
50 Cypress Hill, Arnaldo Antunes, Van Morrison
54 Parada, agora incluindo leitores, lojas e Arquivo Pessoal
56 Vídeo: Kiss, Cream, Faith No More, Eric Burdon

ZONA FRANCA

58 Big Star, selos de dance music, Ozric Tentacles, Voivöd

REPLAY

64 Pacotaço de Bob Marley, Paul McCartney, Neil Young, Cat Stevens

CARTAS

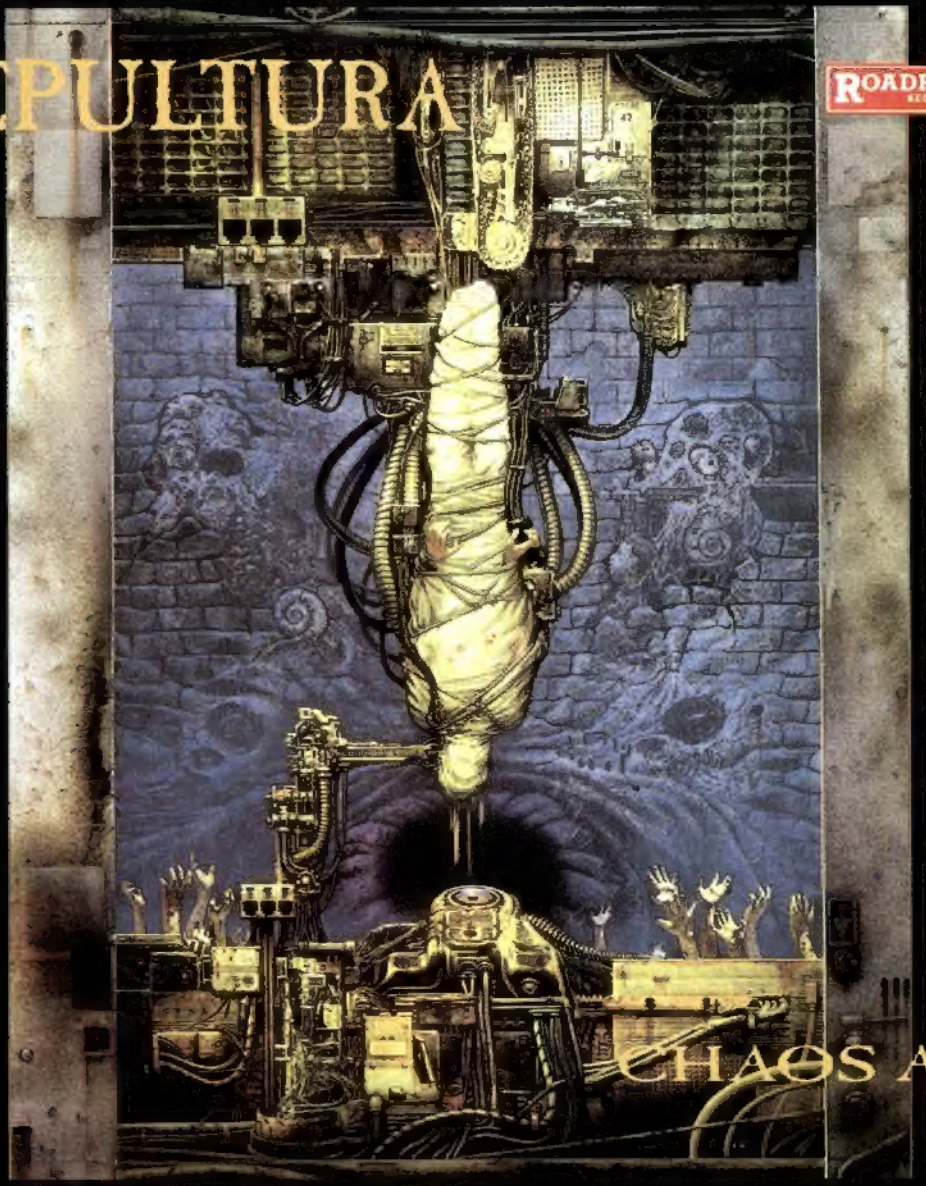
72 Bomba! Leitora conversa com John Lennon!!

DISCOTECA BÁSICA

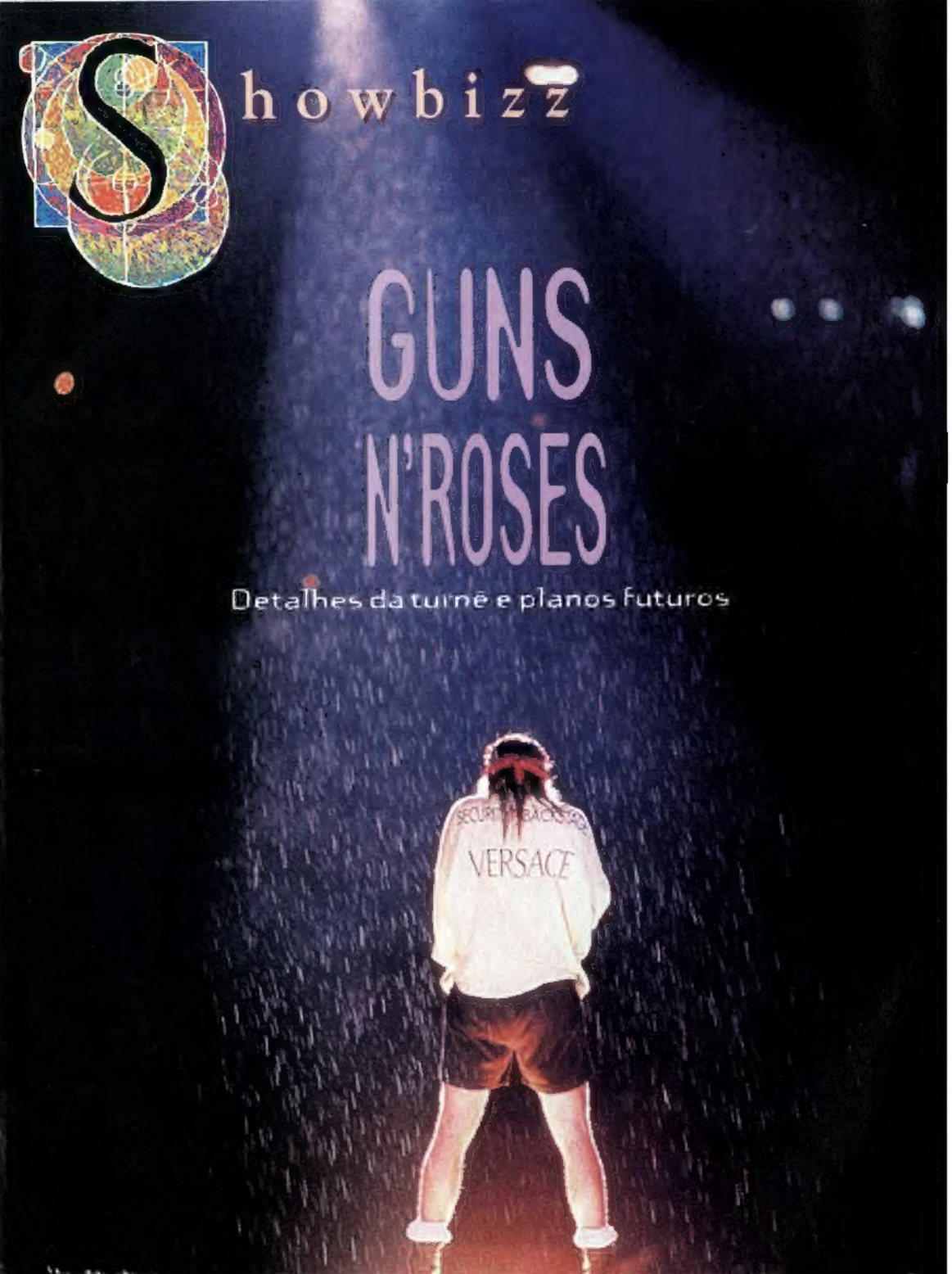
74 O antológico – e esquecido – álbum dos Modern Lovers

SEPULTURA

ROADRUNNER RECORDS



CHAOS A.D.



NEM SÓ DE CADEIRADAS SE VIVE

Em dois anos, muita coisa acontece. Principalmente para quem lança dois álbuns duplos de uma vez e sai mundo afora numa turnê monstruosa. Em novembro de 92, até a América do Sul entrou na rota da excursão. O grupo passou por Venezuela, Chile, Brasil e Argentina (onde fechariam a rota mundial, voltando em 17 de julho deste ano). Não foram só as cadeiras de hotel voando que ficaram entre as curiosidades. Aí vão mais:

• Em 29 de abril desse ano, Gilby Clarke quebrou o pulso esquerdo num acidente de moto. O próprio Izzy Sytradlin, que havia caído fora da banda para formar seus Ju Ju Hounds, foi chamado para substituí-lo.

• Em um show em Tel Aviv, Israel, em 22 de maio, os gunners levantaram os koshers mais radicais para uma versão hard rock de "Hava Nagila".

• Axl parou um show na Turquia e avisou: "Se não pararem de atirar tochas acesas uns contra os outros, vamos embora." Ninguém obedeceu.

• Em Buenos Aires, um dia antes do último show da turnê, uma tropa de 50 policiais da divisão de narcóticos invadiu o hotel onde Axl & Cia. se hospedavam. Foram direto para a suíte de Axl à procura de um saco de cocaína, supostamente em poder da banda. Não acharam nada.

A TURNÊ DO EXAGERO

• *Use Your Illusion World Tour*, maior excursão da história do rock, durou 28 meses e passou por 28 países, tocando para sete milhões de pessoas.

• Durante o ano de 92, o Guns N'Roses tocou para 3.003.086 pessoas.

• O palco pesava cinquenta toneladas e suportava 150 de equipamentos.

• O show do grupo tinha 250.000 watts de energia e novecentos spots.

• A montagem do palco demandou sessenta pessoas trabalhando por três dias. Para desmanchar a estrutura tomava menos tempo: um dia.

• A *Use Your Illusion World Tour* teve 192 datas; 82 delas fora dos EUA.

A ILUSÃO ACABOU. E AGORA?

• Imagens da turnê serão usadas nos vídeos que sairão. O próximo passo é um longa-metragem da banda, como o U2 fez em *Rattle And Hum*.

• Duff McKagan porá o pé na estrada de novo, desta vez com sua banda.

• Gilby Clarke segue a trilha de McKagan, trabalhando em álbum solo.

• Dizzy Reid dá uma força para um amigo, colaborando em seu álbum.

PARA BOTAR FÉ

Duff McKagan, o chamado "espírito punk dos Guns N'Roses" pela *Rolling Stone*, acaba de lançar um álbum solo. O título é *Believe In Me* e conta com Jeff Beck, Lenny Kravitz, Sebastian Bach (Skid Row), além do resto dos Guns N'Roses, exceto Axl. A idéia surgiu nas gravações de *Use Your Illusion*. Agora, ele monta uma banda ao lado de Joie Mastrokalos (guitarra), Teddy Andreadis (teclados) e Aaron Brooks (bateria).

VOZES DE DUAS ERAS

BONO VOX – ou agora, será McPhisto? – faz um dueto com FRANK SINATRA no novo álbum dos "velhos olhos azuis", que sai no final de outubro. Os dois cantam juntos "Ive Got You Under My Skin", acompanhados de uma orquestra de 62 integrantes. Há rumores de que até AXL ROSE participará da inusitada empreitada.

A GATA E O RATO

Saiu o novo disco dos RAMONES. Acid Eaters traz versões de clássicos do rock sessentista. Inclui "Have You Ever Seen The Rain" (hit do Creedence Clearwater Revival), "I Can't Control Myself" (The Troggs) e "Surf City" (hit de Jan & Dean). O disco tem canjas de Pete Townshend, Sebastian Bach e – a melhor – a gostosa Traci Lords fazendo um dueto com Joey Ramone na canção "Somebody To Love", do Jefferson Airplane.

JORNAL NACIONAL

ARRIBA, ARRIBA... No início de 94, a América Latina já vai poder escutar Paulo Ricardo & RPM na língua de Neruda. O álbum vai ganhar uma versão em castelhano com a produção de Fernando Adour – o mesmo a cargo dos discos de Julio Iglesias. Depois disso, só falta os garotos gravarem "Guantanamera" ■ **OLHA O NICA AÍ, GENTE!** O ex-heavy Nicastro, guitarrista do Korzus, virou Nica do Cavaco e montou um grupo de pagode, já em plena atividade nas quebradas paulistanas. O outro guitarrista, Silvio, agora é o único responsável pelo instrumento na banda, que promete voltar breve em nova fase ■ **ALÔ, POLÍCIA...** Fê Lemos, do Capital Inicial, aportou na redação pouco antes do fechamento com uma acusação contra Marilia de Aguiar, a empresária da banda. Segundo o batera – e ele diz estar de posse de provas –, a *manager* e seu parceiro Carlos Schinner estariam metendo a mão na grana do grupo. Isso, sem a mínima intervenção do cantor Dinho, que abandonou o grupo, se juntando a Kwak (ex-Yo-Ho-Delic) e Mingau (ainda dos Inocentes) para fazer um som grunge (!!!). Detalhe: ainda com Marília como empresária. Fora da BMG-Ariola e com Murilo, o novo cantor, eles terminam as músicas do próximo álbum, a ser lançado em março. Segundo Fê, "O som está mais pesado e ao mesmo tempo mais solto. Livre das amarras e 'conceitos' que prejudicaram a espontaneidade e energia do grupo nos últimos discos." *Right here, right now* – é com você, Russomano...

Capital Inicial: sai Dinho, entra Murilo (à dir.)

A DANÇA DAS GRAVADORAS

Alguns selos independentes armaram parcerias com as majors. A gravadora Cogumelo, junto à Warner, está bancando álbuns como *Strap It On* (Helmet) e *Broken* (Nine Inch Nails). Por serem gravações que não sairiam aqui, o acordo agrada ambas as partes. O selo mineiro (via sua subdisiária Hurricane) tem exclusividade do vinil por três meses e a multinacional garante venda mínima que paga os custos da edição. Outras indies testaram o esquema: a Devil e a Woodstock, em São Paulo ■ Ainda sobre gravadoras: a filial brasileira da Roadrunner aproveita o lançamento de *Chaos A.D.*, do Sepultura, para estrear o acordo de distribuição com a *major* BMG-Ariola ■ A Warner, em sociedade com os Titãs, montou o selo Banguela, voltado para bandas brasileiras (primeiros contratados: os Raimundos e seu forró-core), além de adquirir o controle da Continental, última grande gravadora de capital nacional ■ Nota triste nessa área: o fim da loja e selo paulistano Wop Bop, que lançou discos do Harry, Fellini e Vzyadoq Moe.

Showbizz

A Planet Music tem uma proposta irresistível para você.

Troca de Videos Laser Disc
- 3 Videos Laser usados por 1 usado.
- 4 Videos Laser usados por 1 novo.

Troca de CDs Importados
- 2 CDs usados por 1 usado.
- 3 CDs usados por 1 novo.

Preços Imbatíveis de Usados
- CD Importado USA, UK, JAP.....US$10,00
- Video Laser Americano.....US$30,00

PLANET MUSIC

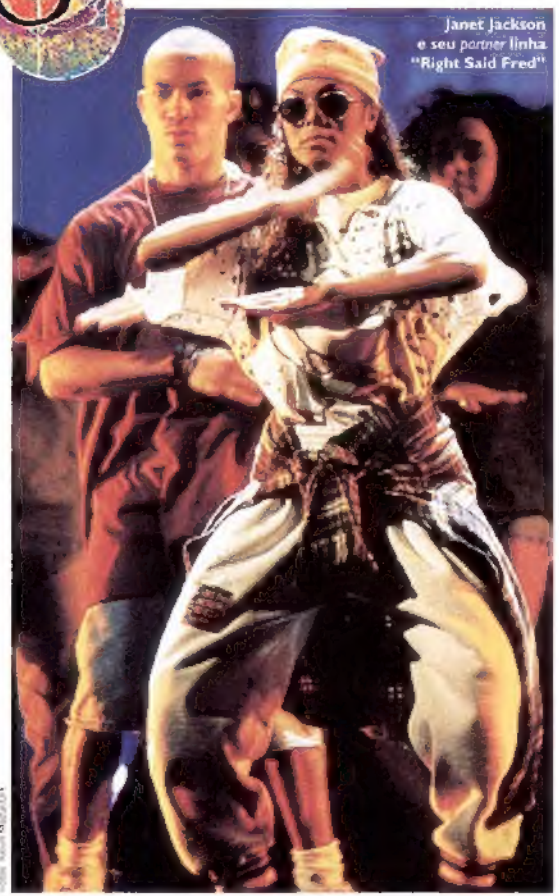
São mais de 10.000 títulos catalogados e uma enorme variedade em estoque para agradar aos mais variados gostos musicais. Além dos últimos lançamentos dos USA, Japão e Europa em CDs, você também encontra as mais recentes novidades em acessórios e produtos que completam e valorizam o seu sistema de som e imagem. A PLANET MUSIC ainda oferece um atendimento especializado para ajudá-lo nas trocas e compras.

São Paulo
- R. da Consolação, 2854 - Tel:881-2165
- Av. Giovanni Gronchi, 5819 lj. 381 Shopping Jardim Sul - Tel:844-8861
- Al. Lorena, 1326 - Tel:64-4883

Rio de Janeiro
- Av. Alvorada, 3000 lj. 1084 - Barra da Tijuca Via Parque Shopping - Tel:(021)385-0384

Em breve:
- Av. Rebouças, 2315 - São Paulo
- Shopping Eldorado - São Paulo
- Natal Shop. Center lj.205- Rio Grande do Norte

BAMBAS DA TELINHA


Janet Jackson e seu *partner* linha "Right Said Fred"

Ru Paul e Lenny Kravitz: eles são neguinhas?

Dia 3 de setembro último a MTV brasileira transmitiu mais uma edição da festa de entrega do astronauta de ouro do Video Music Awards. O Pearl Jam e o En Vogue venceram todas as categorias para as quais haviam sido indicados. As performances ficaram por conta de Madonna, Janet Jackson, Naughty By Nature, Aerosmith, Soul Asylum e a especialíssima apresentação do Pearl Jam junto com Neil Young, aclamado como o pai do grunge. O Nirvana e o Arrested Development, que já haviam abocanhado alguns astronautas no ano passado, repetiram o feito, deixando muita gente boa de fora. Veja a lista dos premiados e confira se o seu grupo predileto esteve lá:

Melhor clip: "Jeremy" • Pearl Jam
Clip masculino: "Are You Gonna Go My Way" • Lenny Kravitz
Clip feminino: "Constant Craving" • k.d. lang
Clip de grupo: "Jeremy" • Pearl Jam
Clip de rap: "People Everyday" • Arrested Development
Clip de dance: "Free Your Mind" • En Vogue
Clip de hard rock: "Jeremy" • Pearl Jam
Clip alternativo: "In Bloom" • Nirvana
Clip de filme: "Would?" • Alice In Chains
Clip de rhythm'n'blues: "Free Your Mind" • En Vogue
Clip inovador: "Kiko And The Lavender Moon" • Los Lobos
Artista em clip: Stone Temple Pilots • "Plush"
Diretor: Mark Pellington • "Jeremy" (Pearl Jam)
Coreografia: "Free Your Mind" • En Vogue
Efeitos especiais: "Steam" • Peter Gabriel
Direção de arte: "Jan Peter Flack • "Rain" (Madonna)
Edição: Douglas Jines • "Steam" (Peter Gabriel)
Fotografia: "Rain" (Madonna)

LONDRES NA LINHA

Glitter Burger

O "glam rocker" dos anos 70, **GARY GLITTER** – ao lado, num anúncio de 88, para uma ferrovia inglesa – planeja entrar em competição com Sylvester Stallone, Bruce Willis e Arnold Schwarzenegger. Pretende abrir seu próprio restaurante a apenas cinqüenta metros do Planet Hollywood londrino, do trio de durões americanos. Os fãs poderão se divertir com velhos vídeos do cantor em seu auge e também com nomes de sanduíches engraçados, como Gary's Platform. Já que o revival setentista se recusa a morrer, por que não tirar proveito? "Até o ano que vem vou ter um restaurante em cada grande cidade do país", promete Glitter.

Os Georges se encontram

Um dos grandes eventos fonográficos de 93: editadas em CD as coletâneas azul e vermelha dos **BEATLES** (1962-1966 e 1967-1970). A sua remasterização digital foi do próprio produtor George Martin, nos estúdios da Abbey Road. Foi lá que a EMI fez seu lançamento. Martin falou da dificuldade de transferir o material para CD e admitiu que haverá outros lançamentos, inéditos. Quem causou comoção foi George Harrison, que apareceu de surpresa, de incenso na mão. Depois de posar com Martin para os fotógrafos, Harrison declarou "Não se esqueçam... all you need is love!" E desapareceu envolto em fumaça com perfume de anos 60.

BABULINA

Depois de assolar as FMs com "W/Brasil", **JORGE BEN JOR** se empolgou: em seu novo disco, prestes a sair pela Warner, cita de novo Washington Oliveto no samba-nonsense "Engenho De Dentro", Tim Maia tocou bateria em "Mulheres No Volante", junto com BI Ribeiro (Paralamas Do Sucesso) no baixo e Scowa (ex-Máfia), fazendo não se sabe o quê.

NO MOTOR

Segundo o "Babulina", "esse é o fator mais 'entusiasmante' nesse novo trabalho, não vejo a hora de estrear a banda ao vivo!" Enquanto isso, a marmanjada do fã-clube da Ludmilla, aquela backing vocal "deliciante", continua desolada com sua saída da banda e promete um boicote caso ela não volte. Ninguém dançava o miudinho como ela...

PLANTÃO

O trio de rappers do **PAVILHÃO 9** já deve estar ficando PhD em delegacia. A caminho do show que deram com o DeFalla e o Second Come no Rio, foram interceptados na rua e gentilmente obrigados por três apraziveis meganhas maquinados a se dirigir ao xadrez. Lá, foram festejados pelo delegado, que desconfiou. "Ih, parece que é um grupo mesmo. Mas, fodam-se: vão tirar a roupa!" O tira que fez a revista só articulava duas frases: "Cadê a cocaína?" e "Vocês são o quê? Punk, funk ou metaleiros?" Depois da infrutífera busca, o Einstein fardado ainda mandou essa:

POLICIAL

"Falou aí, bom show para vocês que daqui a pouco eu vou passar por lá para rapar uns maconheiros". Isso não muito longe da Candelária, onde recentemente foram exterminados sete meninos de rua. A "dura" deu um apetite especial para eles detonarem a música "Otários fardados" que incendiou a galera. Ainda voltaram para uma acachapante versão de "Hip Hop Hooray" (Naughty By Nature), acompanhados pelo De Falla. Os três esperam notícias do Sepultura, que vai gravar com Ice-T e está levando na bagagem um disco do grupo. ALEXANDRE ROSSI

IT'S NOT ALL

HEAVY NEWS

Ilustração: Matangra

Lemmy: "fervendo" ao som de "Ace Of Spades"?

Motörhead na dance music ???

Lemmy e sua galera foram chutados da gravadora Epic depois do fracasso dos últimos dois discos deles. Até seus conterrâneos ingleses não querem mais saber dos caras, chegando a motivar a banda a desmarcar seus shows na terra da rainha, previstos para dezembro, pela fraca venda antecipada de ingressos. Por outro lado, um novo horizonte parece se configurar para o **MOTÖRHEAD**. Contratados pela gravadora *dance* XYZ, eles voltam da maneira mais inusitada: com um single de "Ace Of Spades" que inclui um remix *dance* da mesma.
Enquanto isso, o grupo de *dance music* britânico **UTAH SAINTS** ataca com músicas que incluem samplers do Slayer e do Kiss. Em ambos os casos, pelo menos uma coisa é certa: vai ter gente "batendo cabeça" enquanto requebra os quadris. Será que essa onda pega?

"Aqui Agora" satanista

Coisa linda!!! Lá na Noruega, faz tanto frio que deve afetar o cérebro da rapaziada. O que rola por lá é o mais satânico black metal. Os caras das bandas **MAYHEM** e **BURZUM** formam um grupo de adoradores do capeta intitulado Círculo Interior – também chamados de Terroristas Satânicos. Não contentes em botar fogo em igrejas (você já leu sobre isso aqui na BIZZ), acabaram se desentendendo entre si por um querer ser mais endiabrado do que os outros.
Resultado: Øystein Aarseth, codinome Euronymous, líder do Mayhem, foi encontrado morto a punhaladas nas escadarias de sua casa, cujo endereço era segredo guardado a sete chaves por seus seguidores.
O autor da façanha é seu chapa Varg Vikernes, *a.k.a.* Count Grishnacht, chefão do Burzum – moleque com cara de bom moço mas com o "coisa ruim" na cabeça –, que já era acusado por incêndios em igrejas.
O cara pegou 21 anos de cana. Sobre o assassinato, ele só comentou: "A única coisa negativa disso tudo é que quando alguém morre, deixa de sofrer e o que nós gostamos mesmo é de sofrimento". Sai fora!

Roupa suja nos bastidores

Depois de apenas três shows conjuntos, o **AEROSMITH** dispensou a companhia do **MEGADETH** em sua turnê pelos EUA. Segundo os primeiros, o caso foi com Dave Mustaine (sempre ele!), que entrou nos camarins falando besteiras – tipo "como é que vocês conseguiram entrar aqui? Nós vamos botá-los para fora" – e sacaneando Steve Tyler e Joe Perry. Do lado desses últimos, tudo não passou de um desacordo promocional e incompatibilidade de estilos.
Pura baixaria! Mas pelo menos não saíram na porrada como aconteceu com o invocado **GLEN DANZIG** que acabou tomando um cacete do **DEF LEPPARD** inteiro, durante uma excursão européia conjunta. Tudo porque vinha andando com um prato de comida na mão quando a equipe da banda descarregava o equipamento e não deu passagem para ele. Comprou e levou, sem embrulhar. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

Andy Phillips/LFI

A VOLTA DOS MORTOS-VIVOS

Após assumir seu lado *cyberpunk*, BILLY IDOL "voltou às raízes", reconvocando a formação original do Gen X (aqui, num show em Londres), o grupo no qual se projetou durante a explosão punk do final dos anos 70. A maior novidade são os *dreadlocks* loiros que ora adornam sua cabeça.

DEVE TER SIDO AMOR

Foi o "matrimônio do ano" para os suecos. Per Gessle – a porção masculina do duo ROXETTE – casou-se com Åsa Nordin em Halmstad, Suécia. Na cerimônia, Marie Friedriksson – a outra do duo – cantou acompanhada do namorado ao piano. Depois da lua-de mel em Paris, Per deixou a mulher em casa e foi encontrar Marie, pois estão gravando o próximo álbum da dupla.

EMI-Odeon

IT'S ALL
ALL STAR
ALL STARS

O som que você ouve aqui

FARRA NO CASTELO

Lançamento de *Chaos A.D.* vira festa medieval

O **SEPULTURA** entrou para a primeira divisão com um evento que tão cedo não será esquecido. Enquanto a indústria musical em geral reclama dos efeitos da recessão (apesar de ter batido recordes de vendas em 93), a gravadora Roadrunner percebeu a importância disso e desenrolou o tapete vermelho.

A ocasião foi uma prévia do lançamento de *Chaos A.D.*, o disco que marca o início de uma fase que deve abrir fronteiras e conquistar territórios para a banda brasileira.

O local da comemoração foi o castelo de Caerphilly, no País de Gales – uma edificação escura e sóbria, cuja parte principal foi construída no século XIII. As pedras escuras contrastam com os pátios cobertos de grama verdíssima. De um lado, há uma torre rachada ao meio que se mantém em pé só por milagre, resistindo firme aos canhões e aos séculos. Um grupo de fãs que ronda pelos portões de entrada a partir do começo da tarde (uma rádio que "vazou" a informação da festa) se agita com a chegada de três ônibus cheios de convidados egressos de Londres e de todo o resto do globo. As 150 pessoas – na maioria jornalistas, mas também gente da gravadora, do fã-clube (vencedores de uma competição realizada pela revista *Kerrang*) e até mesmo o adido cultural da embaixada brasileira no Reino Unido – não sabem o que esperar ao serem guiadas para dentro daquela fortaleza. Guardas normandos, de capacete, malha metálica e lanças, os mantêm presos no pátio de entrada. De repente, do alto ouvem-se gritos e dois soldados arrastam uma pobre camponesa para a forca, na qual sofrerá uma morte sangrenta. A festa começou!

O clima medieval continua no mesmo pique, enquanto os convidados são levados para o pátio interno do castelo, onde há um gramado, torres e o salão de banquetes. As velas iluminam um ambiente macabro, ao mesmo tempo que monges silenciosos servem cerveja em canecas decoradas com o S de Sepultura.

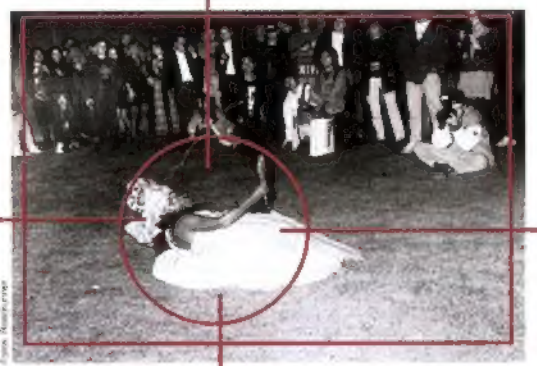


Foto: Roadrunner

Max, Igor, Paulo e Andreas fazem uma entrada triunfal. Ao lado de suas companheiras, são escoltados por soldados armados de lanças e de machados, à luz de flashes e muitos aplausos. Porém, da Europa medieval vamos direto ao eixo Brasil-África: lá fora, um grupo de dançarinos e músicos (vindos de Salvador, Bahia) inicia seus rituais de candomblé. Exu é convocado para dar início à cerimônia e em seguida dançam os orixás.

Depois de um incrível ritual do fogo, um telão destoante nos mostra um *making of* de *Chaos A.D.*: eles no estúdio, Paulo de chinelas havaianas, Gloria e Zyon, Andy Wallace cantando...

"Kaiowas", instrumental acústico, é tocado antes do banquete. O som está baixo, Paulo perde umas batidas devido ao álcool ingerido, mas o efeito é explosivo. O banquete, servido pelos monges à maneira medieval (frangos inteiros, pratos de barro) é longo, regado a canto gregoriano. Surgem contorcionistas e engolidores de fogo. No alto os morcegos voam, aqui embaixo alguém lê o tarô, soldados brigam e leprosos pedem esmola.

A digestão é feita lá fora, numa festa de capoeira, timbalada e uma grande roda de samba, em homenagem a Igor, que faz 23 anos e marca o ritmo, tímido. No bar do hotel, o grupo e os capoeiristas eletrizam amigos e hóspedes até às seis da manhã. É ótimo acabar a noite em carnaval. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

é o mesmo que eles ouvem lá.

Poucos aparelhos de som podem ser ouvidos dos dois lados do mundo ao mesmo tempo. O Sanyo MCD-Z2K é um deles. Tanto no Brasil quanto no Japão, seu nome soa como tecnologia. E não é para menos. Com ele, você tem os recursos mais avançados ao alcance da sua mão. CD compatível com discos de 8 e 12 cm. Gravação sincronizada do CD para fita. Rádio para recepção de MW, SW1, SW2 e FM. Permite mixagem de voz e ainda desliga sozinho no final da fita. Novo MCD-Z2K. A emoção portátil da Sanyo.

SANYO

Nossa homenagem ao cara que ajudou a inaugurar o novo visual da revista e realizou o melhor videoclip brasileiro de 92

MACARRÃO (1964 • 1993)

Ele foi o desenhista que inaugurou esta nova fase visual da BIZZ com suas ilustrações.

Em sua primeira colaboração (BIZZ 88), por exemplo, ele contrapôs à Madonna dos escândalos de todos os dias uma Madonna parecida com uma santa renascentista ou uma Vênus tranqüila de Botticelli.

Em outra ilustração, para um texto a respeito do rock japonês (BIZZ 94), ele pegou o detalhe: os moleques em um canto de um corredor tomando cerveja e prontos para a ação alucinada.

Quem viu Macarrão trabalhando ainda guarda a surpresa que era seu método de criação. Acompanhei o período em que ele criou o vídeo "Brasil, Banana, Samba" para a banda Yo-Ho-Delic. Durante quase um ano, ele trabalhou filmando, desenhando quadro a quadro como um monge iluminista medieval. Sem dinheiro nem para comer e ao mesmo tempo sem se importar com o fato de que não iria receber nada pelo que fazia (durante anos eu o ouvi falando: "essa é a última coisa que eu faço de graça" a cada novo trabalho). O resultado foi o melhor videoclip brasileiro do ano passado – unanimidade entre crítica e leitores da BIZZ.

Macarrão se suicidou no dia 15 de setembro. Tinha 29 anos.

ROGÉRIO DE CAMPOS

Stamp Rock Wear

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE (011) 299 7478

CAMISETAS ESPECIAIS
ESTAMPA NA FRENTE E COSTAS

CAMISETAS MANGA CURTA E LONGA

PREÇOS
MANGA CURTA (MC).....CR$ 1.860,00
MANGA LONGA (ML).....CR$ 2.300,00
CAMIS. ESPECIAL (TE)...CR$ 2.500,00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31.10.93
DE 01/11 À 15/11 AUMENTO DE 15%.

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP- RUA HELIODORA, 321 - CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

À flor da pele

Quarteto alemão chega ao Brasil junto com Nick Cave

Quebrando a hegemonia dos artistas performáticos e dos combos de *free jazz* alemães que o Instituto Goethe vez por outra traz ao Brasil, a banda de rock Die Haut (A Pele) desembarca no país para uma série de apresentações, em outubro. Com cinco discos, estes berlinenses – Jochen Arbeit, Rainer Lingk (ambos nas guitarras), Christoph Dreher (baixo) e Thomas Wydler (bateria) – atuam no *underground* europeu desde o início dos anos 80, fazendo o que definem como *haut musik*. Ou seja, um som basicamente instrumental, que pretende romper as fronteiras entre folk, psicodelia, atonalismo, música erudita etc.

No Brasil, terão um convidado especial: Nick Cave. Deverão mostrar aqui um apanhado da discografia do Die Haut, inclusive o recém-lançado (lá fora) *Head On*, com canjas de Kim Gordon (Sonic Youth), Lydia Lunch, Alan Vega (Suicide), Blixa Bargeld (Einstürzende Neubauten, Bad Seeds), Debbie Harry (ex-Blondie), Kid Congo Powers e Jeffrey Lee Pierce (ambos Gun Club).

A entrevista com o Die Haut foi feita por fax e as respostas dadas coletivamente pelos caras.

> "Sempre fomos fãs de Captain Beefheart, a ponto de tê-lo como ideal musical"

Por que Die Haut e o que motivou a formação do grupo?
O nome veio do título do livro de Curzio Malaparte, que num trecho diz que "tempos atrás, aguentava-se a fome, as penas e as privações, se sofria e se fazia sofrer para salvar a alma. Hoje, se fazem coisas maravilhosas e horríveis não para salvar a alma, mas para salvar a pele".

No primeiro disco de vocês, *Schnelles Leben* (82), o som tinha uma característica dissonante, quase atonal, que lembrava experimentos de Captain Beefheart. O que os levou a adotar a sonoridade mais limpa que se ouve no recente *Head On*?
Não concordamos com isso. Achamos que nosso primeiro disco era clinicamente mais limpo. Não entendíamos muito de produção e tínhamos o engenheiro errado. Já quanto a Captain Beefheart, sempre fomos fãs do seu trabalho, a ponto de tê-lo como ideal musical.

***Burnin' The Ice*, de 83, tinha Nick Cave nos vocais e co-creditado como autor na capa. O que vocês recordam dessa parceria?**
Trabalhamos com Nick também em outras ocasiões, como no álbum *Headless Body In A Topless Bar*, em 88, em shows etc. Gostamos de trabalhar com ele porque tem um senso de humor fantástico, inimitável!

Entre 83 e 88, vocês não lançaram discos. Por que o silêncio?
Por problemas com gravadoras, distribuidoras. Neste intervalo, saíram Nemo Park e Martin Peter para a entrada de Rainer Lingk e Jochen Arbeit.

Não é comum uma banda cujos letristas e cantores (ocasionais) não pertençam propriamente à sua formação...
Perseguimos dois conceitos: 1) fazer música instrumental para experimentar diversas estruturas, sem obrigação de seguir determinada linha melódica; 2) colaborar com cantores estimados pelo grupo. É enriquecedor.

Por que a turnê brasileira terá o Nick Cave como convidado?
Ele é um ótimo parceiro e morou um tempo aí. Vai dar boas dicas sobre os bares, *points*, onde ir à noite.

Vocês farão um set apenas com seus temas instrumentais em separado ou Nick Cave vai cantar todas as músicas?
Vamos tocar material instrumental de todas as nossas fases. Nick vai cantar músicas que fizemos juntos e sua versão do clássico "Sad Dark Eyes", que a gente tocou com Mick Harvey (*ex-Birthday Party, guitarrista dos Bad Seeds*) em *Headless Body*...

Thomas Wydler também toca nos Bad Seeds, de Nick Cave. Vocês diriam que há alguma semelhança entre os dois grupos?
Apenas as questões básicas, a vontade de ser independente musicalmente, de se desenvolver; uma aversão ao oportunismo e ao conformismo no trabalho. Há semelhanças pessoais, nas visões de vida.

Finalmente, qual a expectativa de tocar no Brasil?
Estamos felizes em ir a esse país enorme. Apesar dos problemas, parece fantástico. Esperamos muitas aventuras! *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

Guardado na memória

Um papo-relâmpago com Morten Harket, vocalista do A-Ha. Direto de Oslo, Noruega

Fale sobre o novo álbum, *Memorial Beach*.
Buscamos significados mais simples para a música. Quando tocamos ao vivo, o resultado é muito melhor, o som está mais forte... Nós crescemos noutra direção e a sensação que temos é que estamos entrando em um caminho muito interessante, que deveríamos ter encontrado muito tempo atrás. É muito excitante.

Quando vocês tocarão novamente no Brasil?
É possível que voltemos, mas não temos datas. Adoramos a turnê pela América do Sul e está em nossos planos voltar.

O que vocês não gostaram quando tocaram no país?
Temos uma impressão muito forte do Brasil. Só ficamos com boas lembranças. É lógico que temos consciência da série de problemas que o país enfrenta: a política, a miséria, existe por aí um lado terrível. Mas não é sobre isso que eu quero falar...

O que você tem ouvido ultimamente?
Não ouço muita música atualmente. A banda consome todo o tempo que temos. Mas gostei dos Spin Doctors e dos Black Crowes...

É verdade que você está envolvido em projetos ecológicos?
Eu escolhi não falar muito sobre isso, porque não acredito que este seja o caminho certo para solucionar os problemas.

Você prefere fazer a falar?
Justamente. Quando você se envolve em projetos, só deve divulgá-los se eles realmente puderem transformar uma situação. Se você não tem resultados concretos, não acho certo ficar falando. Se tiver benefícios fortes, vou buscar a atenção da mídia. *CRISTIANE FONTES*

Ru Paul Soltando a franga

"A dance music é o rock'n'roll dos anos 90"

Warner

Ela(e) tem 28 anos, atende pelo nome de Ru Paul Andres Charles e é a *drag queen* mais famosa da América. Com 1,90 m de altura equilibrado sobre quinze centímetros de salto alto, ele(a) fez de "You Better Work!", refrão do hit "Supermodel", o grito de guerra dos *clubbers* ao redor do mundo.

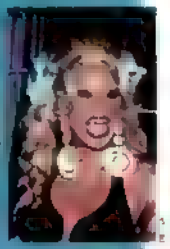
Foi festejado por uma multidão de pessoas em Nova York quando desfilou em carro aberto no dia do *Gay Pride*, uma das musas do Wighstock (trocadilho com Woodstock), o festival da peruca no Central Park e declarou que a era Clinton trouxe a felicidade de volta para os EUA. Ele(a) está lançando o disco *Supermodel Of The World* e falou por telefone com a BIZZ, de seu apartamento em Nova York.

Qual foi o seu primeiro emprego?
Nunca tive empregos, sempre estive ligado ao *showbiz*. Comecei com shows em clubes de Atlanta, na Geórgia, minha cidade natal.
Quando você começou a cantar?
Desde que comecei a falar (*risos*). Acho que nunca falei, sempre cantei as palavras.
Você se sente mais influenciado por cantores ou cantoras?
Não sou influenciado por cantores ou cantoras, mas pela emoção que as pessoas me passam. Pelo sentimento que chega mais próximo ao coração. Gosto de ouvir Julio Iglesias, Diana Ross e Luther Vandross. Eles cantam com o coração.
Às vezes temos uma música que não conseguimos tirar da cabeça. Você tem uma canção assim?
Tenho, é "Making Love", da Roberta Flack, que é o tema do filme de mesmo nome.
Você ser uma *drag queen*, quando isso é moda, facilitou seu sucesso musical?
Não sei dizer. Minha música é para divertir e fala sobre amor. Acho que meu sucesso se deve ao fato de as pessoas precisarem de músicas assim para viver mais feliz.
Você abriu um novo espaço no mercado musical. Existem mais *drags* tentando uma carreira nesse campo?
Todos são *drags*. É questão de se ter ou não atitude. *Pop stars* são *drags*. Madonna, Michael Jackson e até Dolly Parton.
Se a *dance music* não existisse, que tipo de música você estaria fazendo?
Não posso imaginar o mundo sem a *dance music*. Ela é para soltar o espírito. É uma música que se sente com o coração.
A *dance music* sempre foi mais ligada ao estilo de vida gay do que o rock. Você concorda com isso?
Sem dúvida. Ela está totalmente ligada ao mundo gay porque o sentimento e a alegria correm mais soltos e com maior liberdade. A *dance music* é o rock'n'roll dos anos 90.
Quais são seus planos para o futuro?
Continuar divulgando o disco e ir ao Brasil.
Ouvi dizer que você vai atuar em *Mame* (*musical da Broadway nos anos 60, estrelado por Angela Landsbury e depois por Lucille Ball, na versão para o cinema*). É verdade?
Sigo atrás disso e quero fazê-lo no cinema.
E quanto a música que você vai gravar junto com Elton John?
Ainda não está pronta, mas é uma *dance music* para o próximo disco dele.
E seu livro. É um guia de beleza?
É, e será lançado no início de 94, nos EUA.
Você tem algum conselho para as *drags* brasileiras?
Sim. Que continuem espalhando amor e alegria para as outras pessoas. Esse é o maior segredo da beleza: ela ser interior.
Se a moda *drag* terminar, o que você pretende fazer? Vai manter o estilo?
Isso está longe de acontecer, mas vou procurar algo especial para continuar mostrando para as pessoas o que sinto.
Sua vida mudou com o sucesso?
Sim, tenho trabalhado e viajado muito.
Tem algum relacionamento sério?
No momento, penso só na minha carreira.
Quem levaria para uma ilha deserta?
Meu cabeleireiro... (*risos*).
Você se sente mais seduzido quando recebe uma cantada estando vestido de homem ou de *drag queen*?
São energias muito diferentes, quando estou de *drag* a energia é mais elétrica e as pessoas se aproximam com mais facilidade, mas sou sempre a mesma pessoa.
O que você está vestindo agora?
Sutiã preto, meias de seda e sapatos de salto alto... (*risos*).

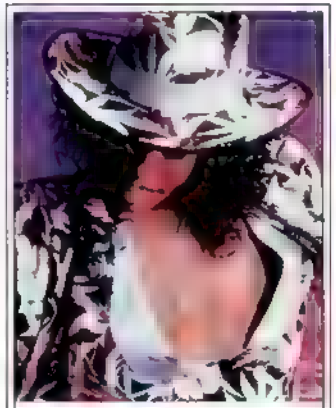
LUKAS GRIECCO

BOX DA LANCHONETE

Defina estas pessoas com uma palavra.



Madonna?
McDonald's.
Michael Jackson?
Burger King.
En Vogue?
Kentucky Fried Chicken.
Mark Marky?
Taco Bell.
Shabba Ranks?
Long Dong Silver (*risos*).
Spike Lee
Mo' Better Fried Chicken (*risos*).
Whoopi Goldberg?
(*risos*) Bacon com cream cheese.
Bill Clinton?
Uma refeição feliz.



NA TRILHA DE JAMES BROWN?

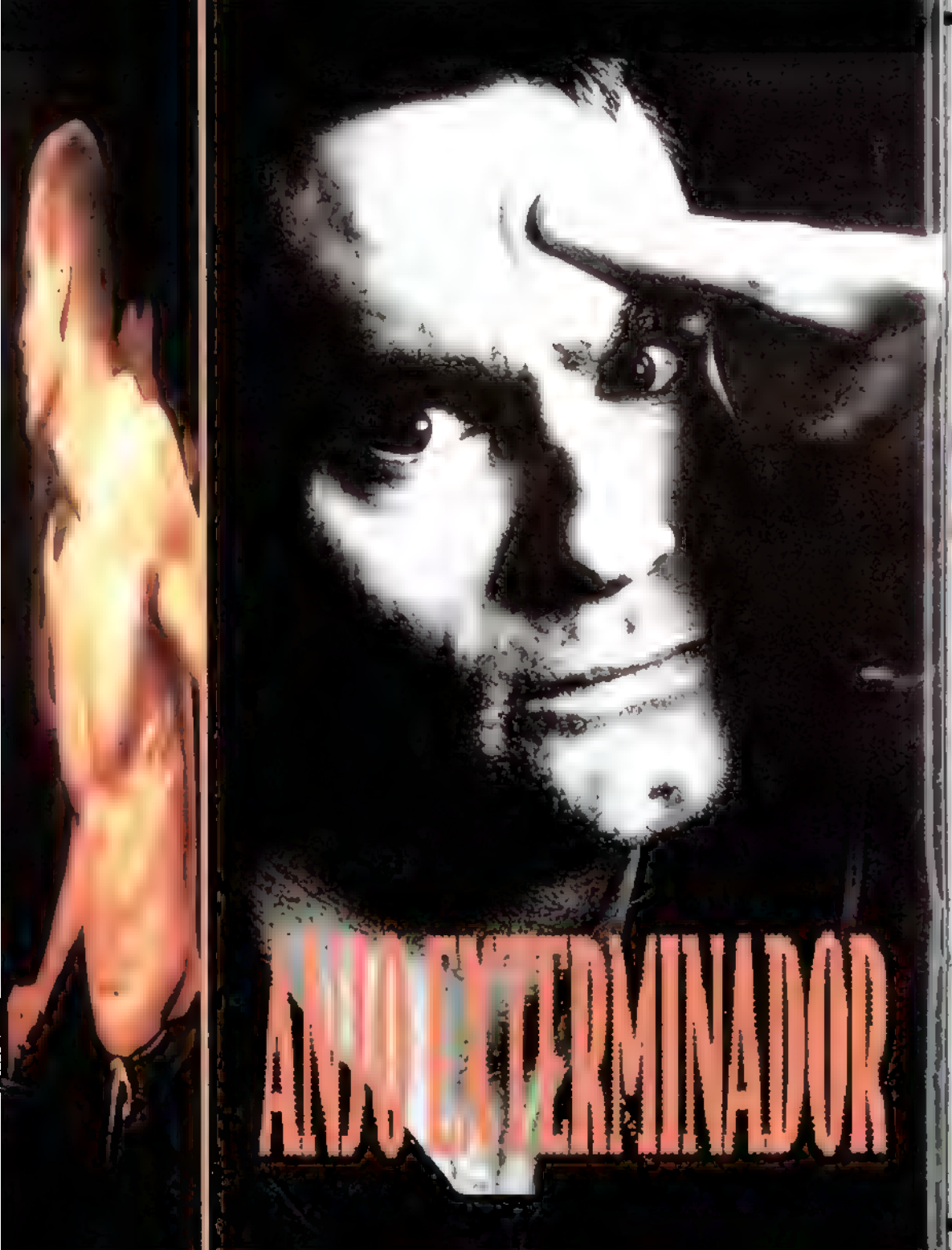
Astro funk pode pegar nove anos de cadeia por seqüestro e agressão

RICK JAMES sempre foi um cara esquisito: antes de se firmar na cena de rhythm'n blues de Chicago na década de 70, chegou a tocar com Neil Young (!) em um de seus primeiros grupos, mas só alcançou o *status* de superastro no início dos anos 80, quando se projetou graças a "Super Freak" – canção que serviu de base rítmica para o hit "U Can't Touch This", de MC Hammer, em 90.

Pois agora, o veterano funkeiro pode pegar até nove anos de prisão, depois que foi condenado por um júri em Los Angeles, por ter agredido e aprisionado duas mulheres.

Quando você estiver lendo esta nota, a pena exata do artista já deve ter sido determinada, mas ninguém duvida que ele possa passar um bom tempo em cana. A namorada de James, Tanya Anne Hijazi, também foi considerada culpada no mesmo caso e já está condenada a quatro anos de prisão. Ela teria auxiliado James a agredir uma das meninas usando um cachimbo quente de *crack*, que foi considerado "arma mortal" pelo juri.

JOSÉ EMILIO RONDEAU



HENRY ROLLINS

ANJO EXTERMINADOR

A voz de Henry Rollins é pura cafeína concentrada. É ríspida, grave ameaçadora. Ele nunca deu tantas entrevistas quanto nos últimos dois anos e não está disposto a ser um *daring* alternativo. Ele já foi chamado de coisas muito piores. E a palavra punk costumava vir sempre ligada às definições. Agora ele diz, direto no estômago, que nunca foi punk.

Em 81, quando tinha vinte anos e cabelos compridos fora de moda, Rollins virou o vocalista do Black Flag, o principal grupo *hardcore* de Los Angeles. A história é ridícula. Rollins saiu de Washington para ver a banda tocar – não eram coisas de amor – num clube de Nova York. Pediu sua música favorita e acabou com o microfone na mão. A banda gostou de sua voz e lhe ofereceu o emprego. O primeiro disco com Rollins nos vocais, *Damaged*, foi um clássico instantâneo.

Você recentemente lançou o livro *See A Grown Man Cry* ("Veja Um Homem Crescido Chorar"). O que o faz chorar?
O título veio do fato de eu ter visto o meu melhor amigo levar um tiro na cabeça e morrer do meu lado. Isso me fez chorar.

O assassinato de Joe Cole foi brutal. Você não se sente angustiado ao escrever e recitar poesias sobre ele?
São as cicatrizes que me mantêm inteiro. Joe era o meu melhor amigo. Foi assassinado do meu lado por dois caras armados, bem em frente a nossa casa. Podia ter sido eu. E a polícia se mostrou mais preocupada em saber quantos quilos de cocaína a gente consumia. Revistaram a minha casa de alto a baixo. Não acharam nada. Então, disseram que os assaltantes tinham roubado a droga. Não, idiotas, eles mataram o meu amigo.

O título surgiu porque as músicas ficaram na minha cabeça, me acompanhando pelos sonhos adentro, me tirando o silêncio. Uma sensação de fim de silêncio.

Vocês já preparam o novo disco?
Na verdade, você *me* pegou no meio de um ensaio. Estamos começando a gravar.

Este disco será mais experimental, como os primeiros, ou vai atrás da penetração comercial que *The End Of Silence* apontou?
Impossível dizer como ele vai ser, porque estamos no meio do processo criativo.

Algumas publicações se referem à sua pessoa como uma espécie de samurai moderno. Você realmente segue o código dos samurais?
Sim, ele ajuda a me controlar melhor.

"Meu melhor amigo foi assassinado do meu lado por dois caras armados, em frente da minha casa. Podia ter sido eu, mas a polícia se mostrou mais preocupada em saber quantos quilos de cocaína a gente consumia"

O Black Flag foi apontado por praticamente todo mundo dos anos 80 como uma revolução. "Foi quando vi um show do Black Flag que descobri o que queria fazer", disse Kurt Cobain à imprensa, logo imitado por muitos. Não faltaram aqueles que apontavam os cabelos compridos, as bermudas, as tatuagens e a influência do metal no *hardcore* do Black Flag como ancestrais do grunge.
Após o final do Black Flag, Rollins montou sua própria banda, a Rollins Band.
Sua mistura de metal, blues, jazz e *hardcore* tem parentesco com Jane's Addiction, que Rollins considera uma das melhores bandas que já existiram na América. Após 180 shows promovendo *The End Of Silence*, o álbum de 91 (lançado apenas este ano aqui), ele está em estúdio preparando o novo disco. Mas música não é a sua atual prioridade.
Desde 88, Rollins se apresenta em turnês de recitais pela América. Os livros que publica por sua própria editora, *2.13.61* (sua data de nascimento) trazem um inferno particular: as bebedeiras de sua mãe, o assassinato do seu amigo (o *roadie* Joe Cole) etc.
Ele acaba de lançar *The Boxed Life*, álbum duplo com suas performances, acompanhado pela versão em vídeo, *Talking From The Box*. *Workaholic*, apresentou programas na MTV, montou um trabalho solo com Rick Rubin (chamado One), gravou uma música com Iggy Pop ("tremi, como não fazia há muito") e uma versão de "Love Me Tender" para uma trilha sonora, ao lado de Thurston Moore (Sonic Youth) e Chris Novoselic (Nirvana).
Mas com um cérebro nada republicano.

Você descreve a sua infância como sendo pessima nos livros. Em *Black Coffee Blues*, você chama sua mãe de alcoólatra.
Tudo o que escrevi é verdade.

É por isso que você não tem vícios?
Vícios são fraquezas, mas gosto de cafeína.

Dizem que o Black Flag está na moda. É uma das bandas mais citadas como influência no rock *indie*. De Nirvana a Tool, todos se dizem filhos de Black Flag. Até o Gumball chegou a gravar uma cover de "Depression". O que você acha disso?
Gosto de Tool, com quem gravei uma música, mas não costumo ouvir o tipo de música que é associado ao grunge. Nunca ouvi Gumball, não saberia dizer se a cover ficou boa.

O que acha do Black Flag hoje em dia?
Foi uma boa banda em um bom tempo, mas é passado. Estou feliz em viver no presente.

Como você descobriu o jazz, que faz parte das influências da Rollins Band?
Foi Thurston (*Moore, do Sonic Youth*) que me introduziu ao jazz. Foi paixão à primeira vista. Quando ouço Coltrane, vejo que não há limites para a criatividade.

Você demorou seis álbuns do Black Flag, um disco solo, três de recitais e cinco da Rollins Band para ser reconhecido como artista influente. Será que o premonitório título do último disco, *The End Of Silence* ("O Fim do Silêncio"), foi proposital?

O autocontrole é um tema constante na sua obra. Por que se controlar tanto?
As pressões são muito grandes. Houve um tempo na minha vida em que eu não tinha este físico avantajado. Era desajeitado, magrelo e motivo de piadas dos caras fortes e professores da minha escola. Estudei numa escola militar. Não foi uma época feliz, mas me marcou e me tornou o que sou. Aprendi a controlar meu corpo e minha mente pela disciplina. O levantamento de pesos foi o maior antidepressivo que conheci na vida.

Você é obcecado pela força?
Há muita violência à nossa volta. Eu já senti isso na pele. E quando subo ao palco para falar das minhas feridas é desgastante, mas é também uma maneira de me mostrar vivo. Não sou obcecado pela força, mas pelo instinto de sobrevivência.

Você tem vários *slogans* tatuados pelo corpo, além dos símbolos do Black Flag e Rollins Band. Qual o real significado do "search and destroy" ("procure e destrua") tatuado nas suas costas?
Para mim, esta frase significa fazer as coisas completamente, não deixar nada inacabado, para que nunca se precise olhar para trás.

Outra tatuagem marcante, situada entre os símbolos do Black Flag no seu braço esquerdo, traz escrita a frase: "I want to be insane" ("Eu quero ser louco").
Muitas vezes, a insanidade é um bom lugar para se dirigir.

MARCEL PLASSE

CADA

UM

TEM

SUA

QUALIDADE SOUZA CRUZ

Baixos Teores.

Questão de bom senso.

Mas com alguma coisa em comum.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

OZZY OSBOURNE

DENTRO E FORA DO BLACK SABBATH

Uma figura magra e esquisita estende a mão para dar um cumprimento. "Você é o jornalista do Brasil?" Olho meio sem jeito para aquela criatura, com calça de *lycra* preta, capa igualmente negra e pelo menos uma dúzia de colares de cruzes no pescoço. Juro que levei um certo tempo para reconhecer Ozzy Osbourne. Aquela silhueta baiofa que vi em revistas, filmes e no Rock In Rio de 85 é coisa do passado. Ozzy está magro e bem-disposto.

O metal aderiu à "geração saúde"? Logo ele, Ozzy, conhecido como um incansável enxugador de copo e aspirador de pó?

"Resolvi dar um tempo", se desculpa a criatura. "Parei de beber, parei de cheirar e venho malhando todos os dias por pelos menos uma hora." E o melhor de tudo: ele acaba de lançar um álbum duplo ao vivo com sua banda solo e anuncia para breve uma "nova" excursão do Black Sabbath, o grupo que inventou o metal.

Você emagreceu, não?

Muito. Parei com a bebida e a cocaína. Se continuasse daquele jeito, iria morrer.

De que jeito?

Eu bebia trinta cervejas e cheirava seis gramas de cocaína por dia, era gordo como um porco e acordava de ressaca todo dia...

É um milagre você estar vivo. E agora? O que faz para manter a forma?

Bebo trinta Diet Pepsi por dia! (*risos*). E também comecei a malhar

No fim de 92, você anunciou que iria desistir das excursões. É verdade ou foi só uma jogada promocional?

Bom, o que eu disse é que nunca mais iria fazer essas excursões-monstros, de passar três, quatro meses viajando. Não tenho mais saco. E mais, arrebentei o meu joelho no ano passado durante um show, e tenho que me cuidar. O que eu quero fazer daqui em diante é me concentrar em menos shows, mas em lugares maiores.

E essa tão comentada volta do Black Sabbath. É verdade?

Sim. Tudo começou no ano passado, quando eu convidei os membros originais da banda para abrir um show que fiz em Los Angeles. Acabamos tocando juntos no bis, coisa que a gente não fazia desde o Live Aid. Nós tocamos apenas alguns sucessos do Black Sabbath, mas daí os garotos ficaram loucos com o som. Foi então que surgiu a idéia de reunir de novo a banda para uma excursão.

Há planos de gravar novas músicas com a formação original da banda?

Acho que não. Eu tenho meus projetos solo, eles ainda estão excursionando como Black Sabbath, acho que está cada um na sua. O que queremos com esta excursão é tocar para um monte de gente que nunca teve a oportunidade de ver o Black Sabbath verdadeiro, mostrar para eles como essa banda era fudida...

Você ficou emocionado ao pisar no palco novamente com Bill Ward, Tony Iommy e Geezer Butler?

É lógico. Fiquei impressionado como o Bill ainda toca tão alto. Ele soca aquela bateria! (*risos*) Os meus ouvidos ficaram zumbindo uma semana, achei que meu cérebro ia escorrer pelas orelhas! (*risos*)

O Dio, que está cantando com o Black Sabbath, não quis participar do show. O que você achou disso?

Em primeiro lugar, eu não convidei o Dio para aparecer, convidei o Black Sabbath. Acho que foi muito infantil da parte dele se recusar a cantar no show. De qualquer maneira, o Rob (Halford, *ex-cantor do Judas Priest*) fez um excelente trabalho. (*Halford foi chamado às pressas para cantar com o Black Sabbath*)

Ainda falando sobre Black Sabbath. Hoje, quase todas as bandas pesadas se dizem influenciadas pelo grupo. No entanto, nunca se acha nenhum dos discos de vocês incluído naquelas listas dos "mais importantes da história" e coisas do tipo. Será que o Black Sabbath ainda continua sendo uma daquelas bandas subestimadas?

Sim. Na verdade demorou alguns anos para nós percebermos como éramos bons. Naquela época não havia MTV nem o número de revistas de rock que existem hoje. Sabíamos que nosso público estava aumentando a cada show, mas os críticos nunca prestaram muita atenção na gente. Não era *in* gostar do Black Sabbath.

Mas hoje é. Todo mundo, de Nirvana a Soundgarden, admira vocês...

É verdade. Tem um monte de bandas por aí copiando a gente. Outro dia liguei o rádio e ouvi esse tal de Helmet... Meu Deus! O cara imita o meu jeito de cantar igualzinho! Ele tem até a minha inflexão! (*risos*) Os riffs também são idênticos aos que fazíamos no Black Sabbath. Não me importo, fico até orgulhoso. Acho o Helmet uma banda muito boa.

Você gosta de alguma banda nova?
Na verdade, eu não ouço muita coisa. Nós excursionamos com esse grupo brasileiro – o Sepultura – e achei os meninos muito bons. São uns animais no palco! (*risos*)

Me fale um pouco sobre Birmingham, a cidade onde o Black Sabbath nasceu.
Bom, não há muito o que falar sobre ela. É uma cidade industrial, cheia de fábricas, de minas de carvão e poluição para cacete.

Você achava que um dia iria ficar famoso?
Nem sonhava com isso. Eu achava que iria trabalhar numa fábrica pelo resto da minha vida e depois morrer por causa da poluição, como meu pai. Minhas três irmãs e dois irmãos ainda moram lá e alguns deles ainda trabalham em fábricas.

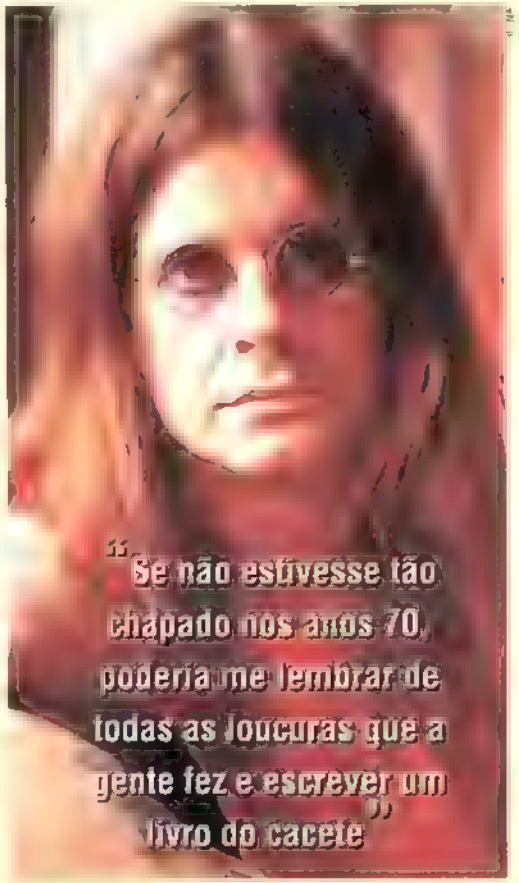
Como era o cenário musical na cidade?
Muita gente boa veio de Birmingham. John Bonham e Robert Plant, do Led Zeppelin, eram de lá. A ELO e o Judas Priest também. Quando nós começamos, só havia bandas de blues e de soul. No início, nós tocávamos blues.

Como foi que vocês caíram para o rock pesado?
Nós ensaiávamos ao lado de um cinema, que passava filmes de terror. Um dia Tony (*Iommy, o guitarrista*), disse: "Vocês já repararam como tem gente que paga ingresso apenas para ficar assustada? Por que não fazemos música para assustar, também?" No começo, nós achamos a idéia ridícula, mas depois pensamos e vimos que poderia dar certo. Geezer (*Butler, o baixista*) ficou empolgado. Ele era entendido em magia, bruxaria, essas merdas todas. Lia tudo do Dennis Wheatley (*escritor especializado em horror*). Daí fizemos uns *riffs* cavernosos, umas letras falando de Satã e começamos a tocar em bares.

Foi você que fez a letra da canção "Black Sabbath", não?
Sim, mas a maioria das letras foi escrita pelo Geezer. A melhor delas acho que é a de "Spiral Architect" (do álbum *Sabbath, Bloody Sabbath*).

Quais são seus discos favoritos do Black Sabbath e de sua carreira solo?
Acho que meus favoritos são os dois primeiros (*Black Sabbath* e *Paranoid*) e meus dois primeiros álbuns solo (*Blizzard Of Ozzy* e *Diary Of A Madman*). Também gosto muito de *No More Tears*.

E qual é o que você menos gosta?
Acho que é *The Ultimate Sin*. Odeio a produção desse álbum.



Gostaria que você falasse um pouco de seu novo disco ao vivo.
Bom, como decidi parar com as turnês gigantes, achei que seria legal lançar um disco ao vivo, para que ninguém mais se esquecesse da turnê do *No More Tears*.

Sei que já devem ter te perguntado isso mais de mil vezes, mas gostaria de saber como foi para você perder Randy Rhoads? (*guitarrista da banda de Ozzy, morto em um desastre aéreo em 82, no meio de uma turnê*).
Acho que foi a maior tragédia da minha vida. Ele era meu melhor amigo, além de um guitarrista fora de série.

Como vocês dois se conheceram?
Fui apresentado a ele por um cara do grupo Slaughter. Na época, procurava guitarristas para a minha banda solo e fiquei louco com a habilidade do Randy. Ele era uma pessoa muito simples, não se importava com dinheiro ou fama. A única coisa que ele queria era tocar guitarra cada vez melhor.

Mudando de assunto, quais suas lembranças do Rock In Rio, em 85?
Foi muito divertido. Só me decepcionei um pouco porque achei que ia ver um monte de mulheres lindas no Rio...

Mas não me diga que você não conheceu nenhuma mulher bonita no Rio?
Não deu, minha esposa me deixou trancado no quarto do hotel (*risos*). Ela estava com medo dos assaltos. O porteiro do hotel falou para tomarmos cuidado.

Sua mulher e seus filhos te acompanham nas excursões?
Quase nunca. Ela costumava ir, mas acabou me enchendo o saco. Antes dos shows, ficava sempre querendo arrumar o meu cabelo e eu ficava puto! (*risos*)

Mas você não chegou a conhecer nada do Rio?
Só deu para eu visitar o Cristo Redentor, que é muito legal. Mas aconteceu uma coisa engraçada. Um fotógrafo quis me levar para fazer umas fotos numa cachoeira e quando nós chegamos lá eu vi estendido no chão um monte de pratos cheios de frutas. Estava morrendo de fome, então eu fui comer uma delas. Aí, todo mundo ficou apavorado. O tal do fotógrafo só faltou chorar. Até hoje, não entendi por quê. (*Depois que disse para Ozzy que aquela fruta era uma oferenda de macumba, ele falou, "Então estou amaldiçoado para sempre" e se acabou em gargalhadas*)

Para encerrar: você guarda algum arrependimento em sua vida?
Me arrependo de não ter me mantido sóbrio nos anos 70. Se eu não estivesse tão chapado, poderia me lembrar de todas as loucuras que a gente fez naqueles anos e escrever um livro do cacete.

A P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS

COMUNICA!

SE VOCÊ QUER CONHECER ESTES NOVOS LANÇAMENTOS KORG 93/94

X3 POWER WORKSTATION

05R/W MINI RACK MODULE

VENHA ATÉ NÓS! VISITE NOSSA LOJA!

PORQUE ESTAR BEM INFORMADO NÃO É IMPORTANTE
É NECESSÁRIO

P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

SEMPRE À FRENTE DE NOSSO TEMPO

Rua Teodoro Sampaio, 770 - Tels.: (011) 282-5653 / 881-1515
Fax: (011) 64-3430 - CEP 05406-000 - Pinheiros - São Paulo - SP

Pearl Jam

CACETADA MILIONÁRIA

"Despreocupados com o sucesso"? É o que eles dizem – e partem para o decisivo segundo álbum abusando do peso e da variedade

É um típico dia de começo de outono em Seattle – céu limpo, sem nuvens, folhas formando uma tapeçaria cobre-amarelo-ferrugem nas árvores, brisa suave, quase fria, soprando do Pacífico. Stone Gossard se trancou no banheiro e esqueceu da vida.

Desligado do mundo, ele não atende aos insistentes telefonemas do escritório de seu empresário. Embora hoje comece a série de entrevistas para divulgar o segundo e antecipadíssimo segundo álbum do Pearl Jam, *Versus*. "Esqueci completamente", o guitarrista se desculparia mais tarde, depois de checar dezenas de mensagens que lotavam sua secretária eletrônica

Distraído, decerto, mas sobretudo tranqüilo, apesar de *Versus* ser o segundo produto fonográfico da banda de Gossard e "apenas" o sucessor de um disco comprado por quase sete milhões de fãs espalhados no mundo inteiro; apesar do Pearl Jam ser a segunda grupo de Seattle mais atentamente observada pela crítica e pela indústria de rock, depois do Nirvana; apesar de muito do futuro do grupo depender do desempenho do novo disco nas rádios e nas lojas.

Versus pode ser um sucessor formidável de *Ten*, o disco de 91 que catapultou o Pearl Jam ao superestrelato internacional. Numa comparação com o primeiro disco, o novo é mais experimental e mais pesado. Mas o momento é de tensão e de cuidado para a gravadora da banda, a Epic, que trata do seu lançamento com requintes de uma operação militar, por ser esse seu produto prioritário no elenco rock. Mas Gossard saboreia a ocasião com tranqüilidade e bom senso.

> "Não vamos nos incomodar se o disco vender bem, mas queremos provar que não somos sempre iguais"

Ele nega que tenham sofrido qualquer tipo de pressão para reproduzir o sucesso de *Ten*. "Ninguém vai se incomodar se o (novo) álbum vender muito bem", diz Gossard, "mas não acho que este tenha sido o objetivo da banda na hora de fazer o disco. O que queríamos era mostrar que estamos nos desenvolvendo, que não somos sempre a mesma coisa, que continuamos, espero, vivendo o máximo possível no presente, sem pensar muito no passado ou no futuro. Nós queríamos fazer um disco que nos satisfizesse. Como se fosse um novo álbum de nossa banda favorita, que nos agradasse na hora que ouvíssemos tocar no rádio."

Apesar das incontáveis teorias a respeito, Gossard se considera incapaz de explicar o porquê de *Ten* ter tido o sucesso que teve. "Eu posso dizer que foi por causa das músicas lentas, ou foram os timbres das guitarras, ou foi a maneira de Eddie (*Vedder*) cantar. Mas provavelmente a resposta seria 'tudo isso' ou 'nada disso'. Muitas vezes, aquilo que a gente não consegue compreender é o que faz o disco tão especial."

Qualquer que tenha sido esse pretenso ingrediente especial, o sucesso do Pearl Jam foi tanto que gerou antipatias – entre os que consideram a banda corporativa demais para ser alternativa e, portanto, digna de respeito – a até "parentescos" quase tão bem-sucedidos quanto o original, como os Stone Temple Pilots (de San Diego – cidade, aliás, onde Vedder morava, trabalhando de assistente de produção da MTV, antes de entrar para a banda), que para muitos não passa de um carbono da banda de Seattle

O recheio de *Versus*, porém, abre franca vantagem diante de seus contemporâneos americanos. Ainda existem as confecções *neo-seventies* que marcaram *Ten* – e uma clara barretada ao Led Zeppelin. Das saraivadas de riffs que marcam "Go", o primeiro compacto, até a primal "Blood" e a semi-acústica "Daughter", que parece saída das sessões que deram origem ao terceiro álbum do Led Zeppelin. Mas desta vez a banda também se espalha para outras direções, optando por arriscar novas possibilidades no ritmo circular e misterioso de "W.M.A.", pontuada por um mellotron; na delicadeza tristonha de "The Elderly Woman", um comovente livro de memórias narrado do ponto de vista de uma senhora velha – algo próximo do que fizeram no álbum *Sweet Relief*, um tributo em apoio à cantora/compositora Victoria Williams, vítima de esclerose múltipla; ou no clima jazzístico de "Indifference", que fecha o disco apresentando fraseados aveludados de órgão Hammond B-3.

Versus é um disco furiosíssimo – como antecipado por "Animal", a canção que o PJ apresentou em primeira mão em setembro, durante os MTV Music Video Awards. E como confirmado em "Glorified G.", um incisivo "não" às armas que infestam as mochilas e os bolsos dos estudantes americanos, na catártica "Leash" e na pesadíssima "Rats", não recomendável aos fracos de estômago.

É um disco espontâneo, que resultou, em boa parte, de *jams* informais que a banda fazia em ensaios ou já no estúdio, onde se trancafiou com o produtor Brendan O'Brien, o mesmo que já pilotara os controles para os Black Crowes, os Red Hot Chili Peppers e – ironia das ironias – os Stone Temple Pilots

"Intuitivamente queríamos que o disco fosse agressivo, diverso e o mais diferente possível de *Ten*", explica Stone. "Nós queríamos tomar todas as direções que a banda jamais havia tomado antes. E isso, para mim, é sinal de saúde."

Quanto à escolha de Brendan no lugar de Rick Parashar, com quem haviam trabalhado em *Ten*, explica-se pelo desejo de "achar quem ajudasse a banda a trabalhar em harmonia, como um time coeso e que nos desse uma boa perspectiva. Que ajudasse a nos concentrar só na música que estávamos fazendo naquele momento e não pensar no sucesso de *Ten*" Brendan então funcionou como "um sexto membro", adicionando os teclados do disco.

O frescor de *Versus* explica-se então pelas múltiplas colaborações que o Pearl Jam – em conjunto ou em partes – fez com diferentes parceiros. Mike McReady e Eddie Vedder participaram da badaladíssima "Bobfest", a comemoração dos trinta anos de atividade de Bob Dylan, ao lado de pesos-pesados do calibre de George Harrison, Eric Clapton e Tom Petty. Toda a banda fez uma curta excursão abrindo shows para Neil Young, que retribuiu o favor tocando com eles nos VMA's, onde virou a mesa escancarando todo o volume e a adrenalina com uma versão arrasa-quarteirão para sua canção "Keep On Rocking In A Free World"

Há poucas semanas o PJ encerrou uma gravação interurbana com o Cypress Hill – cada grupo estava numa costa dos EUA, se comunicando apenas através de fax, telefone e fitas – em "Real Thing", uma das faixas da trilha sonora do filme *Judgement Night*. Acima de tudo, esse frescor é mais que compreensível e bem-vindo: é preciso lembrar que o Pearl Jam ainda é um grupo praticamente recém-nascido e que todo o seu potencial – para o bem ou para o mal – ainda mora em algum lugar no futuro. O que estamos conhecendo, por enquanto, é a proverbial ponta do *iceberg*.

"Que direção a banda tomará daqui por diante?", é o que se pergunta Steve Gossard

"Acho que, musicalmente, queremos ir a todos os lugares que conseguirmos. Acredito que vamos dar boas guinadas, algumas estranhas, daqui para a frente, porque todos da banda querem que a jornada (do Pearl Jam) seja das mais interessantes."

"E isso é muito bom", ele conclui, "porque fico entusiasmado de saber que estou nessa banda e que ainda temos a possibilidade de fazer uns discos bem pirados." *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

Participe da promoção que conquistou o mundo.

ITÁLIA - ESPANHA - FRANÇA - ALEMANHA - ARGENTINA - INGLATERRA
SUCESSO INTERNACIONAL

SUPERTESOURO contigo!

SUPERPRÊMIOS NO VALOR EQUIVALENTE A MAIS DE US$ 550 MIL*

EXEMPLO DO PAINEL PREMIADO SEMANAL

Para concorrer, compare os números do seu cartão com os do Painel Premiado Semanal, que estará na revista *Contigo!* toda semana. Se o seu cartão tiver 5 números que coincidem com 5 símbolos iguais do Painel Premiado Semanal, você ganha o prêmio correspondente ao símbolo (conforme está indicado na tabela abaixo).

Por exemplo, se o cartão acima fosse o seu, você teria ganho um automóvel Mazda zerinho. Os números 01, 12, 26, 35 e 47, que estão no cartão, coincidem com as 5 casas do Painel Premiado Semanal, que indicam o automóvel Mazda.

	AUTOMÓVEL MAZDA 0 KM
	EQUIPAMENTO DE SOM
ARNO	MÁQUINA DE LAVAR
	VIDEO GAME
	MICROCOMPUTADOR

EXEMPLO DA TABELA DE PRÊMIOS SEMANAIS:

Numa tabela como esta, você fica sabendo quais são os prêmios da semana. A cada semana, mudam o Painel e os prêmios.

E MAIS, MUITO MAIS NO PAINEL ACUMULADOR!

As explicações estão toda semana na revista Contigo!

Euroteeming Int. Europrint 1993©
Nº Cert. Aut. R. P. 01/00/175/93

Participe desde o início contigo!

Para quem ainda não recebeu o cartão. Escreva para Caixa Postal 66.209 CEP 05389-970 - São Paulo - SP. Não se esqueça de juntar à sua carta um envelope selado para que o cartão possa ser remetido até você. Mais informações poderão ser obtidas pelos telefones que serão divulgados semanalmente na revista *Contigo!*

*Valor referência ao Dólar Comercial de 03/09/93.

ENGENHEIROS DO HAWAII

DO MUNDO PARA O BRASIL

Turnê pelo Japão e pelos EUA, disco ao vivo com orquestra!!! São as novas aventuras de Gessinger & Cia.

Em setembro o grupo gaúcho Engenheiros Do Hawaii excursionou pelos EUA e pelo Japão. Acostumado a tocar em ginásios lotados no Brasil, o trio se contentou com teatros médios e um público bem menor, composto basicamente por brasileiros que moram no exterior. "Não temos mesmo pretensão de querer atingir um público internacional", diz o baixista/vocalista Humberto Gessinger. No Japão os cinco shows da banda atraíram um público de cerca de quatro mil pessoas, segundo a produção. Em Los Angeles, no entanto, o show foi um fracasso: menos de cem pessoas pagaram ingresso para ver a banda no Palace, um dos teatros mais famosos da cidade.

Os Engenheiros Do Hawaii pareciam mais preocupados com o lançamento de seu próximo álbum, *Filmes De Guerra, Canções De Amor*, do que com a excursão propriamente. "Não achei muito legal terminar o novo disco e sair logo para essa turnê", afirmou Gessinger. "Preferia ter ficado no Brasil digerindo o disco, mas esses shows já estavam marcados e tivemos que cumprir o contrato."

O disco foi inteiramente gravado ao vivo na sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro. O trio foi acompanhado por músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira, regidos pelo arranjador e tecladista Wagner Tiso.

Em Los Angeles, Humberto Gessinger e o baterista Carlos Maltz falaram para BIZZ sobre o novo álbum e as impressões deixadas pela excursão deles no exterior.

Como está sendo essa turnê?

Gessinger: Muito legal. Acho que a gente estava muito mimado lá no Brasil, estava ficando acostumado a lotar o Maracanãzinho, por exemplo. Aqui a gente voltou a tocar em lugares pequenos. As apresentações saíram como nos tempos da faculdade. Isso fez com que ficássemos mais atentos às próprias músicas. No Brasil, a platéia é que toma conta dos nossos shows. Aqui, quando a gente está tocando é como se estivéssemos começando de novo.

O público estrangeiro conhece as músicas?

Gessinger: Olha, vimos que a grande maioria das pessoas que foram assistir aos nossos shows no Japão era brasileira.

Vocês se dirigiram à platéia em japonês?

Gessinger: Não (risos), a gente não aprendeu a falar nem "boa-noite" em japonês. E também não vamos falar em inglês aqui nos EUA. Este não é nosso negócio. A gente não está interessado em atingir um novo público, não temos aquele deslumbramento de querer conquistar a América, mesmo porque creio que o Primeiro Mundo não precisa dos Engenheiros Do Hawaii. Se o público daqui gostar do nosso som, ótimo. Mas o que atraiu mesmo a gente foi a possibilidade de tocar para os brasileiros fora do país, esses caras da diáspora.

E o disco novo? Por que vocês resolveram fazer um álbum sinfônico?

Gessinger: Nos propusemos a gravar um álbum ao vivo a cada três discos de estúdio. Desta vez a gente queria experimentar uma coisa nova, bem diferente. Por isso, gravamos na sala Cecília Meirelles, no Rio, com uma orquestra de vinte músicos, duas guitarras e percussão. Em algumas das músicas usamos sanfonas e saxofone. O material ficou incrivelmente bom, tenho certeza que o disco vai surpreender a muita gente.

Ilustrações: Matanzima

O repertório é todo inédito?
Gessinger: Gravamos doze faixas. Quatro músicas são inéditas: "Realidade Virtual", "Às Vezes, Nunca", "Mapas Do Acaso" e "Quanto Vale A Vida". O resto são regravações de músicas de nossos outros discos, algumas famosas e outras que eu gosto muito, mas que passaram batido quando foram lançadas.

Por que vocês chamaram Wagner Tiso para reger a orquestra?
Gessinger: Quem nos deu força para chamar o Wagner Tiso foi o produtor do disco, Mayrton Bahia. Eu estava com muito medo de gravar ao vivo com tanta gente envolvida, sou muito ciumento em relação às nossas músicas. Depois, conhecendo o Wagner, fiquei muito mais tranqüilo.

Ele tocou algum instrumento ou só regeu a orquestra?
Gessinger: Na faixa "Às Vezes, Nunca" ele tocou sanfona e o Paulo Moura tocou sax.

Será que o disco não vai assustar os fãs de vocês acostumados a um rock mais básico? Será que não vai ficar muito diferente do que eles esperam?
Gessinger: Mais diferente que esse disco novo, impossível. Mas é estranho, no fundo creio que as pessoas vão achar que é muito parecido com tudo o que a gente já fez. Quando faço um novo disco, sempre acho que é bem diferente, mas no fim as pessoas acham tudo igual.
Maltz: A banda também não pode ficar preocupada só em agradar o público. A gente tem que fazer o que está a fim. Quanto à questão de os fãs esperarem um rock básico, a gente nunca se propôs a ser uma banda deste estilo.

Esse novo álbum não tem bateria?
Maltz: Não, eu tomei conta da percussão. Foi muito legal. Nós não temos um fetiche em relação aos instrumentos. O que a música pedir, a gente toca. Isso é uma coisa muito do Humberto, ficar toda hora mudando a formação da banda, os instrumentos, colocando coisas novas.

Vocês vão levar a orquestra para os shows?
Gessinger: Vamos ter dois tipos diferentes de shows. Nas cidades maiores, pretendemos tocar com a orquestra, até com músicos locais. Já nas cidades pequenas, vamos tocar só nós três mesmo.

Durante esta viagem ao exterior vocês aproveitaram para dar uma de turista?
Gessinger: Olha, aqui em Los Angeles só saí do hotel para gravar as cenas para o clip de "Realidade Virtual", filmadas no deserto. Nunca tinha vindo aos EUA, mas não gosto muito de bancar o turista. No Japão, também não fizemos muita coisa diferente. Eu acho que, para conhecer bem uma cidade, você tem de visitar várias vezes os mesmos pontos. Por isso, fui comer dez vezes seguidas no mesmo restaurante no Japão. Acabei conhecendo as garçonetes, que eram umas velhinhas muito legais. Nos comunicávamos com elas por mímica e as convidamos para o show. Elas não entenderam o som, nem as letras, mas gostaram! (risos). *ADAHIL FELIX*

"Quando faço um novo disco, sempre acho que é bem diferente, mas no fim as pessoas acham tudo igual" (Gessinger)

CARNAVAL & "POESIA" EM LOS ANGELES

Desde o estacionamento do Palace de Los Angeles, já dava para se ouvir uns gritos estranhos. "Alô, meu povão brasileiro!", "Fala, cavaco!", "Simbora, meu poooovo!" Depois veio um estrondo, um barulho de repique. É carnaval!
Devia ser uma alucinação. Talvez só um repentino ataque de esquizofrenia, causado por seguidos anos de exposição à cobertura dos bailes da Ilha Porchat e aos comentários da Leci Brandão, na Globo. Mas não, aquilo era real! Dentro daquele teatro, onde dois dias antes a banda *hardcore* G.B.H. tinha implodido os tímpanos, o samba rolava. Receoso, me aproximei da bilheteria. O barulho era insuportável. Tive que gritar para me fazer entender em meio ao zoar dos tamborins. "É aqui que vai tocar aquela banda de rock brasileira?" No guichê uma mocinha com cara de infeliz balançou sua cabeça afirmativamente e apontou para o cartaz. "Hoje: Engenheiros Do Hawaii. Abertura: Escola De Samba M.I.L.A."

Não tive coragem de perguntar para alguém o que significava a sigla "M.I.L.A.", com medo de que confirmassem minhas suspeitas de que Los Angeles também tinha sua "Mocidade Independente".
Dentro do teatro a cena era inacreditável: uma mulata vestida com plumas e paetês sambava ao som de uma bateria "nota ten", enquanto três puxadores cantavam clássicos do carnaval carioca.
Na platéia de menos de cem pessoas, o ambiente era ainda mais patético: alguns brasileiros faziam um "trenzinho" enquanto uns gringos sambavam sem jeito, parecendo o Jerry Lewis.
Nunca pensei que um dia ia torcer para que chegasse logo a hora de um show dos Engenheiros Do Hawaii.

Depois de uma espera longa, os três gaúchos subiram ao palco e começaram o show. Então tocaram "Infinita Highway", "Era Um Garoto..." e todos os seus sucessos.
Uma coisa é certa: ninguém pode acusar os Engenheiros Do Hawaii de ser uma banda irregular. Seja no Brasil ou no exterior, seja no Maracanãzinho ou no Madison Square Garden, eles são e sempre serão horríveis.
Gessinger é um adepto da "escola Djavan" de poesia por análise combinatória. "Iansã, papa, Djavan é pop!" ou "Açaí guardiã, um divisor, um imã, várias variáveis!..." são "clássicos" de nossa língua. E o novo disco promete, com faixas como "Às Vezes, Nunca" e "Mapas do Acaso".
O show segue – e os gessingerismos também. Depois de uma hora e meia de sofrimento, estamos todos contaminados.
Daí em diante, um "até logo" para o guardador de automóveis na saída pode virar "até a próxima proximidade prosaica" e, no McDonald's, ninguém resiste a fazer o pedido: Por favor, um "Big Mac, McCartney, fritas e Francis Bacon".
Ah! A poesia é linda. *ANDRÉ BARCINSKI*

Filmes De Guerra, Canções De Amor é um híbrido de disco novo e álbum ao vivo: além de ter um terço do repertório inédito, traz interpretações bem diferentes de músicas como "O Exército De Um Homem Só". Essa foi gravada com o acompanhamento de uma orquestra, com arranjos e regência de Wagner Tiso. Também pintaram lances de acordeão e sax. As execuções foram fechadas, com a presença de convidados e fãs-clubes, no início de julho. No dia da gravação da parte orquestral o teatro estava vazio, para evitar os gritinhos dos fãs.

Tanto cuidado na feitura deu um resultado legal, com um som pomposo (Gessinger é o primeiro a admitir) o estilo "barroco mineiro" de Wagner Tiso acabou combinando bem.

Uma música como "Refrão De Bolero" (que não está no disco, mas deve figurar no vídeo que o grupo lançará em novembro) tirou o pé do brega, que era garantido pelo timbre daquele pianinho elétrico, para ganhar uma roupagem sóbria e definitiva com piano de cauda e cordas.

Para Gessinger, a banda "está cada vez mais parecida com ela mesma. Essa é a saída para o rock no Brasil". Ele acha legal bandas que já fizeram um som mais ou menos parecido – como os Engenheiros e os Titãs – estarem se distanciando tanto. Perguntei se foi o show do Hollywood Rock – um porre completo – que deu a dica para essa evolução sofisticada e intimista. Carlos Maltz: "O Hollywood Rock foi a crônica de uma morte anunciada".

Quando botaram a gente na mesma noite do Nirvana foi como misturar duas bandas boas de público, mas de platéias completamente diferentes. Acho que hoje em dia ninguém repetiria essa burrada".

O vídeo também deve incluir material gravado nas apresentações do Japão, uma experiência esquisita que veio se somar às antigas (como os shows que o grupo fez na ex-União Soviética). Segundo Maltz, os nisseis emigrados são estrangeiros em qualquer lugar – "japas no Brasil, brazucas no Japão" –, um pouco como eles se sentem, gaúchos radicados no Rio.

Última pergunta, para Gessinger: "E esse cabelinho de Sting?" Resposta: "Não é Sting, é Dunga mesmo". *ALEX ANTUNES*

SÓ LANÇAMENTOS!
REF T17
REF T21
REF T11
REF T20
REF T18
REF T19
REF T22
REF L26
CAMISETÃO FC (1)
CR$ 2.390,00
Tamanhos M e G
CALÇA (L)
CR$ 3.090,00
Tamanhos M e G
REF L25
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
"VENHA CONHECER NOSSA LOJA!! R. CAPOTE VALENTE, 242."
FAX. (011) 881 9789
NEW ROCK
FONE: (011) 280 2952
REF B39
REF B37
REF B41
REF B42
REF B38
REF B43
REF B36
REF B35
BONÉ (B)
CR$ 1.090,00
REF B33
REF B40
REF B44
REF B20
REF B07
REF B34
REF B32
REF B28
REF B04
REF B22
REF B21
REF 372
REF 376
REF 378
REF 377
REF 373
REF 379
REF 368
REF 376
REGATA (M/G): CR$ 1.090,00
MANGA CURTA (M/G): CR$ 1.190,00
MANGA LONGA (M/G): CR$ 1.190,00
Tamanhos P M e G
REF 367
REF 358
REF 361
REF 369
REF 359
REF 364
REF 363
REF 361
REF 370
REF 368
REF 362
REF 371
REF 360
COMO COMPRAR
Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para a NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242, São Paulo/SP, Cep: 05408-000.
DESPESAS DE SEDEX: Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços válidos de SEDEX são de CR$ 400,00 (Região Sudeste) e de CR$ 800,00 (demais regiões). Se as despesas forem maiores que o valor acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no Correio, ou abatidas, se forem menores.
O Correio mandará um AVISO DE CHEGADA entre 8 e 15 dias após o envio de sua carta. Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber este aviso.
TOTAL DA COMPRA - CR$
NOME:
END.
CEP: FONE:
CIDADE: ESTADO:
RG: ASSINATURA:
MOD. REF. COR. TAM.
SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/10/93
REVENDEDOR EXCLUSIVO NO CENTRO DE SÃO PAULO: DEVIL DISCOS (011)

MADONNA

AFINAL, A FÊMEA FATAL

O maior espetáculo da Terra?Ela e sua trupe milionária aportam por aqui em poucos dias com The Girlie Show. Direto de Londres, uma prévia com a estréia retumbante da turnê e os múltiplos buxixos que cercam a chegada da mega-estrela

O SHOW QUE VOCÊ VAI VER

"Corram! Corram! Corram! Venham por aqui! Senhoras e senhores, o show está para começar! Sim, este é *The Girlie Show*, o único no seu gênero! Não aceite imitações. Não aceite limitações."

A música é de parque de diversões. Um palhaço melancólico faz sua mímica e dos céus surge uma dançarina seminua, agarrada a um mastro. Com os seios de fora e um sorriso no rosto, ela desliza, se contorce e desaparece. Escuridão. Luz, uma figura de preto numa plataforma que roda. Cabelos curtos e loiros, botas de couro e chicote na mão. "Erotica" é um aviso: daqui em diante as coisas serão assim. Madonna dominando e nos, meros mortais, em total submissão. E quem é que está reclamando?

Para o primeiro show da turnê mundial de *The Girlie Show* – "quero ir aonde tenho inimigos, por isso vou começar em Londres" –, as expectativas são esmagadoras. Temos visto Madonna nas telas, nas páginas de *Sex*, nas colunas de fofoca, mas há três anos que não a vemos no seu melhor meio de expressão: o palco. Os tablóides ingleses gastaram toneladas de papel e tinta na semana anterior ao show, detalhando a chegada da estrela, com os "pouquíssimos" fãs no aeroporto, com os "gatos-pingados" na porta do hotel. Por mais que proteste, o mundo continua fascinado por Madonna.

A chuva parou e a princesa Diana (a segunda mulher mais famosa do mundo?) chegou – causando uma verdadeira comoção ao entrar no camarote real –, e no palco Madonna e dois dançarinos se pegam e se mordem e se esfregam ao som de "Fever". "Vogue" é mais calma, com dançarinas em estilo oriental fazendo uma incrível dança das mãos. "Rain" fica ainda mais intimista, com ela e suas duas *backing vocals* cobertas de preto dos pés à cabeça e, no meio da música, mudando para uma versão de "Just My Imagination (Running Away With Me)", dos Temptations.

"Quero ir aonde tenho inimigos, por isso vou começar em Londres"

Há um brevíssimo momento de tédio, quando no melhor estilo Broadway, aparecem palhaços com guarda-chuvas que dançam "Singing In The Rain". O público aguarda pacientemente. Sabemos que a demora é necessária para que Madonna apareça vestindo algo ainda mais espantoso. Ela não nos decepciona. Do alto do palco, Madonna desde sentada numa enorme bola espelhada, com calça boca-de-sino e uma gigantesca peruca afro-loira. "Quero te levar para um lugar onde você nunca esteve", anuncia uma voz grave... e o lugar é a década de 70, o mundo da *disco music* e do prazer desenfreado (pelo menos em nossas imaginações). "Express Yourself" é *superfunky*, e "Deeper And Deeper" continua a viagem.

Um *stage diver* sobe ao palco e, ao arrancar as roupas – ficando apenas com o seu shorts de lantejoulas vermelhas –, se revela dançarino. O clima é puro Studio 54 em seu auge e termina em orgia, com Madonna e dançarinos virando uma massa de corpos no chão.

Do hedonismo, temos uma viagem à mensagem política. Do alto de uma coluna, a cantora então se pergunta por que é tão difícil nos amarmos e sermos irmãos, enquanto dançarinos negros e brancos se abraçam. O tema fica mais sério ainda com "In This Life", a música sobre Aids que Madonna canta sozinha, sentada nas escadas que descem para a platéia. E afinal, chega a hora da cerveja: num interlúdio chamado "Peace Within", quem não saiu para ir ao bar assistiu a seis minutos de dança totalmente esquecíveis.

Nada poderia ter nos preparado para o que se segue: de fraque, cartola e bengala, Madonna vira Marlene Dietrich e canta "Like A Virgin" com voz grave, sotaque alemão e em estilo cabaré. "Wunderbar!" ela exclama no momento mais engraçado do show. Quem esperava a "escândalo", tem "Bye Bye Baby" em que Madonna – entre uma declaração de "This is not a love song" e outra – acaricia dançarinas de lingerie *e simula atos sexuais. "Mulheres!", ela reclama no final, "quem é que precisa delas?"*

"Mulheres", ela reclama no final, "quem é que precisa delas?"

A sequência "latina" é fraca: "I'm Going Bananas" tenta (em vão) ser cômica – Madonna fica "louquinha", um médico vem tratá-la e acaba seduzido –, enquanto "La Isla Bonita", com os remelexos, toma o lugar de músicas melhores (cadê "Like A Prayer"?). Madonna nos pergunta o que estamos achando do show. O estádio urra. "Quero ajoelhar e agradecer a Deus por não ter chovido", ela diz humildemente. "E olha que eu não me ajoelho muito freqüentemente. Podem perguntar a meus namorados." "Holiday" é pura dinamite, com a "companhia" inteira de casaca militar marchando, dançando e fazendo diversas acrobacias. "Justify My Love" é genial, com todos de roupas vitorianas. Madonna de sauna/cartola/óculos escuros lembra o Drácula de Gary Oldman. A explosão final fica com "Everybody". De shorts e camiseta, ela nos manda para casa dizendo que somos todos estrelas. O circo parte para outra cidade e nos deixa para trás sob o feitiço de suas atrações. Única má lembrança: o repentino, onde faltou "Material Girl" e muitas outras. E por que tocar "Why's It So Hard"?

Mas tivemos o que esperávamos: nudez, androginia e as transgressões que fingimos achar repelentes. As roupas deixaram a ousadia de Jean Paul Gaultier para o classicismo discreto de Dolce e Gabbana, mas Madonna continua a intrépida turista sexual. Comparado com *Blonde Ambition*, o humor ficou melhor e mais freqüente, coreografia e cenografia se sofisticaram e as influências (Bob Fosse, Fellini, Gene Kelly, Lola Montes) se diversificaram.

Sim, a camaleoa continua se reinventando. *The Girlie Show* pode ser uma superprodução, mas Madonna é tudo. De Dita Parlo e Theda Bara a Salomé, ela consegue trocar de pele como uma grande artista, fazendo uma última homenagem às mulheres. Afinal, é a maior *entertainer* do planeta e este é o seu feitiço. Só por isso, devemos ser gratos a ela eternamente. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

THE GIRLIE SHOW
Set list da estréia

- "Erotica"
- "Fever"
- "Vogue"
- "Rain"
- "Express Yourself"
- "Deeper And Deeper"
- "Why's It So Hard"
- "In This Life"
- "Peace Within" (dance)
- "Like A Virgin"
- "Bye Bye Baby"
- "I'm Going Bananas"
- "La Isla Bonita"
- "Holiday"

BIS

- "Justify My Love"
- "Everybody"

MADONNA EM LONDRES

Da última vez que tocou em Londres, em 90, Madonna provocou furor com suas saídas pela cidade. Quando dava a sua corrida matinal pelo Hyde Park, a cantora e a sua dezena de seguranças xingavam os fotógrafos e atropelavam os turistas passeando pelo parque
Em 92, a cantora voltou à cidade para promover o recém-lançado *Erotica*. A verdade é que ela passou vários dias trancada em seu hotel de luxo, e só saiu para dar uma entrevista – para o apresentador de TV Jonathan Ross – junto a um gigantesco guarda-costas, claro.

Desta vez, porém, Londres conheceu uma nova Madonna. A sua chegada não foi exatamente discreta. Afinal, eis que a estrela trouxe 46 malas de roupas equipamento completo de musculação e quarenta caixas de bebidas *diet*.
Mas a companhia de segurança que foi contratada nesta oportunidade – aliás, a mesma que trabalha com os Rolling Stones – acreditou numa tática mais reservada. Quem foi ao Hyde Park teve uma surpresa: viu Madonna correndo com apenas três guarda-costas e até deu bom-dia a vários fãs. *A.G.L.*

Ela trouxe 46 malas de roupas... e quarenta caixas de bebidas diet

OUÇA ESSA... ESPECIAL

■ "Não via a hora de entrevistá-la. Quando bati na porta, ela foi aberta por uma mulher pálida e cheia de espinhas – achei que fosse a empregada. Ela não foi nada *sexy* e passou o tempo inteiro tentando parecer intelectual – coisa que ela não é – e justificando seu livro e seus vídeos eróticos" ***Andrew Neil (editor do jornal Sunday Times)***

■ "É uma pessoa muito vulnerável e sensível, mais do que deixa transparecer para os outros. É justamente com essa pessoa que me dou. Lembro de que, quando nos conhecemos, eu disse para ela: 'Minha mãe também morreu quando eu era pequena'. Desde então temos sido amigas" ***Rosie O'Donnell (atriz de A League Of Their Own)***

■ "Ela é estranha. Seu corpo não é dos melhores. Seu rosto não é do tipo mais bonito. Mas sua audácia é assustadora. Ela faz todas as coisas que as mulheres adorariam fazer mas não têm coragem. Ousa ser o que os homens gostariam que suas namoradas e esposas fossem, mas não têm a coragem de admiti-lo" **Michael Winner (diretor de cinema)**

■ "Amo Madonna. Eu a pedi em casamento, mas ela recusou. Um dia, peço novamente. O fato de ela ter usado o meu bustiê me tornou famoso no mundo todo" **Jean-Paul Gaultier (estilista)**

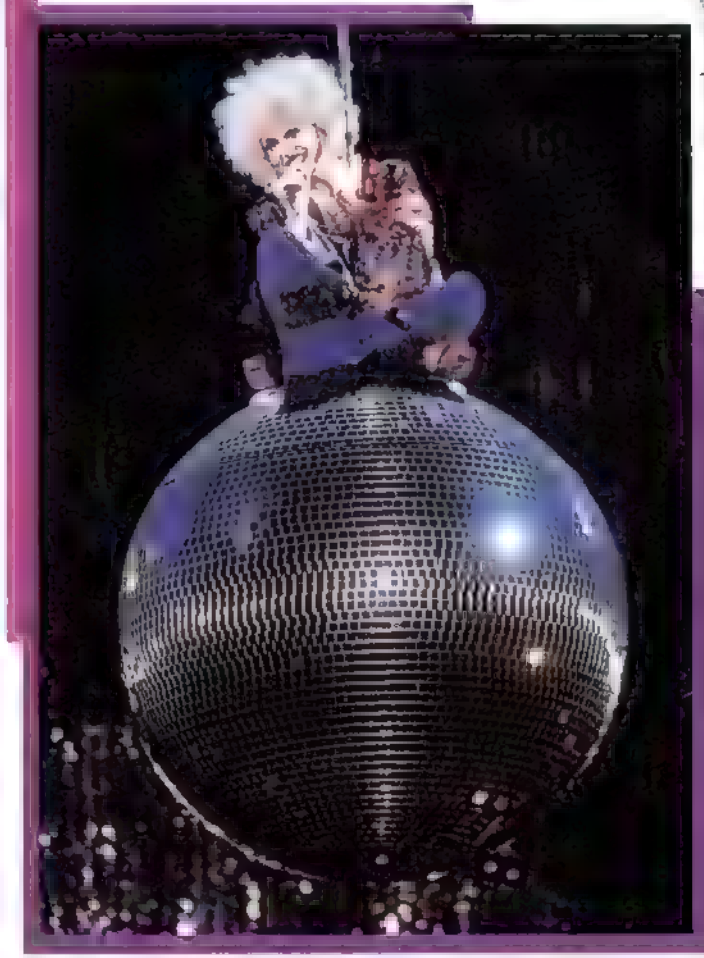
■ "Ela é uma pervertida confusa. Seu livro Sex é um péssimo espetáculo, que coloca mulheres decentes em risco" **Robert Spink (do parlamento inglês, membro do Partido Conservador)**

■ "É esperta – precisa ter sempre o controle de tudo e adora ser a 'Nossa Senhora da Perpétua Autopromoção' " **Christopher Andersen (biógrafo de Madonna)**

■ "Madonna e Sharon Stone? As duas são simplesmente obscenas. A Madonna envergonha o seu próprio nome" **Mel Gibson (ator, num inusitado ataque de moralismo cristão)**

■ "Acho que Madonna é uma idiota. Ela foi maldosa comigo" **Sandra Bernhard (comediante)**

■ "Adoro o disco novo da Madonna e gosto dela, mas me pergunto quanto tempo ainda ela vai ser capaz de causar escândalos" **Patsy Kensit (atriz)**



■ "Seu tempo já foi. Quis ser estrela, virou uma e agora todos só querem falar mal dela. É sua culpa. Em *Na Cama Com Madonna*, nem chegamos a ver a banda dela!" **Lizzi Drew (ex-editora da *Penthouse* e atual editora da *Eros*)**

■ "Adoro a Madonna, ela é meu ídolo. Se apresentou no meu clube no começo de carreira. Cantou "Physical Attraction" e puxou minha camisa e me beijou no peito. Me enlouqueceu! Aí, foi embora e virou *superstar*. Admiro-a muito. Fez tudo sozinha e, para uma mulher, isso é praticamente impossível. Eu a amo, cara. Se ela quiser lançar um livro de cem páginas de fotos dela nua, lambendo pés, então faça-o, baby" **Ice T (rapper)**

■ "Resolvi até transar mulher e o pior é que gostei" **(Adriana, a fundadora do fã-clube brasileiro de Madonna, *Fucking Fans*, revelando a um jornal paulistano como a estrela conseguiu mudar seus hábitos sexuais)**

■ "Agonia e êxtase" **(Liz Rosemberg, relações-públicas da cantora dando uma definição curta e grossa para *The Girlie Show*)**

■ "Honestamente, acho que Madonna é ótima. Agora, é óbvio que ela não é uma bailarina" **(Alexandre Magno, o bailarino e coreógrafo radicado nos EUA que é membro da equipe de apoio de Madonna)**

ESTE É O JOGO. SE VOCÊ CONHECE AS REGRAS, LEIA O JT.

Caderno de Esportes. Agora todos os dias no JT.

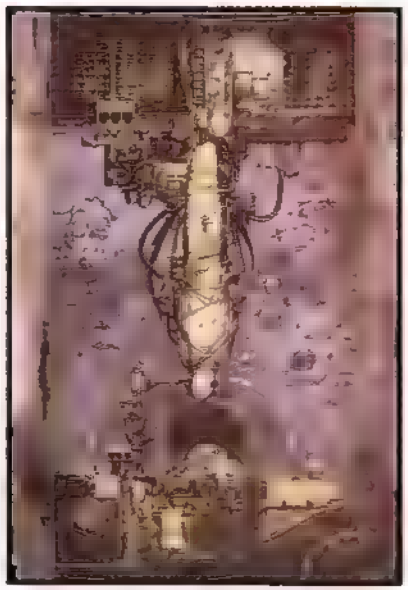
O Caderno de Esportes do JT, além de ser diário, agora traz também a cobertura de mais de 20 esportes todos os dias. Do futebol ao beisebol, nada vai escapar à nossa equipe esportiva. E nem aos nossos leitores. Afinal, nem só de futebol vive o torcedor brasileiro.

LANÇAMENTOS

SEPULTURA

Warner

Chaos A.D.



Diga a verdade, nada mais que a verdade quando foi a última vez que você realmente ouviu um disco animal?
Procure contar nos dedos quantos foram os álbuns revoltados que você já teve o prazer de colocar no toca-discos.
Alguém poderia citar discos como *Damaged* do Black Flag ou *War On 45* do D.O.A.. Talvez outros prefiram *Fresh Fruits For Rotten Vegetables*, dos Dead Kennedys ou, mais recentemente *Reign In Blood*, do Slayer.
Agora, acaba de ser lançada mais uma jóia do ódio para ser adicionada a esta coleção: *Chaos A.D.*, do Sepultura.
O disco só pode ser descrito como uma boçalidade total (no bom sentido, claro!). Ao incorporarem influências que transitam do industrialismo e do techno, até os ritmos brasileiros, Max & Igor Cavallera, Paulo Jr. e Andreas Kisser gravaram um álbum totalmente fora daqueles clichês do *death/thrash/speed* ou seja lá o nome que você queira chamar essa tendência.
Uma coisa é certa: os *headbangers* vão amar o disco. Mas até os fãs de outros gêneros vão poder apreciá-lo pelo que é: uma irretocável coleção de *riffs* de *hardcore* daquelas musicas recheadas de partes "quebradas" no melhor estilo do Helmet, sem contar uma avalanche de refrões matadores que colam na memória instantaneamente e nos fazem ficar sonhando com aquele *mosh* violento a cada passagem.
É claro que você quer saber das musicas: A pauleira de "Refuse/Resist", por exemplo, tem o *riff* mais assassino já gravado desde "Angel Of Death", do Slayer.
Por outro lado, "Propaganda" traz em suas evoluções um clima apoteótico que é tudo que Dave Mustaine, do Megadeth, sempre sonhou em fazer.
"Biotech Is Godzilla" trata-se de uma alucinação sobre as guerras bacteriológicas, com letra do ex-Dead Kennedys Jello Biafra e um refrão que se assemelha com qualquer coisa do Lard.
Se não bastasse o pau comendo solto em suas próprias composições, o Sepultura ainda gravou uma ótima cover para a canção "The Hunt", do New Model Army – isso sem falar na edição brasileira do álbum, que traz a versão do grupo para "Polícia", dos Titãs, cantada em português.
E mais: atacou também com uma potente e inesperada faixa instrumental "Kaiowas", que rende homenagem àquela tribo de índios brasileiros que preferiu cometer suicídio antes de ser expulsa da floresta onde vivia.
Por essas e por outras razões, *Chaos A.D.* possui todos os elementos necessários para catapultar o Sepultura definitivamente para a fama. Além de ser muito melhor do que qualquer disco de metal lançado nos últimos tempos, reduz a pó, literalmente, outros grupos de metal "consagrados", tais como o Pantera e o Anthrax. Nota dez.

ANDRÉ BARCINSKI

DISCOS

BRUJERIA

Roadrunner

Matando Güeros

Matamoros, México, março/88. A Brujeria – uma irmandade narco-satânica desmembra vinte pessoas e decapita quatro americanos em nome do demônio. Depois resolve se divertir, montando uma banda de *death metal*. Vocês acreditam? *Matando Güeros* ("Matando Louros") é uma ótima brincadeira de mau gosto de Billy Gould (Faith No More), Raymond Herrera, Dino Cazales (ambos do Fear Factory) e um *drug dealer*, Juan Brujo. As atrocidades que ele canta (em espanhol) envolvem satanismo, narcotráfico e raiva dos mexicanos oprimidos nos EUA. "Matando Güeros", "Molestando Niños Muertos","Leyes Narcos" e "Cruza La Frontera" são demais. O som é a coisa mais monstruosa da Terra, sem nenhuma concessão comercial. Pois como diz o Brujo: "El producto que vendo em la tienda de Satanas nos hace rico en poco tiempo". *JOÃO GORDO*

RITA LEE

Som Livre

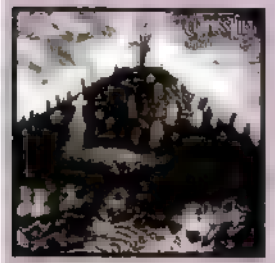
Parecem ser águas passadas os discos de Rita semelhantes aos álbuns anuais de Roberto Carlos canções-padrão, sempre iguais nos arranjos e com a inevitável predominância de baladas aboleradas. Sem demérito para com a acomodação do rei, esta sina não seria adequada para a rainha do rock'n'roll brazuca. Assim, depois da bossa'n'roll, Rita voltou a apresentar sua faceta rock.

No apoio, o ex-Tutti Frutti Lee Marcucci no baixo, o baterista Paulo Zinner (Golpe De Estado), Bob Oak (codinome de seu ex-parceiro, discreto como sua participação), Faisca e Alexandre Fontanetti nas guitarras.
No repertório, rocks rasgados como "Menopower" e "Todas As Mulheres Do Mundo" – que ao lado de "Benzadura" revelaram sua "poção Chrysse Hynde" de militância feminista. E canções como a balada country "Ambição", o balanço de "Drag Queen", a versão de "Canaglia" com os Heartbreakers (lembranças de *Build Up*) e o "sambuxa-da-madrugada" em parceria com Itamar Assumpção, "Só Vejo Azul". Apesar das pesadinhas – como a versão bossa dos Beatles ("Maria Ninguém") e a pentelhice de "Mon Amour" –, Rita ainda é rock'n'roll no pé. *CELSO PUCCI*

CYPRESS HILL

Sony

Black Sunday



Tudo bem: jazz e reggae são as maiores influências do rap atual. Mas, nas entrelinhas, existe uma bem mais monumental, que transcende as categorias: a maconha, *Cannabis sativa*.
A erva entrou com força nos guetos americanos porque:
a) ninguém agüentava mais tanta violência e vício gerados pelo crack e outras drogas pesadas;
b) a porção jamaicana/caribenha aumentou muito de uns dez anos para cá (o que rendeu frutos musicais, como o *ragga-muffin*).
A maconha está mudando os hábitos do gueto e como conseqüência também os de seus porta-vozes. Só que, enquanto alguns como o Arrested Development são mais sutis, existe uma larga facção que levanta bandeiras e faz apologias apaixonadas a *grass*. Pharcyde, Dr. Dre (ex-NWA) e Cypress Hill, todos de Los Angeles, são os que estão em evidência.
Musicalmente são bem diferentes: Pharcyde é mais jazz rap, enquanto Dr. Dre é mais *p-funk*. Cypress Hill tem uma alquimia toda particular: funk quebradiço, hip hop preguiçoso, nebuloso, que traz uma certa indignação, mas daquelas passageiras, que não fazem o cara levantar da poltrona depois de dar uns tapas em um baseado.
O encarte contém dezenove tópicos informativos, do tipo "A maconha foi cultivada primeiro na China em 4.000 a.C.", "A *Cannabis* foi proibida em 37, nos EUA". Altamente educativo.
As letras têm muito papo de louco: "Fumei um ontem que eu não acreditei!"... você conhece o esquema.
O hit se chama "Insane In The Brain" ("Insano No Cérebro"). Soa como "Jump Around", do House Of Pain, depois de um "pernambucano". Explica-se: a produção é de DJ Muggs, que fez o álbum do HOP. Outros títulos: "I Wanna Get High" ("Quero Ficar Chapado"), "When The Shit Goes Down" ("Quando O Bagulho Bate") e "Legalize It" ("Legalize-a").
Os raps são engraçados, dentro de um estilo que pode ser chamado de rap *cartoon*. Em "When The Shit....", parece que os *backing vocals* são feitos pelo Zé Colmeia – é séria esta nova tendência: onça Pharcyde e Naughty By Nature.
Apesar de toda a esquisitice e dos detalhes interessantes, a música de *Black Sunday* cansa pelo excesso (muita repetição de idéias, nada de novo nos *samples*). Um disco para ter e ouvir de vez em quando, tipo com uma roda de amigos, sem ter o que fazer.... você conhece o esquema. *CAMILO ROCHA*

JEFF BECK AND THE BIG TOWN PLAYBOYS

Sony

Crazy Legs

Faça um teste com seus amigos: rode este disco e peça que adivinhem quem é o guitarrista. Aposto que ninguém vai acertar que é Jeff Beck. Nesse *Crazy Legs* não existe nem traço de jazz rock ou esmerilhos. Há Beck, humilde, homenageando seu ídolo, Cliff Gallup, guitarrista dos Blue Caps, de Gene Vincent. Nada de longos solos. A faixa mais longa tem 2:34. São dezoito covers de clássicos dos Blue Caps e a banda de apoio, The Big Town Playboys, vai na onda e é mais tradicionalista que os Stray Cats. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

GREEN JELLŸ

BMG-Ariola

Cereal Killer Soundtrack

Esses caras são uns palhaços e se proclamam uma legítima porcaria. São sacanas multimídia e *Cereal Killer*... é um vídeo em animação do qual este disco é a trilha sonora – onde atacam o rock'n'roll sem perdão. Emplacaram "Three Little Pigs" em 23º lugar na parada de singles da *Billboard* e o álbum chegou ao 26º, mais graças ao clip com bonecos de massinha.
Os caras já levaram dois processos na cabeça. Um que os obrigou a mudar o nome de Green Jellö para Green Jellÿ (por causa da marca de gelatinas) e outro de uma empresa de sucrilhos sacaneada no vídeo. Mas a zoeira é mesmo com outras bandas, em paródias pervertidas. Motörhead, música eletrônica e até Sex Pistols – "I wanna be Fred Flintstone", cantam eles. O que se podia esperar de caras chamados Shitman, Marshall "Duh" Staxx, Three Pigs, Cowgod e Euck?
CARLOS EDUARDO MIRANDA

TIMBALADA

PolyGram

O que antes eram apenas ensaios e *happenings* da comunidade do Candeal Pequeno de Brotas (tendo o "maestro" Carlinhos Brown à frente) invadiu o verão de Salvador e – subvertendo os padrões habituais que vigoram na mídia – logo caiu no boca-a-boca, virou sucesso e agora chega ao disco.
O tratamento pop e o resgate dado aos tambaus (não confundir com timbales) transformaram o que era batucada numa espécie de versão tribal da dance music.

ARNALDO ANTUNES

BMG-Ariola

Nome

Um trabalho que só se consegue definir como "válido" já denota o seu potencial: é chato, inclusive na crítica. Só que Arnaldo parece que tomou sol demais no hemisfério direito do seu coco miolado e radicalizou: pariu *Nome*, a primeira incursão solo do ex-vocalista esquisitão dos Titãs em uma luxuosa edição com direito a vídeo, a livro e até a sarau de lançamento. Experimentalismo é aquilo, não é? Se está experimentando não precisa usar a paciência publica como cobaia... Imagina-se um remédio lançado sem ter sido testado... Os efeitos colaterais desse trabalho caem mal. E o resto irrita só por estar mal acompanhado. Bom, Caetano vai achar lindo. Inclusive, poderia processa-lo por apropriação de estilo/parceria/sotaque. Só que se Caê equilibra sobriedade com atitude *over quser*, Arnaldo experimenta... E o equilíbrio essencial a esse trabalho – o mesmo que falta para tornar *Tropicália 2* completo – destoa gritando e sobra nas músicas mais curtas.
A cada dois poemas vinhetados com superposições de sílabas, que parecem ditas em grego ao contrário, entra um batuque que já no segundo compasso é "adornado" pela *schizo guitar* de Arto Lindsay. Depois da quinta faixa, você percebe: "Po, eu posso fazer isso! Peço para minha irmãzinha de três anos tocar seu pianinho Hering, gravo o ronco do meu tio, sampleio três tonalidades de sons de peidos produzidos pelo sovaco e repito trinta vezes 'Curupira não tem cu, não peida'!!" Deve ser divertido. Ainda mais se alguém comprar. O disco me lembra as tardes que eu passei ouvindo *Araçá Azul* e *No New York* enquanto meus amigos preferiam AC/DC.
A irritação parece que vai chegar ao ápice na asquerosa "Soneto". Mas, ledo engano, vem coisa pior: as últimas cinco faixas se superam! Parecem que te prenderam numa sala de aula com o Zé do Caixão arranhando a lousa com as unhas e esfregando isopor no vidro.
O melhor vem na última música: "Agora" consiste em Arnaldo desacompanhado dizendo: "já passou" durante 1:23. Parafraseando o *Pasquim Diário*, "O disco é uma merda, mas o autor é genial". *ALEXANDRE ROSSI*

Claro que este esquema foi feito para funcionar de preferência ao vivo, o que explica que composições como "Canto Pro Mar" (tornada insuportável pela superexposição) e "Toque De Timbaleiro" tenham perdido a força no estúdio.
Mesmo assim, o disco não chega a decepcionar, com exceção da marchinha fricote do Chacrinha! Os picos mais quentes estão em "Itaim Para O Candeal", um funk-rap de Nando Reis (Titãs) com direito a guitarra *pra music*, o hit "Beija-Flor" e a explosiva "Tá Na Mulher", mix de som do Caribe e *nexá*. Já a fusão do samba-funk do mestre Benjor com o sungue timbaleiro saiu devagar em "Emilio". Quanto às letras... Bem, o ritmo é o que importa. *HAGAMENON BRITO*

2 UNLIMITED

PolyGram

No Limits!

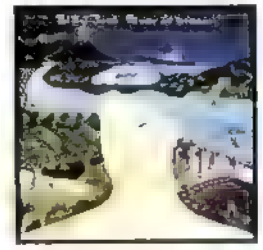
A cada cinco ou seis anos aparece um álbum assim. É... leva tempo até se captar o que acontece no pop europeu contemporâneo, reprocessar tudo – e fazer uma porcaria tão grande. Por motivos errados, o 2 Unlimited é moderno. Mas de que vale ter a sintonia com o rico cenário musical europeu se não há o mínimo de talento?
A parada européia (ou mais especificamente a inglesa) está cheia de exemplos, dos "clássicos" Black Box aos atuais "hits" do Ace Of Base – gente que não vingou ou dificilmente vai gozar de posições privilegiadas nas rádios. Mas o impressionante neste caso é que ele representa o pior futuro que aqueles que apostam no "som do amanhã" podem imaginar.
Uma faixa como "No Limits!" não representa simplesmente nada (e o clip, então, dá vergonha).
O 2 Unlimited só prova que é bom em baixar o nível do tecnopop mundial. *ZECA CAMARGO*

BILLY JOEL

Sony

River Of Dreams

Billy Joel só pode ser um padre. Já na capa, ele simula um Cristo entre o paraíso de Adão e Eva e o inferno da cidade grande. Dentro, uma voz versátil e uma boa banda. Mas o discurso... é uma ladainha só. "Shades Of Grey", fala de um fulano que só vê sombras em sua vida. Em "Two Thousand Years" aborda a falta de fé nos dias de hoje. Termina com "Last Famous Words", seu derradeiro sermão. Se ouvir até o fim, reze a Deus por ter sobrevivido. *CELSO FIORAVANTE*



DISCOS

VAN MORRISON

PolyGram

Too Long In Exile

Old rockers never die...
Outra vez, comprova-se a maxima na classe do velho Van. OK, este álbum padece do mesmo mal do anterior, *Hymns To The Silence*: cansa um pouco ao longo de mais de 75 minutos (em especial no fim, com a quedinha para o *lounge jazz*). Mas aquilo que parece bom, se revela excelente numa audição mais acurada. Vide a faixa-título, onde ele volta do isolamento voluntário citando seus heróis (James Joyce, Samuel Beckett, Oscar Wilde...), um blues sobre as mazelas do *showbiz* ("Bigtime Operators"), baladas de paixão ("Ball & Chain", "In The Forest") e dois espetaculares duetos com o mestre John Lee Hooker – a releitura de "Gloria" e "Wasted Years", sem falar nas covers de "Lonely Avenue" (Doc Pomus) e "Good Morning, Little Schoolgirl" (Sonny Boy Williamson), onde o bardo arrasa no gogó, no sax e na gaita. *CELSO PUCCI*

BJÖRK

PolyGram

Debut

A melhor coisa dos Sugarcubes era a voz de Björk. Com o fim da banda islandesa, ela mudou para Londres e se entregou à direção musical que havia ameaçado com sua participação no disco *Ex: EL*, do 808 State. Ou seja, a diva descobriu a dance. E outras coisas. O álbum de estreia é uma jóia preciosa e delicada, um dos discos mais originais do ano, mescla da maravilhosa esquisitice de Björk com o gênio de Nellee Hooper (produtor do Soul II Soul). Cheias de instrumentos exóticos – tablas harpas e sintetizadores que viajam pelas músicas do mundo –, as faixas vão da percussão tribal de "Human Behaviour" ao *hi-NRG* de "There's More To Life Than This", gravada no banheiro de um clube londrino. Ela canta o *standard* de Chet Baker, "Like Someone In Love", de maneira arrepiante e se declara "violentamente feliz" Espaçoso e melódico, sensual e ao mesmo tempo bem-humorado *Debut* é daqueles discos que vão fazer parte das suas memórias mais íntimas. Não dá para perder. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

JUSTA CAUSA

Justa Causa

Este grupo gaúcho é tudo o que o Barão Vermelho poderia ter sido se Frejat e companhia não fossem tão coxinhas. Eles fazem um rock'n'roll de primeira, tipo Stones com um peso quase metal.
Têm ataque, malícia, agressividade e competência técnica. Tudo isso com um sabor de anos 70 e acima de tudo, uma boa porção daquela "farofada" do Aerosmith.

"Baby Illusion", o "hit" do disco, já está rolando (um pouco) na MTV e dá um retrato do potencial deles. O único problema foi a falta de maior rigor na produção, que deveria ter sido mais concentrada, com menos faixas no disco. Mas, para um álbum de estreia, está muito bom. *LUÍZ RICARDO MAUSER*

GWAR

Warner

America Must Be Destroyed

Gwar saiu aqui! Ponto para a Warner. Mas num disco sem fotos da banda! Gol contra da Warner. Gwar sem imagens é como ouvir áudio de vídeo pornô, não tem a menor graça. Mas a gravadora pode reverter o escore, lançando o vídeo *Phallus In Wonderland*.
Você deve estar pensando: "Que porra é Gwar que esse imbecil está falando?" Gwar é muito engraçado. Ah, você quer informação para despejar aos amigos do bar? Certo, são *freaks* que fazem barulho com muito humor e baixaria nos versos. São de Richmond, Virgínia, USA. Mas o que importa é que eles são muito engraçados. Afinal, cada década tem o Sigue Sigue Sputnik que merece. *JIMI JOE*

ALPHA BLONDY

EMI-Odeon

Live Au Zenith (Paris)

Os franceses não deram a torre Eiffel para ter um Bob Marley só deles? Foi mais ou menos por aí que a bola desse africano da Costa do Marfim começou a rolar.
Afinal, ele canta em francês – nem sempre mas quase –, coisa que jamaicanos ou ingleses nunca fizeram. Mas, a exemplo daquele "garoto pobre que saiu das favelas de Trenchtown", Blondy virou cidadão do mundo. Na Europa de ponta a ponta, no Caribe de cabo a rabo, em lugares tão diferentes quanto Viena, Áustria, ou nossa São Luís, Maranhão, esse ebúrneo é o bicho! Este é seu quinto disco lançado no Brasil, um ótimo "clássicos em desfile". "Jerusalem", "Cocody Rock", "Come Back Jesus", "Benedictioo", "Masada", "Polituqui" e outras mumunhas. Dizem que ele está ficando meio doidão, *but who cares...?* *OTÁVIO RODRIGUES*

KYUSS

Warner

Blues For The Red Sun

Dave Grohl, do Nirvana, me disse numa conversa de bastidores: "*Blues For the Red Sun* é o melhor disco de 92, você ainda vai ouvir falar muito no Kyuss". Talvez seja precipitado dizer que o álbum deveria estar entre os melhores de 92, mas eles têm chance de se tornar algo "monstruoso". Com pouco mais de dois anos, esse quarteto de Palm Desert, Califórnia, lançou este seu segundo trabalho (*Wretch* foi o primeiro), com produção do *master*

of reality Chris Goss.
O disco? Trata-se de um magma de guitarras heavy/psicodélicas escorrendo pelo dorso de uma cozinha com claras influências do Black Sabbath em sua melhor fase. Músicas como "50 Million Year Trip" e "Freedom Run" são viagens de reconhecimento (e pilhagem das boas) pela tradição volátil do rock pesado, com referências que vão de Jimi Hendrix e Blue Cheer a contemporâneos como Soundgarden. "Catterpilar March" é puro êxtase estroboscópico (melhor se apoiar em algum lugar, ou já ouvir perto do chão). "Apothecaries Weight" busca o mesmo "nirvana" ácido de seu par (talvez único) chamado Monster Magnet. *Blues For The Red Sun* é um daqueles discos que nos viciam, obrigatório nesse caótico começo de década. *FÁBIO MASSARI*

KISS

PolyGram

Kiss Alive III

Poucas bandas sobre a Terra não perderam boas oportunidades de ficarem quietas ao lançar seus discos ao vivo, mas os Kids In Satan's Service conseguiram pela terceira vez consecutiva espoucar a cilibrina em outra inventiva celebração de rock'n'roll.

Passe por "Deuce", "I Just Wanna" (que refrão! podia ser o hino dos *hooligans* ...) e "Heavens On Fire" sem chacoalhar o cérebro e ateste sua condição de vegetal.
Se "I Was Made For Loving You" e "Rock'N'Roll All Nite" não tirarem de sua cabeça aquela promissória vencida e "God Gave Rock'N Roll To You" – uma ode à camaradagem dedicada ao ex-baterista Eric Carr, morto de câncer no ano passado – não te emocionar nem na hora do solinho, é porque você não está vivo, definitivamente.
Se o álbum anterior (*Revenge*) já havia conseguido restituir todo o crédito do Kiss junto a sua fiel legião de fãs, este epílogo da trilogia *Alive* é mais do que suficiente para recolocá-los no topo do pódio, bem acima da "farofama" incessante que nos assola a cada dia.
Como diria Henriqueta Brieba, *kiss rules!* *ALEXANDRE ROSSI*

TIGER

Sony

Claws Of The Cat

A fórmula de juntar produtores consagrados e participações de rappers já começa a dar claros sinais de esgotamento.
A voz mais bizarra da tropa do *dancehall* merecia um disco mais ousado e criativo que este "cartão de visitas" ao mercado americano. Pule as três primeiras faixas, burocraticamente embrulhadas por Dave Kelly (do estúdio Penthouse) e escute com um pouco mais de atenção "Who Panned It", perpetrado em dueto com o rap *supercool* de Q Tip (A Tribe Called Quest). A habitual competência de Sly Dunbar faz da lentinha "Just Look" um convite ao balanço, mas não ameniza o desapontamento, afinal. *CLÁUDIO CAMPOS*

3 HOMBRES

Baratos Afins

De Volta Ao Oeste

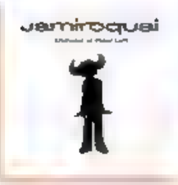
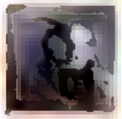
Ai, caramba! E não é que saiu o primeiro álbum dos 3 Hombres? Figuras carimbadas do *underground* paulista, eles quase haviam chegado lá com o abortado *Você No Oeste*, em 89. Como mostrado nas coletâneas *Sangumbo Novo...* e *Enquanto Isso...?!* o grupo dá as costas aos climas sofisticados, indo garimpar seu som sedado na tradição rural do blues e do folk *tex mex*, mas com espaço para outras influências. A faixa "Hotel", por exemplo, evoca a melodia de "Viajei De Trem", do injustamente esquecido Sergio Sampaio. Já "As Três Novas" e "De Volta Ao Oeste" são como acenos ao Television, e o lado *bonacho* dos 3 Hombres se manua em "Um Tonel Na Estrebaria" e "Geladeira Amarela".
ARTHUR G. COUTO DUARTE

TRILHAS SONORAS

Dentro da hierarquia discográfica, as trilhas sonoras quase nunca saíram do escalão mais baixo. Primeiro porque têm vida curta: geralmente ficam em catálogo por três meses. Além disso, são sempre consideradas acessórios do produto visual, seja ele um filme, uma peça teatral ou a novela das oito. A maioria cai merecidamente no esquecimento, mas isso não deveria ser regra. O filme *Sliver* estaria totalmente fadado ao fracasso não fosse a beleza de Sharon Stone ou a trilha sonora (EMI-Odeon) marcada pela dance, que vai de *ENIGMA* a *SHAGGY*. A libido da cena mais quente do filme é aumentada graças ao *MASSIVE ATTACK* em "Unfinished Sympathy", peça musical para sampler e orquestra que reinou absoluta nas pistas dois anos atrás ■ Também merece atenção *Indecent Proposal* (BMG-Ariola). No disco, Chrissie Hynde, vocalista do grupo *THE PRETENDERS*, consegue encher de tesão a cover de "I'm Not In Love" (hit do 10cc, em 75). *SHEENA EASTON* pensa que é Sarah Vaughan e não faz feio em "The Nearness Of You" e *ROY ORBISON* esbanja carisma em "A Love So Beautiful" ■ Existem trilhas que primam pelo *musak*, caso explícito de *Strictly Ballroom* (Sony) com *DORIS DAY* cantando "Perhaps, Perhaps, Perhaps", versão americana para o mambo "Quizas, Quizas, Quizas" e *DAVID HIRSCHFELDER & THE BOGO POGO ORCHESTRA* no *medley* sintetizado "Tequila/Sinful Samba" ■ Arranjos mais fiéis como os de "Sing, Sing, Sing (With A Swing)" composta por *LOUIS PRIMA* em 36, "Shout And Feel It" de *COUNT BASIE* e "Daphne", de *DJANGO REINHARDT* – todas representando a era das *big bands* – aparecem na trilha de *Swing Kids* (BMG-Ariola) ■ Quem prefere a música erudita, pode até curtir a composição nervosa de *WOJCIECH KILAR* para *Bram Stoker's Dracula* (Sony). De brinde, o álbum traz *ANNIE LENNOX* em "Love Song For A Vampire" ■ Seguindo o sentido descendente, a trilha sonora de *Teenage Mutant Ninja Turtles III* (EMI-Odeon) só consegue se salvar pela presença de *ZZ TOP* ■ Em condição parecida está *Last Action Hero* (Sony). Apesar de trazer nomes de respeito nos créditos, como *ANTHRAX* e *CYPRESS HILL*, está mais para trilha de comercial de cigarros ■ Piores mesmo, só as canções que fazem parte da série televisiva *Beverly Hills 90210* (BMG-Ariola), com a agulha do toca-discos deslizando na baba solta por *PAULA ABDUL*, *SHANICE* e afins. *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS · HELTER SKELTER · I FEEL FINE · HELP! · IT'S GETTING BETTER · VINYL · CD · CASSETE

PARADA BIZZ

Capa	Média	Disco	ARTHUR G. COUTO DUARTE Estado de Minas, MG	CARLOS EDUARDO MIRANDA BIZZ	CELSO FIORAVANTE Folha de S. Paulo	CELSO PUCCI BIZZ	EVA JOORY O Globo, RJ	FÁBIO MASSARI Rock Report, 89 FM, SP	GASTÃO MOREIRA MTV	HAGAMENON BRITO Correio da Bahia, BA	JULIANA RESENDE O Estado de S. Paulo	ROGÉRIO DE CAMPOS BIZZ
	7,80	JAMIROQUAI • *Emergency On Planet Earth* • Sony	8	10	7	8	10	6	6	7	7	9
	7,14	PATO FU • *Rotomusic De Liquidificapum* • Cogumelo	10	8	•	7	•	6	6	•	6	7
	7,11	FISHBONE • *Give A Monkey A Brain...* • Sony	8	10	7	4	7	6	7	8	7	•
	6,40	PRIMUS • *Pork Soda* • Warner	7	5	6	6	5	7	8	6	8	6
	6,33	SUICIDAL TENDENCIES • *Still Cyco After All These Years* • Sony	7	7	7	2	•	7	9	8	7	3
	6,11	CAETANO E GIL • *Tropicália 2* • PolyGram	7	0	8	7	6	•	8	6	6	7
	6,10	LL COOL J • *14 Shots To The Dome* • Sony	7	8	7	6	7	5	4	5	7	5
	5,40	ROBERT PLANT • *Fate Of Nations* • PolyGram	7	5	5	5	4	6	6	4	6	6
	4,75	RU PAUL • *Supermodel Of The World* • Warner	•	4	6	6	8	•	1	6	3	4
	3,80	CYNDI LAUPER • *Hat Full Of Stars* • Sony	6	2	7	4	1	2	5	2	3	6

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

Pela força de vontade, um disco beneficiente sempre deveria ganhar um ponto de lambuja. Nesse quesito, até o USA For Africa se encaixa. Agora, quando é lançado algo como **Sweet Relief – A Benefit For Victoria Williams** (Sony), mais uma empreitada em prol da pesquisa pela cura da esclerose múltipla (doença contraída pela compositora), também existe a chance de se conhecer o melhor do rock com timbres rurais hoje. As colaborações contam desde o já *megastars* **PEARL JAM** e **SOUL ASYLUM**, até gente menos conhecida mas não menos interessante (**MICHAEL PENN** e **GIANT SAND**). *J.J.E.S*

Poucas semanas antes de morrer, há dois anos, o trompetista **MILES DAVIS** tocou no festival de Montreux (Suíça), num show muito especial ao lado do produtor maestro e arranjador **QUINCY JONES**, da orquestra de Gil Evans e de grande jazz band, ele rendeu homenagem ao jazz que praticava nas décadas de 40 e 50, interpretando *standards* do período. Passando a limpo o *be bop*, o *cool jazz* e demais influências, Miles revigorou a música que fazia antes de se tornar o pioneiro do chamado jazz rock, neste **Miles Davis & Quincy Jones – Live At Montreux** (Warner). O resultado, longe de ser nostálgico, é clássico. *C.P.*

"Gente, o disco do menino é inacreditável! Longa vida ao Pensador!" Faço minhas as palavras da leitora Silvia Del Valle, que escreveu pedindo uma capa para a estréia de **GABRIEL, O PENSADOR** em álbum homônimo (Sony). Hip hop de primeiríssima, não só pelos raps furibundos do cara como pela produção classe A de Celso Fonseca. Matéria no próximo número. *A.A.*

Malandragem de breque: **Fotografando O Rio** (EMI-Odeon) é a mais recente coletânea de **MOREIRA DA SILVA**, com suas melhores anedotas da vida carioca em ritmo de samba. É só ouvir "Cachorro De Madame" ou "Seca Sovaco" para provar do que o garotão com 91 anos de praia é capaz. *J.J.E.S*

ARQUIVO PESSOAL

PAULO MIKLOS (TITÃS)

Os dez discos que Miklos mais ouve hoje em sua maioria foram comprados em Los Angeles durante o MTV Video Music Awards. Quanto aos dez grandes clássicos de sua vida, ele preferiu citar apenas artistas brasileiros, porque "a moçada não sabe nada de Brasil".

OS DEZ RECENTES

1 NINE INCH NAILS • *Broken* • Nothing/TVT-Interscope
2 VARIOS • *A Vez Do Brasil* • Eldorado
3 REVOLTING COCKS • *Big Sexyland* • Wax Trax!
4 SMASHING PUMPKINS • *Siamese Dream* • Virgin
5 MUZSIKAS • *Blues For Transilvania* • Hannibal
6 PENA BRANCA & XAVANTINHO • Continental
7 ARRESTED DEVELOPMENT • *3 Years, 5 Months And 2 Days...* • Chrysalis
9 TIMBALADA • PolyGram
10 BUTTHOLE SURFERS • *Independent Worm Saloon* • Capitol

OS DEZ ETERNOS

1 CAETANO VELOSO • *Transa* (72) • Philips
2 JARDS MACALÉ • *Aprender A Nadar* (73) • Philips
3 WALTER FRANCO • *Revolver* (75) • Continental
4 DAMINHÃO EXPERYENÇA • *Cemitério Noturno* (s/d) • Independente
5 LUIS MELODIA • *Pérola Negra* (74) • Fontana
6 GILBERTO GIL & JORGE BEN • *Gil & Jorge* (75) • Philips
7 NOVOS BAIANOS • *Novos Baianos F.C.* (73) • Continental
8 OS MUTANTES (68) • Polydor
9 WALTER SMETAK • *Smetak* (75) • Phonogram
10 TIM MAIA (70) • Polydor

LEITORES

Conforme a última apuração, o resultado final ficou assim:
FAITH NO MORE • *Angel Dust* (PolyGram) e **NEW ORDER** • *Republic* (PolyGram) ficaram empatados em primeiro lugar. Empatados em terceiro estão **ARRESTED DEVELOPMENT** • *3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of...* (EMI-Odeon), **THE CURE** • *Wish* (PolyGram), **DEPECHE MODE** • *Songs Of Faith And Devotion* (Warner), **EURYTHMICS** • *Greatest Hits* (BMG-Ariola), **LEGIÃO URBANA** • *Música P/ Acampamentos* (EMI-Odeon), *Metallica* (PolyGram), **PEARL JAM** • *Ten* (Sony), **POISON** • *Native Tongue* (EMI-Odeon), *Skank* (Sony), **THE SMITHS** • *The Best... I* (Warner), e **TITÃS** • *Titanomaquia* (Warner). O restante da lista, bem extensa, vai de **U2** • *Zooropa* (PolyGram) até **BETH CARVALHO** • *Pérolas* (BMG-Ariola).

É certo que esta parada andou sumida por cinco edições e as cartas apuradas só foram as dos leitores insistindo pela sua volta. Aí está ela de novo. Para que tenha mais crédito, sua participação é essencial. Escreva para REVISTA BIZZ – PARADA DOS LEITORES, citando todos os discos comprados recentemente por você. O endereço da redação está no expediente da revista.

LOJAS

GERAL

1 CAETANO E GIL • *Tropicália 2* • PolyGram
2 U2 • *Zooropa* • PolyGram
3 STONE TEMPLE PILOTS • *Core* • Warner
4 HELLOWEEN • *Chameleon* • EMI-Odeon
5 JOE SATRIANI • *The Extremist* • Sony
6 ANTHRAX • *[Sound Of White Noise]* • Warner
7 AC/DC • *Live* • Warner
8 JORGE BENJOR • *Mestres da MPB* • Som Livre
9 SOUL ASYLUM • *Grave Dancers Union* • Sony
10 HOUSE OF PAIN • Warner

INDEPENDENTE

1 DEFALLA • *Kingzobullshit* • Cogumelo
2 HOMEM DE BEM • *Xenti* • Sucessis
3 BIOHAZARD • *Urban Discipline* • Roadrunner
4 LÍNGUA DE TRAPO • *Brincando Com Fogo* • Devil
5 PIN UPS • *Scrabby* • Devil
6 PATO FU • *Rotomusic De Liquidificapum* • Cogumelo
7 KORZUS • *Mass Illusion* • Devil
8 EDU LOBO • *Corrupião* • Velas
9 NOEL ROSA • *Songbook* • Lumiar
10 RACIONAIS MC'S • *Raio X Brasil* • Zimbabwe

Lojas consultadas: Baratos Afins, Bossa Nova, Cri Du Chat, Devil Discos, Mesbla, Musical Box e Woodstock Discos (São Paulo, SP), Mesbla, Modern Sound, Rock It! e Sub Som (Rio de Janeiro, RJ), Cogumelo Discos (Belo Horizonte, MG), Foto Som (Porto Alegre, RS) e Jukebox (Curitiba, PR) em 24/09/93.

EUA — Billboard, 11/09

1 BILLY JOEL • *River Of Dreams* • Columbia
2 VÁRIOS • *Sleepless In Seattle* • Epic Soundtrax
3 BLIND MELON • Capitol
4 JANET JACKSON • *janet.* • Virgin
5 CYPRESS HILL • *Black Sunday* • Ruffhouse
6 STONE TEMPLE PILOTS • *Core* • Atlantic
7 VÁRIOS • *The Bodyguard* • Arista
8 UB40 • *Promises And Lies* • Virgin
9 AEROSMITH • *Get A Grip* • Geffen
10 ROD STEWART • *Unplugged... And Seated*

GB — Music Week, 28/08

1 UB40 • *Promises And Lies* • Dep International
2 THE LEVELLERS • China
3 SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic
4 BILLY JOEL • *River Of Dreams* • Columbia
5 U2 • *Zooropa* • Island
6 ADAM ANT • *Antmusic - The Very Best Of Adam Ant* • Arcade
7 BON JOVI • *Keep The Faith* • Jambco
8 R.E.M. • *Automatic For The People* • Warner
9 4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster, More!* • Interscope
10 TINA TURNER • *What's Love Got To Do With It* • Parlophone

EUA — College — Gavin Report, 02/09

1 PAUL WESTERBERG • *14 Songs* • Sire/Reprise
2 URGE OVERKILL • *Saturation* • Geffen
3 TEARS FOR FEARS • *Elemental* • Fontana/Mercury
4 U2 • *Zooropa* • Island
5 MATTHEW SWEET • *Altered Beast* • Zoo
6 PORNO FOR PYROS • Warner
7 SMASHING PUMPKINS • *Siamese Dream* • Virgin
8 DRAMARAMA • *Hi-Fi Sci-Fi* • Chameleon
9 BJÖRK • *Debut* • Elektra
10 THE CRANBERRIES • *Everybody Else...* • Island/PLG

GB — Tecno — New Music Express, 04/09

1 RELOAD • *A Collection Of Short Stories (EP)* • Infonet
2 SANDOZ • *Dark Continent* • Touch
3 LAGOWSKI • *Artificial* • Disturbance
4 SPACETIME CONTINUUM • *Flourescence EP* • Reflective
5 RED EYE • *After 6AM N3* • Delirium
6 DATACIDE • *Ecstasy Of Communication* • POD
7 SONIC INFUSION • *Magnifica* • Eye Q
8 ORICOM • *Intersonic* • Rugged Records
9 SUN ELECTRIC • R&S
10 KEN ISHII • *Utu EP* • Plus 8

FFD VIDEO CREW

KISS

X-Treme Close Up
PolyGram. 92. Direção: Bill Bowman. 90 min.
Mesmo que você não seja fã do Kiss, mas ainda assim um interessado no "fenômeno rock'n'roll", está intimado a assistir este vídeo. É um ótimo raio-X da "filosofia" da banda: Paul Stanley e Gene Simmons entregam que queriam ser como os Beatles, mentem que o heavy metal não existia antes deles, contam que resolveram tirar as máscaras quando se deram conta de que o Kiss tinha virado uma banda infanto-juvenil e que até hoje consideram o show que fizeram no Brasil, em 83, como o ponto máximo da carreira do grupo. São entrevistas e momentos históricos – como por exemplo, fotos de Gene e Paul ainda molequinhos – e o melhor, 24 clips (na íntegra ou em trechos) e takes de shows. Um material que compreende desde "Watching You", de seu primeiro disco, até as babas dos últimos anos, passando pelos clássicos como "Beth", "Deuce", "Cold Gin" e "God Of Thunder". Por incrível que pareça, das músicas obrigatórias, não foi incluída "Rock'N'Roll All Night".
É a primeira parte do vídeo, centrada no período em que usavam as máscaras pintadas e aquelas botas de trinta centímetros de altura, que garante os melhores momentos. De cara limpa, o Kiss se transformou em apenas mais uma banda de rock-arena.
Mas até então, mesmo que sem querer, o quarteto acabou expondo ao mundo os tantos truques e jogadas de marketing que constituem o lado obscuro do rock'n'roll. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

CREAM

Strange Brew
Warner. 92.
Direção: Vários.
60 min.
O que pode ter um documentário sobre uma banda que durou só dois anos, nunca se envolveu em escândalos extramusicais e era formada por três músicos pacatos e pouco chegados a declarações bombásticas? Só sobra mesmo a música. E isto até que este filme tem bastante. O solo gigantesco de bateria que Ginger Baker faz em "Toad" está quase inteiro. Tem Eric Clapton mostrando como nasceu uma tal frase de guitarra e Ginger Baker ensinando como bater em dois bumbos ao mesmo tempo. E tem até Jimi Hendrix tocando "Sunshine Of Your Love" em um programa de TV. O melhor dos vários depoimentos acontece logo no início, quando Clapton diz que o Cream foi a banda que deu início ao heavy metal. Humilde, ele fala isso com a cara sofrida de quem pede desculpas. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

FAITH NO MORE

Video Croissant
PolyGram. 93.
Direção: Vários.
50 min.
Uma bem realizada coletânea-picadinho que inclui clips batidos – mas bons. Do álbum *The Real Thing*, há "Epic", "From Out Of Nowhere" e "Falling To Pieces", mais o inédito "Surprise' You're Dead", dirigido pelo baixista Bill Gould – o único, aliás, que foge do "padrão MTV". Já do subestimado disco *Angel Dust*, aparecem hits como "Midlife Crisis", "Small Victory" e "Everything's Ruined", além de uma versão ao vivo e "zoneada" para "Caffeine". Do FNM pré-Mike Patton, há a ótima "We Care A Lot" e a razoável "Annie's Song", ambas com Chuck Moseley nos vocais. Fãs incautas podem estranhar algumas cenas, como aquela em que uma garota é surpreendida pelo papo do tecladista Roddy Bottum, a respeito de um suposítório muito usado pelos gays. *JOÃO RICARDO LIMA*

ERIC BURDON

Finally... Eric Burdon And The Animals
Warner. 91
Direção: Bill Getz.
60 min.
O título real deste vídeo – *The Animals And Beyond* – traduz melhor seu conteúdo uma retrospectiva bem legal da carreira de Eric, repleta de imagens históricas com edição ágil e criativa (ah, e pouco falatório). Desde o *boom* do rhythm'n'blues britânico – quando sua banda competia em delinquência musical com os Stones –, passando pela fase psicodélica dos New Animals, pelo tempero latino do War, até a recente colaboração com Brian Auger, o cara arrasa nos vocais. Curiosamente, a sua Eric Burdon Band e mesmo a volta dos Animals nos anos 70 são ignoradas, o que não tira o mérito do vídeo, mais voltado para a década de 60. Há até depoimento de um velho chapa de Eric – um tal de Jimi Hendrix. Só uma pergunta: o que um "penetra" como Sammy Haggar tem tanto a falar sobre tudo isso? *CELSO PUCCI*

Como músico, você vai encontrar muitos instrumentos
Muitos você irá esquecer. Alguns você vai comprar. Raramente, um vai emocionar
Na ZOOM, nós entendemos este FEELING porque trabalhamos há muitos anos com um propósito: criar instrumentos que valorizem sua veia artística.
Experimente o ZOOM 9000, e você vai entender nosso objetivo

IMBRASOM
IMPORTADOR EXCLUSIVO
Tel: (011) 277 8229
Fax (011) 279 0833

ZOOM 9000

VOLTA CINTILANTE

Sim, nestes tempos de "febre jurássica", ao menos o retorno de um par de "dinossauros" pode ser benfazejo. Estou me referindo aos dois comebacks mais comentados deste ano: o do Velvet Underground e o do **BIG STAR**.

É claro que, nos casos acima, o termo "dinossauro" nem deveria se aplicar. Ambos os grupos nunca obtiveram reconhecimento durante suas existências, não conquistaram sucesso em vendas nem encheram arenas e, apesar de tudo, exerceram influência capital no rock'n'roll contemporâneo.

Tornaram-se lendas atemporais e seus integrantes – com maior ou menor frequência – desenvolveram com dignidade seus trabalhos solo. Por isso, suas respectivas retomadas de curso após tantos anos, deviam ser encaradas com respeito, senão com a veneração dos velhos fãs. E é muito bom saber que os dois reencontros foram registrados em discos ao vivo. Se o do VU ainda está prestes a sair, o do **BS**, **Columbia – Live At Missouri University 4/25/93** (Zoo Entertainment), já pode ser devidamente apreciado.

Alex Chilton (guitarra/voz) e Jody Stephens (bateria), os dois remanescentes da formação original acertaram plenamente ao escolher Jon Auer (guitarra) e Ken Stringfellow (baixo), ambos membros do grupo de Seattle The Posies para completar o quarteto.

Largamente influenciados pelo BS, eles se inteiraram perfeitamente a Chilton e Stephens para releituras fiéis e vigorosas dos clássicos do grupo – na maioria retirados dos seus dois primeiros álbuns, *#1 Record* e *Radio City* (ver *Discoteca Básica* da edição anterior de BIZZ). Não bastasse isso, chegaram a levar até o vocal principal em algumas canções, caso de Jon em "I Am The Cosmos" (do finado ex-membro do grupo, Chris Bell) e Ken em "Back Of A Car", "Daisy Glaze" e "Feel".

Ah, as versões que eles fizeram para "Baby Strange" (Marc Bolan) e "Slut" (de Todd Rundgren, cantada por Stephens) acabaram ficando igualmente ótimas, mas em termos de emoção o ápice ficou por conta de "September Gurls" e "The Ballad Of El Goodo", ambas arrepiantes na voz de Chilton. *CELSO PUCCI*

ENTRANDO NA DANÇA

Há cerca de três anos, poucos acreditavam na dance music. Aqueles que eram contra o gênero achavam que ele era enganação, uma moda momentânea que logo passaria. Existia uma multidão favorável a este suposto "novo ritmo" que tomava conta das rádios. Mas o estilo não estava em evidência por simples acaso e sim por ter influências e variações vindas de todos os lados imagináveis, o que fez com que os músicos e os críticos ficassem surpresos com a "nova ordem".

Apesar de muitos dos pretensos detratores acharem que a dance music se tratava de uma tentativa de reviver a música disco do final da década de 70, os anos foram se passando, o gênero se expandiu e hoje vende milhões em toda a Europa e nos EUA.

A prova é o surgimento a cada dia de novas gravadoras independentes que só trabalham com o gênero. Hoje, este número de selos especializados chega a ser incontável, mas alguns deles merecem um destaque especial, devido aos grupos que projetaram ou às tendências que lançaram no cenário. Aí vai uma pincelada nos melhores, ou seja, aqueles que estão produzindo as coisas mais dançáveis do momento. *LOURIVAL C.S. JUNIOR*

■ **Cowboy** (Inglaterra)

É de um grupo chamado Boomshanka, ultra-considerado pelos DJs. Não é à toa, pois o *cast* deles faz jus à fama, com **THE ALOOF**, **WELL HUNG PARLIAMENT** e outros.

■ **Junior Boy's Own** (Inglaterra)

Selo especializado em *indie rock*, que depois voltou-se para a dance music. A maioria das suas coisas tem um acentuado apelo pop. Para ter uma idéia exata do som, ouça **ROACH MOTEL**, **X.PRESS 2** e **UNDERWORLD**.

■ **XL** (Inglaterra)

Este é um daqueles selos que cresceram e ficaram famosos com a popularização das *raves*, devido ao fato de seus artistas fazerem música especialmente destinadas a elas. Ou seja, *techno hardcore*. As *raves* não vivem só deste estilo, mas ele vai muito bem. Nessa praia, procure por **THE PRODIGY**, **S.L.2** e **JOHNNY L.**

■ **Strictly Rhythm** (EUA)

Carregando a bandeira da *trance music* e representando muito bem os EUA, este selo não pára. As revistas especializadas de dance music sempre têm algum single dele em suas paradas. Em suas fileiras, já possuem vários lançamentos memoráveis como os projetos **PHUTURE**, **ALY-US** e **C.L.S.**.

■ **Eye-Q** (Alemanha)

Os selos dance não têm compromissos com variações específicas. Este trabalha num espectro que vai do *techno hardcore* aos sons ambientais viajantes. Para entender o que significa isso, ouça o projeto **SVEN VÄTH**.

■ **Labworks** (Alemanha)

Traz coisas puxadas para um lado menos melódico, com bpm's em alto volume e vocais quase inexistentes. Dois ótimos exemplos disso são **SPECTRAL EMOTIONS** e **S.D.L.**.

■ **R&S** (Bélgica)

Quem já ouviu a outrora inovadora "Plastic Dreams", do **JAYDEE**, já sabe que esse foi o grande single do selo. Apesar de terem coisas muito boas, só esta faixa fez sucesso nas FMs daqui. Corra às importadoras e procure por a gum disco de **C.J. BOLLAND** ou o single "My Definition Of House", de **D.J. HELL**.

■ **Apollo** (Belgica)

O selo é suporte do R&S, para edições na linha de musicas ambientais. Já lançou discos legais, apesar de não ter nada de destaque atualmente. Possivelmente devido à evidência da *trance music* e pela volta das pessoas aos clubes, os projetos mais representativos são **DAVE ANGEL** e **MICROGRAVITY**.

ZONA FRANCA

SALADA PSICODÉLICA

Jurassic Shift (Dovetail) é o sexto álbum dos **OZRIC TENTACLES** e também o seu disco da consagração. A banda inglesa saiu dos circuitos ultra-subterrâneos (no caso, do novo cenário psicodélico) e aterrissou na boca e no ouvido de quase todo mundo que se liga nas novidades do bagunçado mundo alternativo. A salada sonora da banda deu um fim no formatão pop do começo-meio-fim com três minutos de duração e se impôs com um som que vai do instrumental lisérgico ao reggae espacial com pitadas de *world music*.

No seu lançamento, o álbum vendeu vinte mil cópias antecipadas e logo sentou a sua bunda colorida no primeiro lugar das paradas britânicas. Nada mal para um bando de *freaks* (no bom sentido), que são donos de seu próprio estúdio, de um selo... E que ainda se recusam a assinar com uma *major*. "Viajantes" de verdade, meu irmão. *FÁBIO MASSARI*

RITUAL GÓTICO

Reginaldo não morreu! Não satisfeita em parir algumas das mais bestiais formações do rock (Big Black, Ministry, Naked Naked Raygun), Chicago acabou dando à luz – em meio a muita treva e desolação, como requer uma banda gótica que se preza – ao quinteto **USHERHOUSE**. Contando com os serviços de engenharia e produção do conterrâneo Steve Albini, os caras provocam pânico com o *crossover* dark/industrial/nuclear/metal que detonaram em **Molting** (Cleopatra). Nem H.P. Lovecraft seria louco o bastante para imaginar coisas como "Avalanches", "Monkey Strange" e "Body Politic" – essa , um improvável mix de Bauhaus com *cyberpunk*. E tem gente que duvida que o fim do mundo está próximo... *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

PUNK MAINSTREAM

Trio de Chicago, formado pelos amigos Blackie O. (bateria/vocais), Nash Kato (guitarra/vocais), e King Roeser (baixo/vocais), o **URGE OVERKILL** é basicamente som *mainstream* dos anos 70 (Cheap Trick, por exemplo) filtrado pela dinâmica do punk. **Saturation** é seu quarto álbum e o primeiro pela mesma Geffen do Sonic Youth e do Nirvana. O disco é uma festa de ponta a ponta, como se uma jukebox fosse permanentemente acionada, já que todas as faixas têm cara de hit. A produção (excelente) ficou curiosamente a cargo dos Butcher Bros., conhecidos pelo trabalho com o Cypress Hill. Cinco músicas se sobressaem: "Sister Havana", "Tequila Sundae", "Positive Bleeding", "Woman 2 Woman" e "Dropout". Ah! Quem esperar vinte minutos depois do final do CD vai ter uma bela surpresa. *DANIEL BENEVIDES*

PÓS-PUNK CHUCRUTE

A reedição de **Der Westen Ist Einsan** (82, Mercury/Phonogram), quase simultânea à de **Herlizch Wilkommen Im Irrenhaus** (93, Harvest/EMI), confirma os **ABWÄRTS** como uma das grandes bandas do pós-punk alemão. No álbum de estréia, *Amok Koma* (80), já pontificavam o tecladista/percussionista F.M. Einheit e o baixista Mark Chung, dando uma palinha do que seria o industrial Einsturzende Neubauten. Mas foi em *Der Westen*,. que a tensão entre o experimentalismo deles e as guitarras e os vocais apunkalhados de Frank Z chegou ao ponto de bata. Depois da saída dos dois, os Abwärts de Frank Z fizeram alguns discos independentes, meio caídos para a new wave e voltaram com força total neste novo "Bem-Vindo ao Manicômio", com um time completamente reformulado. O som agora é um metalzão mutado, tão mais legal quanto mais lento – algo entre o registro baladeiro do Metallica e a intensidade do melhor Killing Joke. Dois discos bem diferentes entre si, mas altamente recomendáveis. *Auf deutsch gesungen* (ou seja, cantados em alemão). *ALEX ANTUNES*

Metal Tridimensional

Voivód: Denis D'Amour (guitarra), Michel Langevin (bateria) e Denis Belanger (voz)

Quem foi que disse não ser possível viajar e agitar ao mesmo tempo? Os canadenses do VOIVÔD estão aí para provar como fazer o chamado metal progressivo sem ter que matar ninguém de tedio. *The Outer Limits* (Mechanic/MCA), seu novo álbum, é único e justifica o título de grupo de metal mais criativo dos ultimos dez anos. Aperte os cintos e prepare-se para embarcar em uma viagem que mistura ao mesmo tempo *space rock*, progressivo, metal e outras praias. Até a capa é em 3-D, com direito aos óculos e tudo. As músicas se superam faixa a faixa e surpreendem com *riffs* e passagens que ultrapassam todos os limites da inspiração (ou mesmo da alucinação?). Os acordes em terça – característico no trabalho da banda – continuam presentes, mas desta vez de forma discreta. No repertório, destacam-se "The Nile Song", do Pink Floyd, e "Jack Luminous" de dezessete minutos (!). Até agora, não saiu nada melhor na área. *ROBERT HALFOUN*

MAIS

COCTEAU TWINS • Four Calendar Cafe (Fontana) Um dos grupos símbolos do selo 4AD, agora em uma *major* ■ **CHUCK PROPHET • Balinese Dancer** (Dutch East Indian) O ex-guitarrista do Green On Red em álbum solo ■ **JAMES • Laid** (Fontana) O sexteto de Manchester, com as mãos de Brian Eno na produção ■ **MEAT LOAF • Bat Out Of Hell II: Back Into Hell** (Virgin) Dezesseis anos após arrebentar as paradas com *Bat Out Of Hell*, o rotundo vocalista volta com seu sucessor, igualmente produzido por Jim Steinman ■ **THE POGUES • Waiting For Herb** (Warner) Volta do combo de folk punk após três anos, sem Shane MacGowan e com Spider Stacy nos vocais ■ **YO LA TENGO • Painful** (City Slang) Ira Kaplan (voz/guitarra) e Georgia Hubley (bateria/vocais) chegam com o sucessor de *May I Sing With Me*. *C.P.*

LANÇAMENTOS

Vem aí a BIZZ número 100.

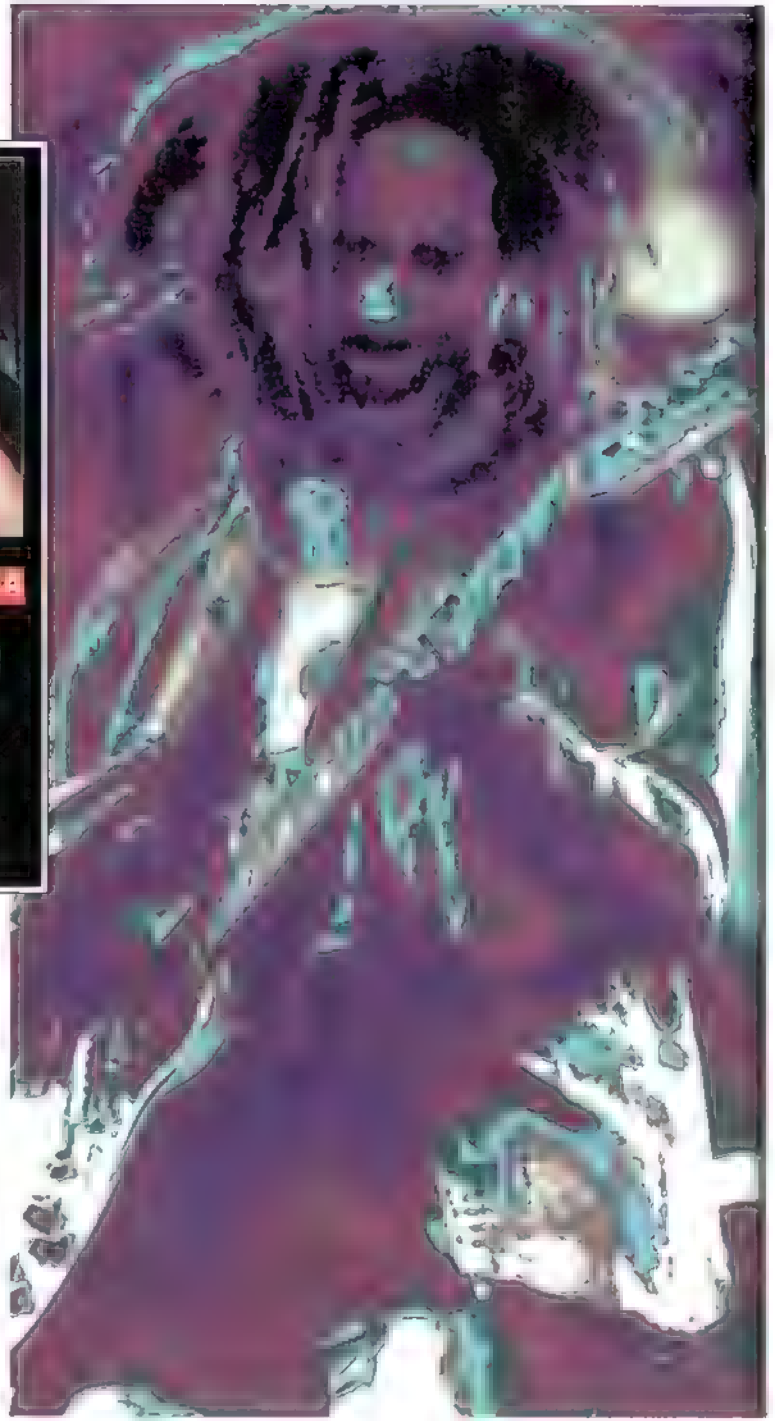
Na próxima Bizz: os 100 momentos mais marcant es do Rock/Pop + melhores discos + maiores

bandas + fatos marcantes + clips delirantes + l ncamentos surpreendentes + popstars + shows

imperdíveis + escandalos + musicas inesquec veis + instrumentistas alucinados. Não perca

Você vai ficar ace 1000

BIZZ



O cara morreu há doze anos e, falando francamente, nunca esteve tão vivo: aqui, como em todo o mundo, **BOB MARLEY** continua brilhando. Que nos desculpem os "ranks" da vida, os "bantons" de primeira e de última hora e até os nomes históricos, como Dennis Brown, Yellowman ou Burning Spear, mas a figura de Bob Marley é que nem mãe – só tem uma.

Às custas de... "um bom momento do reggae no Brasil" – *have mercy, God!* Faz vinte anos que esse bom momento não sai da linha! –, chega nas lojas doze CDs do rei do reggae, editados pela PolyGram. Alguns são inéditos por aqui (**Burnin'**, **Babylon By Bus**, **Confrontation**), outros são relançamentos (**Catch A Fire**, **Natty Dread**, **Uprising**, **Rebel Music**) e um terceiro time é de "re-relançamentos" (**Live At The Lyceum**, **Kaya**, **Rastaman Vibration**, **Exodus**, **Survival**). Escolha todos.

Catch a Fire (73) Foi o disco que logrou em internacionalizar Bob Marley, Peter Tosh e Bunny "Wailer" Livingstone, com "Concrete Jungle", "Kinky Reggae", "Slave Driver" e "400 Years" ■ **Burnin'** (73) Com a versão original de "I Shot The Sheriff" (que fez a cabeça de Eric Clapton), mais "Get Up, Stand Up", "Small Axe" e "Rastaman Chant" ■ **Natty Dread** (74) Do cacete! Bob Marley já sem Peter Tosh e Bunny "Wailer", mas bem servido pelas meninas (Rita Marley, Judy Mowatt, Marcia Griffiths), com "Lively Up Yourself", "Them Belly Fully", "Talkin' Blues" e "No Woman, No Cry" ■ **Live At The Lyceum** (75) Dizem que este foi um dos melhores shows do século. Eu acredito. Tem "Trenchtown Rock", "Get Up, Stand Up", "No Woman, No Cry" e "I Shot The Sheriff" ■ **Rastaman Vibration** (76) Este disco transformou Bob Marley num superstar em todo o planeta. Adivinhe por quê. "Positive Vibration", "Roots, Rock, Reggae", "Crazy Baldhead", "Johnny Was", "War", "Rat Race", "Cry To Me" e "Want More". *Do you want more?* ■ **Exodus** (77) Mensagem telúrica em apresentação cósmica: Marley chamava a raça na chincha, clamava pela volta à África e embrulhava tudo em papel dourado: "Jamming", "Exodus", "One Love", "Guiltiness", "Three Little Birds" e "Natural Mystic" ■ **Kaya** (78) Dizem que este disco marcou o fim do estilo "deixa-que-eu-chuto" do rei do reggae, que afinou depois de um atentado. Passe tudo a limpo ouvindo "Running Away", "Is This Love", "Misty Morning", "Sun Is Shining", "Kaya", "Satisfy My Soul" e "Time Will Tell" ■ **Babylon By Bus** (78) Marley já era uma celebridade. Os shows que deu no Pavilion, de Paris, viraram este álbum, com "Positive Vibration", "Punky Reggae Party", "Rat Race", "Lively Up Yourself", "Jamming", "War" etc. ■ **Survival** (79) Baixavam todos os caboclos no negão! A África-mãe dá o tom: "Zimbabwe", "Top Rankin'", "Africa Unite", "One Drop", "So Much Trouble", "Wake Up And Live" e "Ride Natty Ride" ■ **Uprising** (80) O som de Bob Marley se sofisticava, no estilo e na tecnologia. Foi seu último disco na Terra: "Coming In From The Cold", "Forever Loving Jah", "Bad Card", "Work" e aquela levada apenas com voz/violão, "Redemption Song" ■ **Confrontation** (83) Tratava-se de um disco póstumo, com singles só lançados antes na Jamaica e sobras de outros carnavais. "Rastaman Live Up", "Chant Down Babylon", "Give Thanks And Praises", "Buffalo Soldier" e "Stiff Necked Fools" ■ **Rebel Music** (87) Coletânea com um pouco de tudo de bom que o Tuff Gong deixou: "Rebel Music", "War/No More Trouble", "Slaver Driver", "Get Up, Stand Up", "Crazy Baldhead" e o single – até então inédito – "Roots" *OTAVIO RODRIGUES*

The Wild Magnolias

JUKEBOX

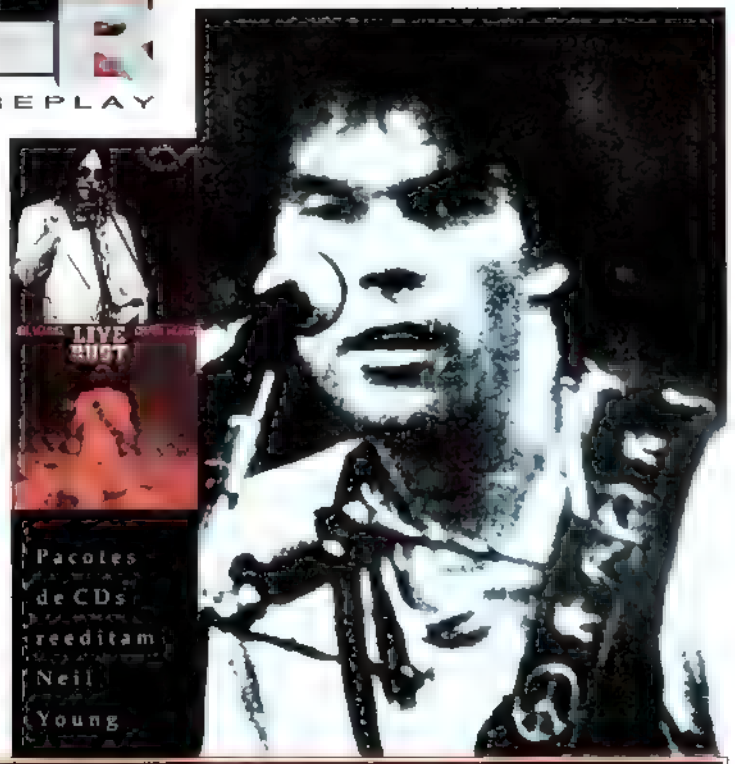
O Brasil é a terra do carnaval, mas a cidade de Nova Orleans não fica atrás. Lá acontece o Mardi Gras Carnival, com blocos vestidos de índios como fazem as tribos carnavalescas por aqui. THE WILD MAGNOLIAS é um deles, ou melhor, dois. Já que incorpora uma outra tribo chamada Golden Eagle. A primeira é chefiada por "Bo" Dollis e a outra por "Monk" Boudreaux (todos usam um apelido antes do nome).

São grupos que têm como base a percussão (na maioria, tambores) e as vozes, fazendo festa semelhante à do samba em nosso carnaval. Mas esta é embalada pela mescla de ritmos afro com r&b, soul e funk, característica da música de Nova Orleans. Por isso, a reedição de *The Wild Magnolias With The New Orleans Project*, álbum de estréia da "tribo", é um achado.

Lançado originalmente em 74 pelo selo Barclay, o disco trazia o delírio percussivo do bloco junto a uma banda de apoio – The New Orleans Project, na verdade um combo suingueiro, com acento no jazz rock à la Headhunters (o melhor grupo que já acompanhou o tecladista Herbie Hancock). Tudo a cargo de presenças ilustres da cena musical da cidade, como o tecladista Willie Tee, o saxofonista Earl Turbinton, Jr. e o lendário *bluesman* Snooks Eaglin na guitarra. As letras eram entoadas em ciclos hipnóticos com refrões que se repetiam de forma interminável, numa espécie de proto-rap. Todas numa mistura de inglês e *cajun*, o idioma local de descendência francesa. Caso tanto das tradicionais "When The Saints Go Marching In" e "Two Way Pak E Way" – em arranjos devidamente tribais – como de suas próprias composições. Estas, o *must* do disco, com certeza.

É de se notar que esta empreitada se deu um ano antes do aclamado álbum *The Wild Tchoupitoulas*, em que membros da tribo homônima eram acompanhados pelo grupo The Meters, encabeçados pelos irmãos Neville.

O melhor de tudo: além das seis músicas da prensagem original, esse relançamento em CD da Chronicles/Polydor incluiu cinco faixas-bônus. Entre elas, "Iko Iko" e "Shoo Fly", uma música de mais de nove minutos que conseguiu jogar num liquidificador rítmico toda uma enxurrada de raças e de culturas capaz de deixar qualquer pretendente a fazer *world music* no chinelo. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*



VIAGEM AOS 70

Ambos se projetaram nos anos 60, mas foi na década seguinte que destrincharam o filé mignon de suas carreiras individuais. Tanto **PAUL McCARTNEY** quanto **NEIL YOUNG** dispensam maiores apresentações. Eagora eles ressurgem em duas séries de CD

A de Neil, por conta do selo Reprise, ainda não tem previsão de aportar por aqui (alô, alô, Warner!). Ela é composta por seis discos: **Tonight's The Night, Zuma** (ambos de 75), **Long May You Run** (76, creditado a Stills-Young Band, que formou com o antigo chapa, Stephen Stills), a coletânea **Decade** (78) e a dobradinha **Rust Never Sleeps/Live Rust** (os dois de 79). À exceção da colaboração com Stills – apenas regular – não seria exagero dizer que os outros álbuns envelheceram como bom vinho, melhorando de sabor a cada audição. E mesmo a compilação é um artigo de raro valor, por ter sido feita pelo próprio Young a partir dos dez primeiros anos de carreira, além de contar com *liner notes* do compositor, referindo-se aos motivos de inspiração de suas canções favoritas.

Já o ex-parceiro de John Lennon tem sete de seus álbuns relançados pelo selo Parlophone na série *The Paul McCartney Collection*, alguns deles com faixas-bônus originalmente só presentes em singles

A lista começa com **Paul McCartney** (70, onde gravou todos os vocais e os instrumentos) e **Ram** (71, este creditado a ele e a Linda McCartney). A partir de então, passam a se denominar Paul McCartney And The Wings, lançando na sequência **Wings' Wild Life** (71), **Red Rose Speedway, Band On The Run** (ambos de 73) e **Venus And Mars** (75) A presente reedição não inclui os dois discos imediatamente posteriores – *Wings At The Speed Of Sound* (76) e o álbum ao vivo *Wings Over America* (77) –, mas se completa com **London Town** (78). Para os fãs do velho Macca é um prato cheio, mas aos neófitos recomenda-se ir com calma, pois é notório que o cara às vezes abusa na sacarina. E este lado baladeiro às vezes chega a melar o brilho das ótimas criações presentes nos seus discos.

Curiosamente, talvez o melhor e mais equilibrado deles – *Band On The Run* – é o único da série a chegar por aqui, via EMI-Odeon, juntamente com a coletânea **Wings Greatest** (78), um tanto óbvia demais. Mas com a iminente vinda de Paul ao Brasil, é possível que os outros discos apareçam nas versões nacionais em breve. Olho vivo. *CELSO PUCCI*

DO FOLK AO ISLÃ

Mais pacotes de artistas que conheceram a fama no início dos anos 70

A PolyGram lança por aqui na coleção *Bom & Barato* os oito discos mais significativos de Steven Demitri Georgiou que ficou mais famoso como **CAT STEVENS**. Nascido em 21 de julho de 47, no Soho, bairro cosmopolita de Londres, ele logo demonstrou a sua paixão pelo folk grego (devido à influência do pai) britânico e americano. Em suas canções, tentava uni-los ao rock'n'roll que se fazia então

Matthew And Son (67) foi sua estreia. O disco saiu pelo selo Deram, destinado às revelações da época. ■ **Mona Bone Jakon** (70), o quarto álbum (e o primeiro pelos selos Island na Inglaterra e A&M nos EUA), nasceu durante o ano em que Stevens passou no hospital devido a uma tuberculose. Tinha a produção de Paul Samwell-Smith (ex-baixista dos Yardbirds), Peter Gabriel na flauta (logo depois ele formaria o Genesis), Harvey Burns na percussão e o "fiel escudeiro" Alun Davies na guitarra. O hit era "Lady D'Arbanville" dedicado à atriz Patti D'Arbanville, sua ex-namorada. ■ **Tea For The Tillerman** (71) frequentou a parada dos EUA por mais de um ano e foi seu primeiro disco de ouro. O hit, "Wild World", foi antes gravado por Jimmy Cliff e em 88 por Maxi Priest. ■ **Teaser And The Firecat** (71) tinha "Peace Train" (que foi regravada pelos 10.000 Maniacs em 87) "Morning Has Broken" (com Rick Wakeman no piano) e "Moon Shadow". A capa do disco foi feita por Stevens, que também tornava o seu trabalho interativo (tanto quanto era possível para a época) produzindo até um desenho animado que era apresentado nos seus shows. ■ **Catch Bull At Four** (72) também ganhou disco de ouro. Em algumas faixas, um sintetizador era pilotado pelo próprio Stevens. "Can't Keep It In" e "Sitting" foram os hits. ■ **Foreigner** (73) foi outro que atingiu o ouro e começou a revelar suas ligações com temas filosóficos/religiosos, principalmente em "Foreigner Suite", canção que tomava todo um lado do álbum. Na época, Stevens vivia recluso no Brasil para fugir dos impostos. Parte do lucro de seus trabalhos foi então doada a obras de caridade e à UNESCO. ■ **Buddah And The Chocolate Box** (74) trouxe "Oh Very Young" e rendeu outro disco de ouro. ■ **Izitso** (77) trouxe o "último ouro" a Stevens. Depois de mais um álbum – *Back To Earth* (79) –, ele deu a maior guinada de sua vida: virou muçulmano, mudou seu nome para Yosef Islam e se casou com Fouzia Ali. Declarou não estar mais buscando os aplausos e a fama, leiloando seus bens (aí incluindo discos de ouro) para financiar uma escola islâmica em Londres. Trocou a meca dos popstars para rezar em direção à Meca, a verdadeira. *JOSÉ JULIO DO ESPÍRITO SANTO*

O VÔO DO PTERODÁCTILO

Uma banda muito cultuada do punk americano, Mission Of Burma, foi o embrião desta exdruxula agremiação chamada **BIRDSONGS OF THE MESOZOIC**. Roger Miller concebeu um formato peculiar: um naipe de três tecladistas – ele próprio, encarregado prioritariamente dos pianos, Erik Lindgren nos sintetizadores e Rick Scott nos órgãos –, mais o responsável pelos *tapes* do MOB, Martin Swope, que foi transformado em guitarrista.

Como se vê, nada de vocalista ou baixista. A percussão era programada ou executada coletivamente. E fora algumas similaridades com outros dos grupos pós-punk experimentalistas americanos (Wall Of Voodoo, Pylon) e com o precursor Pere Ubu, os caras seguiram um caminho próprio. Algo entre Stravinsky, Brian Eno, trilhas de desenhos animados e punk. Era uma espécie de alternativa radical ao rock progressivo, paralela a experiências européias como as praticadas pelos ingleses do Wire e pelos alemães dos Abwarts (*ver Zona Franca*)

Provavelmente, o ápice do grupo foi o álbum *Best Of The Mesozoic*, de 86, mas eles ainda continuariam, meio descaracterizados com a saída de Miller para formar o No Man. Um registro legal é o recém-lançado **The Fossil Record: 1980-1987** (Cunieform), com mais de setenta minutos de gravações inéditas, textos elucidativos e fotos históricas. O CD é distribuído no Brasil pela ReR. Cx. Postal 108 435, CEP 24401-970, Rio de Janeiro-RJ, Fone: (021) 712-3741. *ALEX ANTUNES*

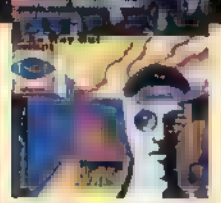
REPLAY

Uma versão ao vivo para "Ride Into The Sun", de Lou Reed, tocada pelo **VELVET UNDERGROUND**, em 67. A lendária e rara demo com que o **JOY DIVISION** – ainda com o nome Warsaw e o baterista Steve Brotherdale! – iniciou carreira, *jams* inéditas do **SONIC YOUTH**. Uma apresentação na íntegra do **HAWKWIND**. Estas e outras preciosidades integram a coleção **Sconcerto Series**, que a editora italiana Nuovi Equilibri vem editando de 90 para cá. São quase trinta livros em edições bilíngue (inglês/italiano) dedicados ao rock dos anos 60 (**GRATEFUL DEAD, SYD BARRETT**), 70 (**THE RESIDENTS, ROBERT WYATT,**) e 80 (**THE SMITHS, SISTERS OF MERCY**), com discografias, letras, fotos e históricos completos. Mas, na verdade, o grande lance são as gravações exclusivas – em vinil ou em CD – que vêm acompanhando cada volume da série, a título de bônus.

Portanto, fique de olho nas importadoras, pois as tiragens são limitadas e o material de excelente qualidade! Endereço para contato: Nuovi Equilibri – P.O. Box 97 – 01100 Viterbo/Italy – Fone: 0761/35-2277 – Fax: 0761/35-275

ARTHUR G. COUTO DUARTE

RODANDO LÁ FORA



CHOCOLATE WATCH BAND • No Way Out... Plus (Big Beat) O terceiro álbum do grupo psicodélico sessentista, com oito faixas-bônus (que correspondem ao "plus" do título da reedição) ■ **DR. JOHN • Gris-Gris/Babylon/Remedies/Desitively Bonnaroo** (Atlantic) Uma fornada de quatro discos do "vuduzeiro" de Nova Orleans, com títulos que só existiam em CDs alemães e japoneses. São os três primeiros álbuns de Dr. John – de 68, 69 e 70, respectivamente –, quase que apenas baseados nos ritmos locais e um disco de 74, sucessor de seu maior êxito (*In The Right Place*, de 73), com o pianista mais chegado ao rock ■ **FLIPPER • Album – Generic Flipper** (Def American) Reedição do álbum de estréia – de 82 – da cultuada banda punk de San Francisco ■ **FUNKADELIC • One Nation Under A Groove** (Westbound/Charly) O funk intergaláctico do grupo em disco de 78 puxado pelo hit homônimo ■ **IGGY POP • Suck On This! – Wild Animal** (Revenge) Enquanto se aguarda por aqui a edição do seu novo álbum (*American Caesar*), via EMI-Odeon, lá fora sai este disco ao vivo com doze registros inéditos feitos em 77, durante a excursão americana do Iguana. No cardápio, clássicos como "I Wanna Be Your Dog", "TV Eye" e "Search And Destroy". Detalhe: sua banda de apoio conta com a discreta presença de mr. David Bowie tocando teclados, além dos irmãos Hunt e Tony Sales, futuros membros da Tin Machine ■ **LYDIA LUNCH • Crimes Against Nature** (Triple X) Caixa de três CDs dando uma geral na carreira da vocalista/guitarrista/compositora nova-iorquina e musa da *no wave* ■ **THE RUNAWAYS • And Now... The Runaways** (Anagram) O quinto álbum de Joan Jett & Cia., gravado em 79, agora aparece em CD pela primeira vez ■ **WIRE • 1985 - 1990 – The A List** (Mute) Uma compilação de singles do grupo minimalista britânico, que aborda a sua fase mais techno.

CP

SHOPPING BIZZ SHOPPING

CONCURSO SUB POP - STUDIO TAN
GANHADORES:
Reverend Horton Heat: Eduardo Alexandre Pégas Brandão • Josiel Bernardino da Silva • Antonio Marcelo Fialho • Alan de Simoni • Edmundo Martins Siqueira Jr. • Sebastião Lucio Fruttuoso • Rogério Anderson Rodrigues • Patrick de Barros • Paulo Roberto Boqueiro Brandão • Otavio Vicente Boccuzi Jr. • Marcelo Theobald de Carvalho • Ronaldo K. Corte Real • Fernando Dias Geraldo • Carlos Parada • Humberto Prates • Daniel Soares Luz • Marco Antonio Stelz • Erik Neil Schmitt • Henrique Goffredo Neto • Edson dos Reis Pontil Ariovaldo José Rossetti • José Rafael de Oliveira Junior • Sandra Regina Di Sessa • Lucas Martins Bastos • Rubens Francisco de Oliveira.

GUITAR
Solicite
CX. Postal 8106
CEP 01064-970 - SP
Assine já: (011) 223-7605
Nas melhores Bancas e Lojas do ramo.
Hélio Cortez Music do Brasil - Tudo em matéria de Books de Rock

RECORDS

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E AULA DE GUITARRA
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

LOW LIFE RECORDS
CDs • LPs • COMPACTOS
Distribuição de selos independentes
GRIND • DEATH • HARDCORE • EXPERIMENTAIS
Atendemos exclusivamente pelo correio escreva e receba catálogo com 40 páginas (A5).
ATENDEMOS TODO O BRASIL
CAIXA POSTAL 8700 - SÃO PAULO - SP
CEP 01064-970 - FONE/FAX: (011) 835-8791

ROXY LASER RENTAL
A Nº 1 EM LOCAÇÃO DE CDs
• + de 7.000 TÍTULOS DISPONÍVEIS
• TODOS OS GÊNEROS MUSICAIS
• RARIDADES, PIRATAS, SINGLES...
• VENDAS: ESTOQUE/ENCOMENDAS
• A ÚNICA EM DOIS ENDEREÇOS
LOJA 1: AV. ACLIMAÇÃO, 871 - ACLIMAÇÃO
TEL.: (011) 277-0909
LOJA 2: R. DR. MELO ALVES, 734 - JARDINS
TEL.: (011) 282-3677

CENTRAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ATENDEMOS A TODO O BRASIL
Fax: (011) 815-0880
Fone: (011) 883-5080
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

MUZIK alternativo MUSIC
CDs LPs ACESSÓRIOS
ABRA SUA MENTE HORIZONTE MUSICAL
VEJA O QUE A MUZIK TRAZ PARA VOCÊ:
ALAMEDA JAÚ, 1512 - JARDINS
TEL.: (011) 282-3677 • FAX: (011) 852-8095
SEG. - SEX. 10 ÀS 20 HS / SÁBADO: 10 ÀS 16 HS
REVENDEDOR AUTORIZADO:
CRISTAL CHAT DISCOS • HYPERIUM • SUBWAY

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Editor Especial: Carlos de Salles Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Redator Especial: Alex Antunes
Editor: José Júlio do Espírito Santo
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Diagramadores: Antônio Fernando Mena, Flávio Vianna
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos, Camilo Rocha (Londres), Anaor Barcinski, José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Adalto Félix, Alexandre Rossi, Álvaro Pereira Jr., Arthur G. Couto Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Celso Fioravante, Claudio Campos, Cláudia Lima, Cristiane Fontes, Evi Otto, Fábio Massari, Ian Field, Ines Ioli, João Ricardo Lima, Leonival C.S. Junior, Otávio Rodrigues, Robert Halfoun, Regina de Campos. **Fotografia:** Angelo Pastorello, Rose Manuele, Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Ilustradores:** Eli Sumida, Matanzza Spetto, Fábio Cobasso.

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Goldeano Bustos, Ricardo Santos.
Gerente: Ana Lucia Serra
Contatos: Ana Lucia Bertoia, Ana Maria Lobo, Cristiane Machineck Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Pereanoto, Igor Assun, Jose Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Morandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Antonieta C. Dias
Gerente de Produto: Andre Felipe D'Arruda
Gerense de Promoções: Sandra Gulli Pomponi

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Fraião
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosiane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Lurge de Lima Divina Caixeta

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 99, outubro de 1993). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7566, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - sala 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 533-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varas, Agrraça dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não foram entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins exclusivamente de divulgação e promoção de seus produtos que julgarmos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço do último número em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou do distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. Caixa Postal 2505, Osasco - SP, CEP 06053-970, tel. (011) 810-5001 ramal 213 ou 344, fax (011) 810-4300. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda., Postscript Artes Gráficas, Gratcolor
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Genética, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7566 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP

Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - sala 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 533-1486 - CP 4816

Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone (213) 474-7811

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3401 - New York - N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-9190/9193 - Telex (00) 237670 - Fax (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 42663130 - Telex (0042) 660731 ABRIPA - Fax (00331) 42661399

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SCS Ed. Ventanco, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644

Campinas: C2 Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975

Minas Gerais: M&M Publicidade e Propaganda Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1909 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9514 - Fax: (031) 226-2059

Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-906 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844

Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 502 - cj. 206 - CEP 90160 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528

Santa Catarina: By Semanna - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SÓ EXISTEM DUAS MANEIRAS DE CONHECER BEM O CARIBE.

ESTA É UMA DELAS.

Este é o mais completo guia do Caribe que você pode encontrar. Tem tudo: passeios, compras, hotéis, restaurantes, preços e muitas dicas pra você curtir o máximo de cada ilha. *Guia do Caribe*. Com ele você viaja, de um jeito ou de outro.

EDITORA
AZUL

REGGAE RAIZ, PARABÉNS!

São 5 anos, 10 meses e 20 dias acalmando suas mentes pensantes e levitando seus pés dançantes
Diariamente na sua Rádio de ponta *Brasil 2000 107,3 FM*
REGGAE RAIZ - o primeiro e único com a dupla mais *rudi in a dial*
Jai Mahal & China Kane tramando a revolução em silêncio

contatos: Shows, festas e outros
Programa Reggae Raiz - Rádio Brasil 2000
R. Pedro Soares de Almeida, 74 Cep 05029030 Pompéia SP Tel.: (011)872-7272 Fax 262-3012
Jai Mahal Records & Produções - R. Wisard, 565 Cep 05434080 V. Madalena SP
China Kane Records & Produções - R. Gabriel Covelli, 128 Cep 02533000 Casa Verde SP

Apoio
Revista Fluir / Studio Gisé - Fone/Fax 864-4141 / Revista Bizz / Dimensão Turismo - Fone 545-2240 Fax 545-2759

EU FALEI COM LENNON

Sou leitora da BIZZ desde o nº 7 (um número bem cabalístico, aliás) e grande fã de rock. Desde os seis anos de idade, sou médium. Cerca de dois meses atrás, recebi uma mensagem psicografada de John Lennon e, depois de ponderar muito, resolvi mandar essa carta para transmitir a sua mensagem para todos os leitores da BIZZ, a mais importante revista de música do Brasil.

John dissertou sobre o sentido da vida e da morte, os Beatles, seu amor por Yoko, Julian, Sean e Paul McCartney. Então, vou transcrever os trechos que julguei mais importantes, já traduzidos para o português: "...Não culpem Mark Chapman, ele não sabia o que fazia. Sua mente estava dominada pelo verdadeiro culpado pela minha morte, Aleister Crowley, o mago, a besta 666... Eu era jovem e tolo. Meu envolvimento com ele e a magia negra foi mais nocivo do que eu poderia julgar. Embora já desencarnada, a alma de Crowley tinha imenso poder. Foi ele que levou Brian Jones à morte e dominou a mente de Chapman para me levar também...Os Beatles voltarão a se reunir em 95 e sairão pelo mundo... Eles virão ao Brasil, a Terra Sagrada... Antes do ano 2.000, surgirá um novo grupo que superará os Beatles. Abram seus corações para ele. A minha alma os acompanhará de perto.... Que a luz e o amor estejam com todos."

Esta foi a mensagem de John.

Sígila Carbaço Reys
Rio de Janeiro/RJ

CORREIO SENTIMENTAL

Eu peço a vocês que publiquem na próxima revista uma matéria super-super-super de-ma-is com a super banda brasileira que me deixa louca: Paulo Ricardo & RPM.

Na verdade sou completamente doida pelo baterista Marquinhos Costa. Estou perdidamente apaixonada por aquele tesão. Foi amor à primeira vista! Nem consigo dormir direito. Sonho com ele toda a noite. Eu estou quase enlouquecendo. Vocês não querem me ver no hospício, não é? Sou loira, magra, olhos verdes, tenho dezesseis anos e 1,60 m. Adoro música (principalmente rock pesado e dance music). Amo vocês! Da quase infartada.

Andréa C. Silva
São Gonçalo/RJ

TITÃS E A TRAIÇÃO DA BIZZ

Seus filhos da puta, está faltando informação? Vai ler o Estadão. Vocês dão o cu para os Titãs? Fazem uma edição de capa para eles com uma matéria de cinco páginas e agora, na edição 98, classificam o disco deles como o pior. Ouvi uma música do álbum deles e senti que é uma bosta mesmo. Não culpo o André Barcinski, mas sim o Carlos Eduardo Miranda, que eu acho até que fez uma chupetinha para o grupo. André, gostei.

Ricardo Peixoto
Guarani/MG

Parabéns ao Barcinski, finalmente alguém com cérebro notou o que se passa com a bandinha paga-pau, metida a Nirvana, chamada Titãs. O disco é um lixo, eles tentaram pegar a onda grunge para sair do buraco, mas escorregaram na prancha e se afogaram. Esta crítica maravilhosa recompensou a ridícula reportagem da BIZZ anterior, que só serviu para gastar páginas com uma "sessão puxa-saco" com descerebrados.

Juliana Bertolini
São Paulo/SP

Aquela palhaçada que escreveram sobre os Titãs fedeu. Pô, qual é? Vocês não criticaram, mas sim avacalharam. Gostaria que o Barcinski sucumbisse.

Mauricio Lederman
Porto Alegre/RS

Não se pode mesmo confiar em vocês. Primeiro, uma matéria razoável com fotos legais e uma capa decente. O que eu não entendo é por que essa traição agora? Gosto das reportagens do Barcinski, mas ele só é bom para falar de discos estrangeiros. Foi feio, baixo e pequeno o que vocês fizeram. Uma facada nas costas da banda.

Tania C. Leonardi
Mauá/SP

Seus comos filhos da puta. Como têm coragem de falar mal da melhor banda de rock do Brasil, os Titãs. Vocês são uns babacas lazarentos.

André S. Batochio
Piracicaba/SP

Essa foi a pior crítica que eu já vi na BIZZ. Um comentário sem sentido, pois traz uma conversa entre os Titãs, sem mencionar fontes. Com certeza não é uma coisa correta e talvez até não seja verdade! Só acreditaria se um dos Titãs confirmasse publicamente o tal bate-papo. E também, sabe-se ao ler, que o cidadão André Barcinski está mal intencionado, querendo destruir um dos melhores grupos do Brasil.

Eduardo Paulino Gonçalves
Campo Grande/ES

André "Bundacinski", aquilo que você fez foi um insulto e não uma crítica. Este tipo de coisa só pode vir de um *playboy*, poseur e imbecil. Cara, você merece ser processado. Não sabe o que é ter uma banda, o trabalho que dá para compor, produzir, acertar as canções. Você não sabe porra nenhuma de música.

Filipe Lima Duarte
Natal/RN

André "Babacacinski", não sei o que você quer, nem o que você gosta. Qual é o problema, seu bosta?!

Ricardo Sanches
São Bernardo do Campo/SP

Nossa! Como é engraçadinho o tal do Barcinski? Vocês viram o seu comentário sobre o disco dos Titãs? Que criativo! Ô babaca, vê se te arruma, retardado! Todo mundo já sabia que iria aparecer um crítico (?) palhaço para falar que o disco é grunge. Você critica o melhor grupo do Brasil dizendo que estão aproveitando a moda. Bom, e você, o que fez ao escrever aquele livro de entrevistas (e tentativas frustradas de realizá-las) lá nos EUA? Pegou carona na moda também, otário. Por isso, se os Titãs tivessem embarcado nessa bobeira de grunge, fariam o mesmo que você, goiaba! Mas isso se explica: sabendo como os Titãs são adorados no Brasil inteiro, falou mal só para chamar atenção. É a "síndrome de Forastieri".

Guilherme Seriomai
Brasília/DF

QUE BAIXARIA!

Adorei a entrevista com o Viper, mas os palavrões estavam uma baixaria (tipo "fazer sexo oral com o próprio pau"). Como vocês podem publicar isso? E por falar em "publicar", o André Barcinski está de parabéns por ter feito aquela matéria com o G.G. Allin, pois para aturar um cara desses por quinze minutos, você tem que ser um tremendo nojento!

Carlos Alberto Silva
Louveira/SP

AINDA SOBRE OS "PIORES DISCOS"

Escrever para esta revista medíocre e sem qualidade é um sacrifício. Mas minha revolta foi crescendo e não deu para aguentar. Vão se foder, seus filhos da puta do Largo 13. Falo em nome dos beatle-maníacos. Fodam-se de frente e de trás!!

Vilma Rocha
São Paulo/SP

EDUCAÇÃO SIM, SAMBA NÃO

Ignorem as cartas de alguns leitores mal-educados. A BIZZ está ótima, o novo visual arrasou! Apenas não façam mais reportagens com Dorival Caymmi & Cia. Ecletismo sim, matérias cheirando a sambão e bossa nova, não!

Eliane Carlos de Souza
Rio de Janeiro/RJ

ROCK PRÁ VIAGEM

AGORA VOCÊ PODE LEVAR
PRA CASA AS MELHORES
BANDAS DO ROCK NACIONAL.
SÃO QUASE TODAS CRIAS DA 97FM,
REUNIDAS NO DISCO TEEN SPIRIT.
UMA VIAGEM.

GOLPE DE ESTADO
NEM POLÍCIA, NEM BANDIDO - PAIXÃO

OKOTÔ
WHOLE LOTTA ROSIE

RATOS DE PORÃO
SOFRER - COMMANDO

SEPULTURA
DRUG ME (INÉDITA NO BRASIL)

VIPER
A CRY FROM THE EDGE - LIVING FOR THE NIGHT

VOLKANA
PET SEMATARY - DARKNESS

TEEN SPIRIT
JÁ À VENDA EM CD E LP

Globo Vídeo
ELDORADO

97 97,7FM/HTZ

discoteca básica

THE MODERN LOVERS
The Modern Lovers

PERFORMANCE

Lançamento: 1976 **Produção:** John Cale, nas músicas "Roadrunner", "Astral Plane", "Old World", "Pablo Picasso", "She Cracked" e "Someone I Care About". As demais faixas vêm de gravações da própria banda, com nome do produtor não-creditado **Faixas:** "Roadrunner" • "Astral Plane" • "Old World" • "Pablo Picasso" • "I'm Straight" • "She Cracked" • "Hospital" • "Someone I Care About" • "Girl Friend" • "Modern World" **Notas:** Todas as faixas foram gravadas em 72, como uma demo para a Warner, que nunca as lançou. Quatro anos depois, foram reunidas em disco pelo selo Beserkley • O disco vendeu apenas seis mil cópias quando lançado e nunca figurounas paradas • Disponível em CD nos EUA (edição da Rhino), na Inglaterra e na Alemanha (em ambas do selo Line) • No Brasil, não surgiu em nenhum formato.

David Robinson, Jerry Harrison, Jonathan Richman & Ernie Brooks

Do punhado de pessoas que já ouviu falar em Jonathan Richman, a maior parte delas ficou conhecendo seu nome através da gravação de "Roadrunner", feita pelos Sex Pistols, na trilha de *The Great Rock'n'Roll Swindle*.

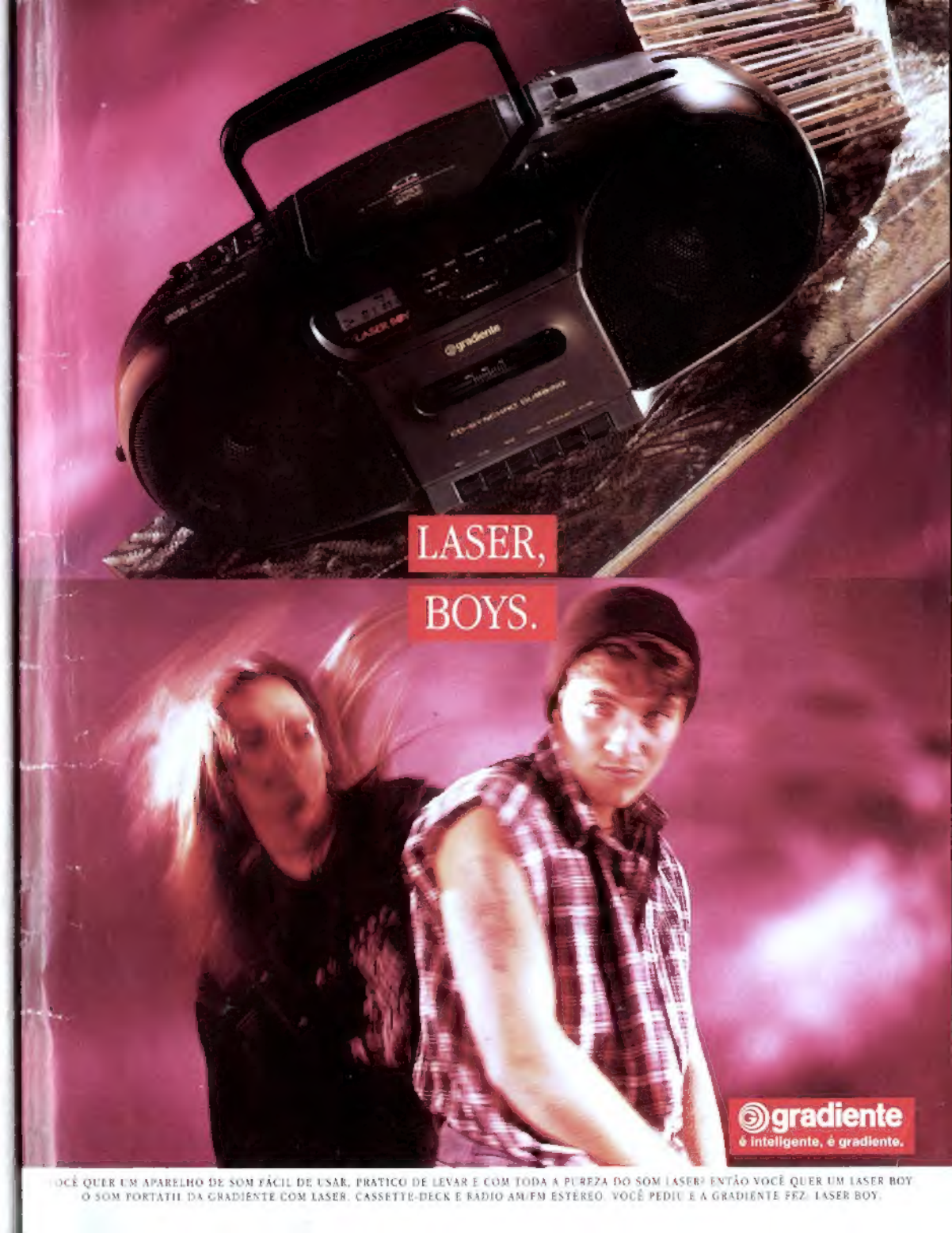
A história do garoto que, com o seu carro em alta velocidade com o rádio ligado, se descobriu um "apaixonado pelo mundo moderno", botou os discípulos do levante punk para caçar os discos deste precursor de Boston, Massachussets. Uma missão quase impossível – achar os discos de Richman e sua banda, os Modern Lovers – mas que, uma vez cumprida, trazia a recompensa de se encontrar o verdadeiro elo perdido entre o Velvet Underground, os Stooges e a renascença do rock'n'roll nova-iorquino, que foi puxada pelos New York Dolls no início dosanos 70.

Nada comprovava melhor o caráter pacifista dos hippies do que o fato de Richman não ter sido linchado no campus da universidade, entre 70 e 71, quando – de cabelo bem curtinho – cantava, para todos ouvirem, canções como "I'm Straight" ("Eu Sou Careta"). O garoto era o mais assíduo frequentador de shows do Velvet Underground e dos Stooges e, em pouco tempo, montou os Modern Lovers – pois se "sentia muito sozinho". Junto a Ernie Brooks (baixo), Jerry Harrison (o futuro Talking Heads, nos teclados) e David Robinson (na bateria, depois The Cars), Richman usou como chassis instrumental para as suas peculiarissimas letras uma propulsão encorpada, simplória mas energética, com que as guitarras e o órgão em uma única camada comandavam a clássica "What Goes On", da banda de Lou Reed e John Cale. A mesma base sonora, não por acaso, dos dois primeiros álbuns dos Talking Heads – além do que, a imagem de rapaz simultaneamente ingênuo e sério retratada nas letras de Jonathan Richman prefigurava a persona "pré-tropicalista" de David Byrne.Como letrista, olcabeça dos "amantes modernos" foi insuperável. Em "Pablo Picasso" obtinha a proeza de rimar o nome do pintor com "asshole", no lapidar verso: "Às vezes você tenta ganhar uma garota e ela te chama de cuzão/ Isso nunca aconteceu com Pablo Picasso". E existiram poucas baladas românticas tão originais como "Hospital", em que o protagonista amarga a espera da saída da namorada internada. Em 72, a banda atraiu a Warner, que a levou para Los Angeles, onde gravaram uma demo com John Cale (à esta altura, ex-Velvet e produtor do primeiro álbum dos Stooges), claro, escolha de Richman.

As gravações arrepiaram os executivos da gravadora e ficaram só acumulando poeira em alguma prateleira até que o selo Beserkley as lançasse, quatro anos depois, em forma de "álbum de estréia", capa preta com um coração azul e o nome The Modern Lovers . Apenas duas outras sessões de gravação foram feitas antes de Richman desmontar o grupo original e partir para outra: uma iniciativa autoproduzida num estúdio em Boston, logo após a volta de Los Angeles (da qual algumas faixas engrossam o disco da Beserkley), e outra demo produzida pelo incansável agitador californiano Kim Fowley, em 73. Esta última acabou sendo o segundo único registro dos Modern Lovers, também lançado postumamente, pelo selo inglês Bomp! Amadorísticas até a medula, estas gravações valeram mais como curiosidade e item de colecionador: não chegavam perto das produzidas por Cale, estas sim, verdadeiros documentos históricos. Mais até do que os New York Dolls, os ML deram um "too much, too soon" e estavam ao menos quatro anos à frente de seu tempo. Hoje, uma banda como Ween traz uma excentricidade debilóide aparente, embalada em melodias infantis, que é um verdadeiro tributo a Richman. Se não for imitação pura e simples...

Richman está à frente de New York Dolls, Suicide, Television, Ramones etc, perdendo em importância só para o Velvet e os Stooges. E ele segue solo cantando a vida no mato, um sorriso e olhos faiscando com uma inteligência que não estamos acostumados a ver no rock'n'roll e do pop. Uma história antiga: a profecia está cumprida e o visionário feliz no casulo quentinho do ostracismo.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS



VOCÊ QUER UM APARELHO DE SOM FÁCIL DE USAR, PRÁTICO DE LEVAR E COM TODA A PUREZA DO SOM LASER? ENTÃO VOCÊ QUER UM LASER BOY.
O SOM PORTÁTIL DA GRADIENTE COM LASER, CASSETTE-DECK E RÁDIO AM/FM ESTÉREO. VOCÊ PEDIU E A GRADIENTE FEZ: LASER BOY.

Pauleira In Utero

The New Album

Sua mãe vai se arrepender de ter colocado você no mundo.

Em CD, K7 e LP

BMG
BMG ARIOLA DISCOS LTDA.